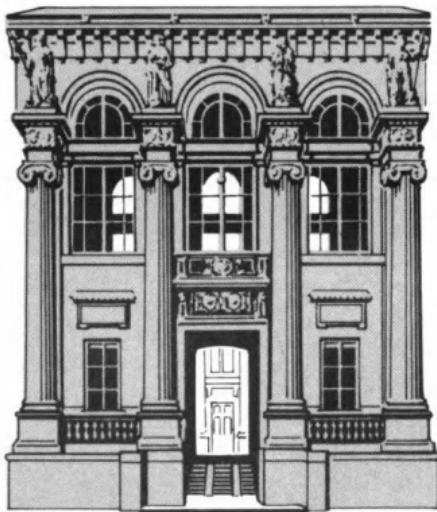


2.569
E-12
P-2

TAYLOR INSTITUTION LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

1900

V4. II. P1789

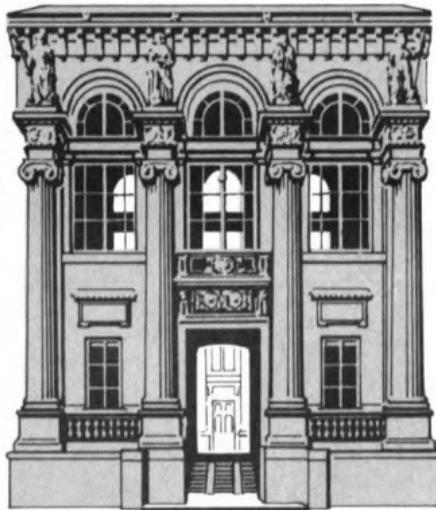
[caption 2]

Vet. Fr. II A. 1855

HENRI ADA.

2.569
E-12
P-2

TAYLOR INSTITUTION LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

1900

V4. II. P1789

[~~leaf~~ book 2]

Vet. Ex. II A. 1855

HENRIA DA.

H E N R I A D A
P O E M A E P I C O ,
C O M P O S T O N A L I N G U A F R A N C E Z A

P O R

M r . D É V O L T A I R E ,

*Traduzido, e illustrado com varias notas
na Lingua Portugueza*

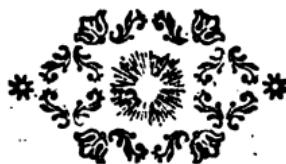
P O R

T H O M A Z D E A Q U Í N O

B E L L O E F R E I T A S ,

M E D I C O F O R M A D O

P E L A U N I V E R S I D A D E D E C O I M B R A .



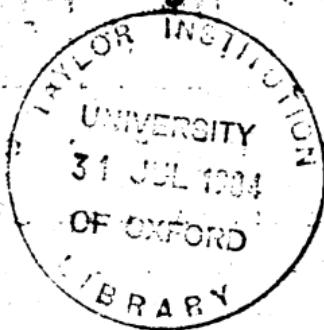
P O R T O ,

N A O F F I C I N A D E A N T O N I O A L V A R E Z R I B E I R O
A N N O M . D C C . L X X X I X .

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

..... Incedo per ignes
Suppositos cineri doloso.

Eu caminho por cima do fogo escondido
debaixo da enganadora cinza.



Foi taxado este livro em papel a 400 reis
Meza 26 de Novembro de 1789.

Com tres Rubricas

P R E F A Ç A Õ

D O E D I T O R.

HUm dos primeiros Poemas Épicos , que se conhece na Europa , he sem contradiçāo a Henriada de Monsieur de Voltaire.

Este grande homem , nascido para elevar todos os generos de Poezia ao maior auge da perfeição , soube com dexteridade moderar n'este Chefe d'obra o fogo do seu entusiasmo , e sujeitallo escrupulosamente ás mais exactas regras da Epopéa , sem prejuiso algum da parte dos ornamentos , e daquellas riquezas de imaginação , que conciliaõ successivamente a admiração , o amor , e todos os mais sentimentos , de que são capazes as almas sensíveis. N'uma palavra ; tudo he grande , maravilhoso , e interessante n'este Poema , o unico , de que se gloria a Nação Franceza. A grandeza do Heróe , e da acção assás memoraveis na historia , forma a do assunto ; A vivacidade das imagens , a nobreza dos pensamentos , e a rapidez de hum estylo sempre elegante , e harmonioso , forma a grandeza , e o carácter do Poeta.

A

A preciosidade de huma obra s̄imilhante , que n'este ramo de litteratura a todos serve de instrucçāo , e à muitos tem servido de modelo , fez emprehender a Bello a presente traducçāo como amante da Poesia Nacional , só a fim de aperfeiçoar o bom gosto das Musas Portuguezas , e de inspirar pelo menos á mocidade estudiosa , por via das primeiras noçōens d'ella na propria lingua , a importancia , e fecundidade das suas bellezas originaes.

Como porém no contexto do mesmo Poema se encontraõ algumas censuras , que á primeira vista parecem temerarias , he pre-eisa prevenir o Leitor menos intelligente , com os motivos , que formaraõ o seu objecto .

A Corte de Roma , que no decurso de muitos seculos velou unicamente pelo bem espiritual do Christianismo , passando depois a estender as suas vistas politicas sobre os interesses temporaes da Europa , e a tomar parte nos negocios della , irritou de maneira os Soberanos , de quem se quiz fazer arbitra , que daqui se originaraõ os infinitos males , e desordens , que nos refere a historia .

He verdade , que alguns Papas mais aclamados , e pacificos , seguindo sistema di-
ver-

verso, mantiveraõ no seu Pontificado as coisas em socego , porém Sixto V. , cujo carácter turbulentõ he bem conhecido , teve tal influencia nos calamitosos Reinados de Henrique III. e Henrique IV; que os raneezes lhe attribuem huina grande parte das funestas desgraças , que experimentaraõ durante as guerras da Liga. Sobre as suas maximas , e intrigas , he pois que recahe a censura do A. , o qual se escrevesse dos successos do nosso tempo , naõ deixaria de louvar a circunspecçao , e conduta dos ultimos Pontifices , que cheios de luzes , e inteireza tem feito reviver o desinteresse , e a virtude dos seculos primitivos.

Declama tambem o A. contra o pernicioso systema , que seguirão entaõ alguns Ecclesiasticos , e Regulares em seduzir , e manter os Póvos na rebelião ao seu legitimo Soberano , e sobre tudo contra a monstruosa doutrina , que espalhavaõ a favor do Regicidio ; mas estas opinioens absurdas , que só grassaraõ nos seculos da ignorancia , e barbaridade , estão hoje condenadas severamente pela Igreja , conforme com a auctoridade do Apostolo , que tanto nos recommenda a obediencia , e fidelidade para com os Príncipes , e superiores. (1) Ora

(1) Ep. ad Rom. cap. 13. v. 1. 2. 3.

Ora he certo , que assim como a vítre de da parte senão communica ao todo ; igualmente o vicio não pode contaminar . A Jerarquia Ecclesiastica , porque em si mesma de homens , via muitas vezes sahir de seu seio alguns individuos , que , affastando-se dos solidos principios do Evangelho , se precipitaraõ , e a outros configo em erros enormes : Mas v. g. porque os Hereticos Luthers , e Calvino sahirao do Sacerdotio , e fôrão os corruptores de grande parte da Europa , deixaremos nós de ter em menor respeito , e veneração , hum Estado , e corporações , de que tem emanado tantos bens á Igreja ? Este seria hum absurdo indigno da racionalidade do homem !

Finalmente em todas aquellas passagens , onde o A. discorre com liberdade (sem embargo de ser isto hum Poema) se acharam as notas competentes ; assim como sobre a imputação , que elle , e quasi todos os Estrangeiros fazem ao supremo Tribunal do Santo Officio , nas quaes se manifestam os errôneos sentimentos da maior parte dos Escriptores , que fallao n'esta materia.

HISTORIA ABBREVIADA

*Dos acontecimentos, em que se funda a Fabula
do Poema da Henriada.*

O Fogo das guerras Civis, que ateou as primeiras faiscas no governo de Francisco II., e abraçou a França na menoridade de Carlos IX., suposto entre os Povos tivesse por fundamento a Religião, ella com tudo não era mais, que humero pretexto; de que se serviu os Grandes. Catarina de Medicis, Rainha Mai, aventureu mais de huma vez a conservação do Reino por manter a sua autoridade; armindo o partido Catholico contra o Protestante, e os Guizas contra os Bourbons, só a fim de opprimir huns pelos outros.

França tinha então por desgraça sua, muitos Senhores poderosíssimos, e por consequencia fiediosos: os Povos se haviam tornado fanaticos, e barbaros por esse furor de partido, que inspira e falso zelo dos Reis ainda meninos, em nome dos quaes se assolava o Estado: e o infeliz Reinado de Carlos IX. se fez notavel pelas sanguinolentas batalhas de Dreux, de S. Denis, de Jarrie, e de Montcontour. As Cidades mais opulentas erão tomadas, reconquistadas, e saqueadas alternativamente pelos partidos oppostos: fazia-se morrer os prisioneiros de guerra nos mais exquisitos, e inventados supplicios: humas, e outras Igrejas se reduziaõ a cinzas pelos Reformados, e pelos Catholicos; e se olhavam os enterramentos, e assassinatos, como ringança de inimigos habeis, e astutos.

A

A funesta noite de S. Bartholomeu poz o cunhalo a tantos horrores. Henrique o grande entaõ Rei de Navarra , na flor da sua mocidade , e Chefe do Partido Reformado , em que tinha nascido , foi aliliado á Corte com os maiores Senhores da sua facção , onde o czazaro com a Princeza Margarida , irmá de Carlos IX. Entre o regosijo d'estas nupcias , e no meio da mais profunda paz , quebrantando a fé dos juramentos mais solemnes , dispôz Catharina de Medicis essa horrivel carniçaria , de que se deve perpetuar a memoria (por mais affrontosa que seja para o nome Francez) a fim de que os homens propensos sempre a enredar-se nas disputas da Religiao , vejam a que excessos os pôde conduzir o espirito de parcialidade.

Vio-se entaõ n'huma Corte , que se jactava de polida , huma mulher celebre pelos seus attrativos , e descriçao , e hum Monarcha de 23 annos ordenarem muito a sangue frio a mortandade de mais de hum milhaõ de seus Vassallos ; e esta mesma Naçao , que hoje não pôde sem tremer de horror lembrar-se d'este crime , o commetteu entaõ com transporte , e zelo , tanto assim , que mais de cem mil homens forão assassinados pelos seus compatriotas ; e sem as prudentes precauções de algumas virtuosas personagens como o Presidente Jeannino , o Marquez de Saint Herem , e outros ; a metade dos Francezes degolava a outra metade.

Como Carlos IX. não viveu muito tempo depois do S. Bartholomeu ; seu irmão Henrique III. abandonou o Throno da Polonia , para vir reabysmar a França em novas desgraças , das quaes só

a livrou Henrique IV., tão justamente denominado o Grande pela posteridade, que he quem unicamente pôde dar este titulo.

Voltado Henrique III. á França achou nella dois partidos dominantes: hum era o dos Reformados, renascendo das suas cinzas mais violento que nunca, e tendo á frente o mesmo Henrique o Grande, a esse tempo Rei de Navarra; o outro era o da Liga, facção poderosa, e formada lentamente pelos Guizas, bafejada pelos Papas, fomentada pela Espanha, augmentandose todos os dias pelo artificio dos Ecclesiásticos, e consagrada na apparencia pelo zelo da Religiao Cathólica, mas tendendo efficazmente para a rebelião; era seu Chefe o Duque de Guiza, chamado o Balafré, Príncipe de huma reputação brilhante, cujas qualidades erão maiores, que boas, e que parecia ter nascido para mudar a face do Estado n'estes tempos de perturbação, e desordem.

Henrique III. em vez de suffocar estes dois partidos debaixo do pezo da aucloridade Real, lhes deixou criar forças pela sua fraqueza, e julgou dar hum passo muito politico em se declarar Chefe da Liga, da qual nunca foi senão hum escravo. Elle se viu compellido a fazer a guerra pelos interesses do Duque de Guiza, que intentava destituirlo; contra o Rei de Navarra seu cunhado, e seu herdeiro presumptivo, o qual só cuidava em estabelecer a aucloridade Regia, conhecendo muito bem, que obrando assim para com Henrique III., a quem devia succeder na Coroa, trabalhava ao mesmo tempo pela sua propria utilidade.

O Exército, que Henrique III. enviou contra

ma o Rei seu cunhado , foi batido em Coutras ,
em cuja batalha morreu Joyeuse seu privado ; po-
rém o Navarrez não quiz tirar outra vantagem da
victoria , que a de reconciliar-se com o Rei , e
por isso ainda que vencedor pediu a paz , a qual
o Rei vencido se não atreveu a aceitar com me-
do do Duque de Guiza , e da Liga. N'este mes-
mo tempo desbaratou Guiza hum Exercito de Al-
lemaens , e estes sucessos do Balafré , humilhá-
ram ainda mais o Rei de França , que então se
julgou vencido pelos da Liga , e pelos Reforma-
dos.

O Duque de Guisa destumbrado pela sua glo-
ria , e forte pela fraqueza do Soberano , veio a
Pariz a pezar das ordens em contrario ; e foi en-
tão o famoso dia das Barricadas , em que o Povo
expulsou as guardas do Rei , e o Monarca se
vio obrigado a fugir da sua Capital.

Ainda fez mais Guiza. Obrigou o Rei a cele-
brar os Estados geraes em Blois , e tomou tão
bem as suas medidas , que estava a ponto de se
senhorear da auctoridade Real , por consentimen-
to dos que representavaõ a Nação , inda que de-
baixo da apparencia das mais respeitaveis formalida-
des. A urgencia do perigo despertou em fim
Henrique III. , o qual mandou matar no Castello
de Blois este inimigo pernicioso , e seu irmão o
Cardeal , mais violento , e mais ambicioso ainda
que o mesmo Duque.

Acconteceu então á Liga o mesmo , que tinha
sucedido ao partido Protestante depois do S. Bar-
tholomeu ; isto he , que a morte dos Chefes rea-
nimou o partido. Os Ligados tiraraõ a mascara ;
Pariz fechou as suas portas ; não se cuidou senão

em

era vingança , olhando cada para Henrique III , como para hum assassino dos defensores da Religião , e não como para hum Rei , que tinha pondo Vassalos rebeldes .

Vendo-se então Henrique III , assediado de todos os lados , foi-lhe finalmente feito o reconciliar-se com o Navarrez : Unidos estes dois Príncipes , vierão acampar diante de Pariz , e aqui he que começa a Henriada .

O Duque de Guiza deixava ainda hum irmão , que era o Duque de Mayenne , homem inespido , porém mais habil que activo , o qual se viu de repente à testa de huma facção , que conhecia as suas forças , e estava animada pela vingança , e pelo fanatismo .

Quasi toda a Europa entrou n'esta guerra . A celebre Isabel Rainha de Inglaterra , que professava a mais alta estima ao Rei de Navarra , que teve sempre huma extremosa paixão de o ver , o socorreu muitas vezes com gente , dinheiro , e Navios ; e foi Duplexis Mornay , o que passou a Londres a solicitar estes soccorros .

Da outra parte o ramo Austriaco , que reinava na Hespanha , favorecia a Liga , na esperança de recolher alguns despojos de hum Reino distacado pelas guerras civis : Os Papas combatiam o Rei de Navarra não só pelas excomunhões , mas por todos os artifícios da politica , e pelos limitados soccorros de homens , e dinheiro , que a Corte de Roma péde fornecer .

Com tudo Henrique III . hia a senhorear-se de Pariz , quando foi assassinado em S. Cloud por Jaques Clemance , o qual commeteu este patício na appreheensão , de que obedeceu a Deus .

obtinha a Laureola de Martyr : esta morte naõ foi só o crime d'este Religioso fanatico , mas o de todo o seu partido , cuja opiniao publica , e a crença dos Ligados era , que se devia matar o Rei , se elle estivesse mal com a Corte de Rôma . Assim o clamavaõ os Prégadores nos seus sermones ; assim se imprimia em todos esses livros miseraveis , que entaõ inundavaõ a França , e que apenas se descobrem hoje em algumas livrarias , como monumentos curiosos de hum seculo igualmente barbaro nas letras , que nos costumes .

Depois da morte de Henrique III. , o Rei de Navarra , Henrique o Grande reconhecido , e aclamado Rei pelo Exercito , teve a sustar todas as forças da Liga , de Roma , da Hespanha , e o seu proprio Reino para conquistar . Elle bloqueou , e sitiou Pariz em diferentes occasioens . Entre os grandes homens , que lhe forao uteis n'esta guerra , e de que se faz mençaõ n'este Poema , se contaõ os Marechaes d'Aumont , e de Biron : o Duque de Bouillon &c. Duplessis Mornay teve a intima confiança d'este Principe até que este mudou de Religião . Elle o servia com a sua pessoa nos Exercitos , com a sua pena contra as Excomunhoens dos Papas , e com a sua grande arte de negociar , buscando-lhe soccorros de todos os Principes Protestantes .

O principal Chefe da Liga , era o Duque de Mayenne ; tendo depois d'elle a primeira reputação o Cavalheiro d'Aumale , moço Principe , conhecido por aquella fereza , e valor brilhante , que distinguaõ particularmente a casa de Guiza . Elles obtiverao muitos socorros da Hespanha ; porém aqui só se faz mençaõ do famoso Conde d'Egmont

d'Egmont , filho do Almirante , que conduziu
1400 lanças ao Duque de Guiza.

Deraõ-se muitos combates ; dos quaes o mais decisivo , e o mais glorioso para Henrique IV. , foi a batalha de Ivry , em que o Duque de Mayenne foi vencido , e o Conde d'Egmont morto.

No decurso d'esta guerra , o Rei se namorou da formosa Gabriella de Estrée ; mas sem que o seu valor se corrompesse junto d'ella , como testemunha a carta , que se acha na livraria do Rei , na qual elle diz á sua amada ≡ Se sou vencido , vós bem me conhecéis para crér , que não fugirei ; porém o meu ultimo pensamento será em Deos , e o penultimo em vós. ≡

Finalmente ommittem-se muitos factos consideraveis , que não tendo lugar no Poema , o não devem tambem ter aqui. Não se falla na expedição do Duque de Parma , que só servio a retardar a queda da Liga ; nem do Cardeal de Bourbon , que foi por algum tempo hum Rei fantastico debaixo do nome de Carlos X.

Basta dizer-se , que depois de tantas desgraças , e dessolaçoens , Henrique IV. se fez Catholico , e que os Parisienses , que aborreciaõ a sua Religiao , e respeitavaõ a sua pessoa , entao o reconhecerão por seu Rei.



HENRIQUE IV REI DE FRANÇA E
NAVARRA NASCEO A 13 DE DEZEMBRO
DE 1553.

Francisco. fec. Porto.

HENRIADA.

CANTO I.

ARGUMENTO.

Henrique terceiro, unido com Henrique de Ecurbon Rei de Navarra contra a Liga, havendo já começado o bloqueio de Pariz, envia secretamente Henrique de Bourbon a pedir socorro a Isabel Rainha de Inglaterra; o Heroe sofreu huma tormenta, e aportando a huma Ilha, n'ella encontra hum velho Catholico, que lhe vaticina a sua mudança de Religiao, e a sua subida ao Throno. Descreve-se a Inglaterra, e o seu governo.

E U canto o Heróe, aquele que na França
Reinou, já por direito de conquista,
Já por lei, e razaõ de nascimento,
Que dos proprios trabalhos aprenderá
A governar, e bem que perseguido,
O perdaõ soube unir sempre ás victorias,

A

Con-

**Confundio a Mayenne , a Liga , ô Ibérico ;
E foi Senhor , e Pai de seus Vassallos.**

Tu , augusta verdade , dos Céos desce ;
Tua força , e clareza em meus escriptos
Derrama , porque entraõ os Reis attenios
Lhes prestem seus ouvidos : só tu podes
Annunciar-lhes o que elles saber devem :
Aos olhos das Naçoens só tu declaras
Das suas divisoens os máos effeitos :
Dize , quanto a Discordia há produzido ;
Quanto as nossas Provincias há turbado ;
Conta do Povo as mágoas , e infortunios ;
E numéra dos Principes os erros :
Vem pois , falla , e se he certo que algum dia
A fabula se unio aos teus accentos ,
E com maó delicada a tua augusta
Frente ornou , se illustrou com suas sombras
Da tua luz os raios , tu comigo
Permitte-lhe , que vá sobre teus passos
Para mais adornar tuas bellezas.

Com froxa maó Valois (*a*) sostinha as redeas
Do Estado fluetuante ; as Leis sem força Se

(*a*) Henrique III. Rei de França , huma das principaes personagens deste Poema , he n'elle nomeado por Valois , apelidado do ramo Real , donde elle procedia.

C A S T O I.

2

Se viaõ , os direitos confundidos ,
Ou diga-se gares , que elle naõ reinava;
Naõ era mais o Principe glorioſo
Nos combates instruido (b) desde a infancia ;
Que a Europa respeitou pelas victorias ,
E que a Patria livrou de oppreſſoens tantas :
Valois , de quem do Norte os Póvos vendo ,
E admirando as inclitas virtudes ,
A feus pés offertavaõ os diademas ;
Tanto brilhou no emprego menos digno ,
Como griaõ fe eclipsou no mais excelse :
De intrepido Guerreiro elle se torna
Hum Rei fraco : no Throno adormecido ,
E entranhado no seio da moleza ,
Da Coroa o pezo , como que o opprimia .
Quéluz , (c) e d'Espernon , Saint-Maigrin , Joyeuse ,
Mancebos voluptuosos , que reinavaõ
Debaixo do seu nome , corruptores
Politicos de hum Rei affeminado ,
Só cuidavaõ no luxo , e nos prazeres ,
Precipitar seus languidos lethargos .

Sobre este abatimento entaõ dos Guizas

A 2

A

(b) Henrique III. sendo Duque de Anjou comandou os Exercitos de seu Irmaõ Carlos IX. contra os Protestantes , e tinha ganhado aos 18 annos da sua idade as batalhas de Jarzac , e de Monconcour .

(c) Eraõ estes os mancebos , os favoritos de Henrique III.

A rapida fortuna levantava
 Toda a sua grandeza ; elles formavaõ
 Em Pariz a orgulhosa , a fatal Liga
 Da fraqueza dò Rei rival ufana ;
 Os Povos , vis escravos só dos Grandes ,
 Com pertinaz cegueira perseguião
 O seu Senhor , seguião os tyrannos ;
 Os amigos infieis , e corrompidos
 O abandonáraõ logo , e pelo Povo
 Do amedrontado Louvre foi expulso ;
 O estrangeiro aos rebeldes prompto acode ;
 Tudo acabava em fim , quando apparece
 O virtuoso Bourbon , (d) que de hum guerreiro
 Ardor cheio , se eleva , e restitue
 Ao seu Principe cégo a luz perdida ;
 Reanima-lhe as forças ; elle o arranca
 Do centro da vergonha para a gloria ,
 Do encanto dos prazeres para a guerra ;
 Aos muros de Pariz ambos se avançaõ ,
 Roma se assusta , os Hespanhóes já tremem ,
 E a Europa , interessada nas contendas ,
 Sobre a Patria infeliz se poem á lerta.

Em Pariz a Discordia entaõ se via

Exci-

(d) Henrique IV. Heróe d'este Poema , he aqui chamado indiferentemente , ou Bourbon , ou Henrique.

Excitando aos combates a Mayenne ,
 A Liga , o Povo , a Igreja ; ali bradava
 Do alto das suas torres pela Hespanha ,
 Que soberba viesse em seu socorro :
 Este monstro impetuoso sanguinario ,
 De seus proprios Vassallos he inimigo ;
 Das desgraças dos homens elle nutre
 Cruel os seus desgostos ; quasi sempre
 Do seu Partido o Sangue as maos lhe tinge ,
 Nos coraçoens habita , que corrompe ,
 E com tyranno imperio em fim castiga
 Eses mesmos delictos , que elle inspira .

Da parte do Poente , junto ás margens
 Floridas , onde o Sena , circulando ,
 Se auzenta de Pariz , lugar que he hoje
 Delicioso retiro , onde triunfaõ
 As artes , e se ostenta a natureza ,
 Theatro , que entaõ foi , sanguinolento
 Dos mais feros combates , seus soldados
 Valois , o infeliz Rei , prompto juntava :
 Da França sustentaculos ferozes
 Saõ ahi mil Heróes , se pela Seita
 Divididos , conformes á vingança :
 He nas maos de Bourbon , que commettida
 A sua sorte se acha ; este ganhando

Os.

Os torações de todos , unte a todos ;
 Ao seu poder o Exercito sujeito ,
 Outro Chefe naõ tem , nem outra Igreja :
 Luiz , (e) Pai dos Bourbons , lá d'esse seio
 Dos immortaes , fixava as ternas vistas
 Sobre elle , pôis só nelle o esplendor forte
 Da sua geraçao varjainava ;
 Seus erros sente , seu valor estima ,
 Com a Coroa devia hum dia honrallo ;
 Mas illustrado o quer : No em tanto Henrique ,
 Por caminhos oceultos , que elle mesmo
 Desconhecia , á summa gloria aseende :
 Luiz , d'essas alturas , lhe prestava
 O socorro , porém esconde o braço ,
 Que estendia por elle , porque estando
 Da victoria Senhor , naõ conseguisse
 Com o menor perigo menos gloria.

Junto ás suas muralhas mutuamente
 Já os dous Partidos tinham balanceado
 Mais de huma vez as sortes ; já furiosa
 A carnagem nos campos assolados
 Davaõ a ver da coleta dois mares ,

Quan-

(e) S. Luiz IX. de nome Rei de França ; tronco , de que
 nascem o ramo dos Bourboas.

Quando a Bourbon Valois este discurso

Dirige interrompido dos suspiros,

„ A que ponto o destino hoje me humilha ;

„ Vós o estais vendo ; a minha injuria he vossa ;

„ Ao seu Príncipe oposta a Liga infame ,

„ Contra elle ergundo a fronte sediciosa ,

„ No seu furor a ambos nos confunde ,

„ Nos persegue ; já não nos reconhece ;

„ A mim , que sou seu Rei , Pariz resiste ;

„ E a vós , que o deveis ser , se não sujeita :

„ Sabe que as Leis , que o merito , que o sangue

„ A este lugar , depois de mim , vos chamaõ ,

„ Por temer desde já vossa grandeza ,

„ Do Throno , em que vacille , vos exclue :

„ Da Religiao na celera terrivel

„ Fataes excommunhoens (f) se vos fulminaõ ;

„ Roma , que leva a guerra a toda a parte

„ Sem soldados possuir , nas maos da Hespanha

„ Há posto os seus trovoens : á fe faltaraõ

„ Os Vassallos , parentes , e os amigos ,

„ Todos me fogem , todos me abandonaõ ;

„ Ou se armaõ contra mim ; o Hespanhol chega ;

„ Que enriquecido vem com minhas perdas

„ Os meus Campos talando já desertos :

A'

(f) Henrique IV. Rei de Navarra havia sido solemnemente excommungado por Sixto V., e declarado incapaz de successar na Coroa de França.

E

H E N R I C A

„ A' vista pois de tantos inimigos ,
„ Que ultrajar-me desejaõ , o Estrangeiro
„ Em meu socorro á França se convoque ;
„ Da brilhante Rainha dos Inglezes
„ O coraçäo ganhai muito em segredo ;
„ Sei que entre elles , e nós , immortal odio
„ Unir-nos raras vezes nos consente ;
„ Emula de Pariz foi sempre Londres ;
„ Mas depois das affrontas , com que eu vejo
„ Minha gloria murchar-se , já naõ tenho
„ Mais Vassallos , nem Patria ; eu aborreço ,
„ E quero punir Pövos taõ odiosos ;
„ Qualquer , que me vingar , eu o reputo
„ Pör Francez a meus olhos ; nesta empreza
„ Eu naõ occuparei algum d'aquellez
„ Meus agéntes occultos por inertes ;
„ A vós sómente imploro ; sendo vossa
„ Huma palavra basta porque eu tenha
„ Na minha dita os Reis interessados :
„ Ide pois a Albiaõ , que o vosso nome ,
„ Fallando ahi por mim , immensas tropas
„ Eu vejo me conduz ; meus inimigos
„ Vencer espero pelo vosso braço ,
„ E amigos me darão vossas virtudes . „

Fallou , e o Heróe activo , que zeloso
Da sua gloria , teme o dividilla , Ou-

C A N T O I.

Ouvindo-o se occupou de huma dôr justa :
Sentia os doces tempos agradáveis
Ao seu coração grande , quando forte
Só com o seu valor , sem mais socorro ;
Fazia com Condé (g) tremer a Liga :
Mas de hum Rei foi preciso que cumprisse
Os designios ; suspende em tanto os golpes ;
Que a sua mão vibrava : assim deixando
Os loiros , que colheu sobre estas margens ;
A partir d'estes campos já se esforça ;
Os soldados attonitos ignorão,
Qual seja o seu intento , esperaõ todos
Ver , a que se destina o seu retiro ;
Elle parte. Entre tanto a criminosa
Cidade o crê presente , e sempre prompto
A ir sobre ella ; o seu augusto nome
(Que era do Throno o mais seguro arrimo)
A aterrava , e por elle combatia.

Já os Campos Neustriannos atravessa ;
Nenhum de seus validos o acompanha
Senaõ Mornay , (h) Mornay seu confidente ;
Mas nunca adulador ; virtuoso apoio

Do

(g) Era Henrique Príncipe de Condé , filho de Luiz mor-
to em Jarnac.

(h) Duplessis Mornay , o mais virtuoso , e o maior ho-
mem do partido Protestante , era chamado o Papa dos Hu-
gonotes.

Do erro, e do seu Partido ; que no zelo ;
 E na prudencia insigne , servio sempre
 Com igualdade á sua Igreja , e á França ;
 Censor dos Cortezaons , da Corte amado ,
 Contrario a Roma , mas de Roma acocito.

Onde entre dois rochedos o mar brama ;
 E quebra as suas ondas espumantes ,
 Feliz porto ao Heróe Dieppa offerece ;
 Ao embarque se apressaó com ardencia
 Os marinheiros : feros dominantes
 Das ondas saõ as Náos , que estaó já promptas
 A voar sobre as liquidas planicies :
 Nos ares prezo o Bóreas impetuoso ,
 Sópra o benigno Zefiro nos mares ;
 Levaó ancora , a terra já lhes foge ,
 Descobrem logo as praias desejadas.

O astro maior do dia de repente
 Se escurece ; o ar se turba , o Céo troveja ;
 O mar bramir ao longe já se escuta ;
 Sobre as vagas fataes soltaó-se os ventos ;
 Os raios sinalando estaó das nuvens ,
 O fogo dos relampagos , o abyfmo
 Das ondas espantosas a ver davaó
 Por toda a parte a morte aos marinheiros.

C

O Heróe, a quem certava hum mar furioso,
 No perigo naé cuida, só nos males
 Que saó da Patria; a etia volta os olhos,
 Nos seus vastos projectos culpa os ventos;
 Que lhe embargaõ assim os seus destinos:
 Tal, e menos briozo, Cesar, (i) quando
 Nas ribeiras de Epyro disputava
 O Imperio do Universo; ás ondas crespas;
 Aos impetuoso ventos entregando
 O destino da terra, e o dos Romanos;
 Já a Pompeo, já a Neptuno desafia,
 Sua fortuna oppondo á tempestade.

Deos entao; esse Deos, que he do Universo;
 Que sobre os ventos voa, e excita os mares;
 O Deos, cuja ineffavel, e profunda
 Sabedoria forma, exalta, e abate
 Os Imperios do mundo, do seu Throno;
 Que na altura dos Céos em luzes brilha,
 Se digna sobre o Heróe fitar seus olhos:
 Elle o guia; elle ordena ás tempestades,
 Que a Não levem ás praias que estão perto;

On-

(i) Julio Cesar estando em Epyro, se embateu decididamente de noite sobre o pequeno rio Bolina em hum barco de dote remos, pêq. is em peleja em busca das suas Tropas, que estavaõ no Reino de Napolis, e ahi padeceu huma fuscosa morte.

Onde á vista parece, que do seio
Das aguas sahe Jersey ; lá conduzido
Pelo Céo apôrtou o Heróe valente.

Naó longe d'esta praia corre hum bosque,
Cujas sombras convidaõ ao descanso ;
Das ondas ao furor alli se oculta
Por hum rochedo , e ao mesmo tempo os ventos
Perturbar-lhe naõ podem o repouso :
Junta huma gruta está , cuja estructura
Deve por simples tordo o seu ornato
A's maõs da natureza. Tempo havia
Que hum venerando Anciaõ , longe da Corte ,
A doce paz buscou n'esta morada
Tenebrosa , aos mortaes desconhecida :
De inquietoens izento , era alli , onde
Fazia de si mesmo o seu estudo ,
Onde chorava os seus inuteis dias ,
Que o mundo lhe levára em vaós prazeres ;
Sobre o innocent e smalte destes campos ,
A' borda d'estas fontes submettia
A seus pés as paixaoens da humanidade ;
Tranquillo elle esperava, que á medida
De seu desejo a morte se chegasse ,
Para ao seu Deos unir-se para sempre ;
Esse Deos , que elle adora , he quem protege
Seus

C A N T O II

27

Seus já pezados annos , quem permite ,
Desça a Sciencia sobre o Solitario ,
Quem liberal em fim de feus thesoiros
Lhe patentea o livro dos destinos.

Este Aniaõ ao Heróe , cujo carácter
Deos lhe faz conhecer , junto á corrente
De huma sonora fonte lhe offerece
Hum banquete campestre ; costumado
Era o Principe a estas iguarias ;
Muitas vezes debaixo da choupana
Humilde do Pastor , fugindo ao ruido
Das Cortes , e buscando-se a si mesmo ,
Elle o esplendor depunha do diadema.

A turbaçao fatal da Christandade
Lhes foi assumpço a hum entretimento ;
Mornay na sua Seita era constante ,
E ao Calvinismo dava apoio forte ;
O Heróeinda duvida , e aos Céos implora ,
Que hum raio de luz venha abrir-lhe os olhos :
A verdade sagrada (I) (elle dizia)

Foi

(I) Pela introduçao do peccado ficou o entendimento do homem tão enublado , que já elle era incapaz de descobrir por si o caminho verdadeiro para a sua felicidade. Não bastaendo pois a razão para obter este fim , foi necessário huma revelação Celeste , que ensinasse ao homem as suas obrigações respectivas a Deos ; mas esta devia ter aquellas indi-

Foi para pena es fracos mortaes sempre
 De erros cercada ; em Deos sómente o amparo
 He preciso esperar , e que no em tanto
 Eu ignore as estradas , que a elle guiaõ ;
 Hum Deos raó bom , e que domina no homem ,
 Porque não quer , não heinda servido :
 Adoremos de Deos (o Ançiaõ responde)
 Os designios , mas nunca lhe imputemos
 Os defeitos dos homens ; eu em França
 Vi nascer n'outro tempo o Calvinismo
 Humilde , e fraco , sem favor crescendo ,
 Eu o vi desvalido , desterrado
 Dos nossos muros , sempre a passos lentos
 Por occultos rodeios avançar-se ;
 Agora em fim meus olhos estão vendo
 Bem do centro do pô este fantasma
 Monstruoso levantar a frete altaiva ,
 Colocar-se no Throne , alli insultar-nos ,
 Com hum pé desdenhoso , e cheio de ira ,
 Lançar por terra em fira nossos altares :
 Quiz nesta gruta entao , longe da Corte ,

Da.

spensaveis notas , pelas quaes se fizesse conhecer , e se creditas
 dos Póvos todos . Em todo o templo ella foi necessaria , e
 claramente visivel as luzes mesmo da razão , ás quaes só lo
 homem por sua culpa podia fechar os olhos : Logo he cla-
 ro , que as expressões do A. , que elle poem na boca de
 Henrique IV. são nascidas do erro , e da ignorancia , que elle
 tinha do verdadeiro sistema da Religião . { Nota de Edm. }

Da minha Religião chorar a injuria :
 Huma esperança os meus cançados dias
 Aqui consola ao menos ; vejo hum culto ;
 Que por novo naõ pode durar sempre ;
 Do capricho dos homens há tirado
 O ser que tem , ver-se-há tambem que acaba ,
 Como se vio nascer ; as obras do homem
 São taõ frageis , como elle ; Deos dissipá ,
 Quando quer , os designios orgulhosos ;
 Só elle he sempre estavel : em vaõ pensa
 A malicia em destruir esse edificio
 Da Cidade bemdicta , a quem Deos mesmo
 Quiz firmar os sagrados fundamentos ,
 Que triunfaraõ do inferno , e das idades :
 A vós , grande Bourbon , o Deos immenso
 Se fará conhecer ; vós illustrado
 Vereis , que terão fimi vossos desejos ;
 Deos vos há escolhido , e nos combates
 Vossos passos conduz a maõ Suprema
 Ao Throno dos Valois ; a voz terrivel
 Se escuta já , que ordena se preparem
 Os caminhos da gloria para Henrique :
 Mas se a sua verdade naõ illustra
 Vosso espirito , crède-me , que entrada
 Nos muros naõ tereis do Paraíso :
 Evitai sobre tudo huma fraqueza

Que

Que os coraçoens maiores entorpece ;
 De hum gostoso veneno , de hum agrado
 Encintador fugi , vede com susto
 Sempre as vossas paixoes , e se algum dia
 Vos combater amor , sabei vencello.
 Quando por hum esforço em fim Supremo
 Triunfado tiverdes dos da Liga ,
 E o que he mais , de vós mesmo , quando em cerco
 Horrivel , e apontado nas idades ,
 Se veja todo hum Povo consternado
 Alentar-se dos vossos beneficios ,
 N'esses tempos entaō do vosso Estado
 Teráō fim as miserias , vós os olhos
 Ao Deos de vossos Pais ireis erguendo ;
 Vereis , que hum coraçāo , que he justo , pode
 N'elle esperar ; parti ; quem se assemelha
 A Deos , seguro está do seu auxilio.

Cada palavra , que elle proferia ,
 Era hum raio de luz , que penetrava
 Henrique até o fundo da sua alma ;
 Elle entaō se imagina transportado
 A'quelles doces tempos , em que o Eterno
 Deos dos homens com elles praticava ;
 Em que a simples virtude dos milagres
 Era dispensadora , tinha imperio
 Sobre os Reis , e os Oraculos rendia.

O

O Heróe a seu pezar o Anciaó virtuoso
 Já deixa, e abraça, lagrimas vertendo
 De seus olhos ; e desde o mesmo instante
 A aurora vio d'aquelle feliz dia,
 Que para elle ainda não brilhava :
 Mornay sim pareceu ser surpreendido ,
 Mas tocado não foi ; não se lhe havia
 Deos , Senhor dos seus dons , feito patente ;
 Não lhe servio na terra ter de sabio
 O nome , pois no meio das virtudes
 Teve em repartiçāo sómente o erro :
 Em quanto o raro Anciaó , por Deos instruido ;
 O Principe entretinha , e lhe fallava
 Ao coraçāo , os ventos impetuosos
 A' voz do Céo de todo se placárao ;
 O Sol torna a luzir , o mar soccega ,
 Até ás praias Bourbon he conduzido ,
 Parte , e aos mares de Albiaó dirige a próa:

A' vista de Inglaterra elle comigo
 D'este potente Imperio vê, e admira
 A mudança feliz ; onde hum abuso
 Continuado de Leis tantas , e sabias ,
 Causou por muito tempo os infortunios
 Do Povo , e dos seus Reis ; sobre este theatro
 Sanguinoso , em que cem Heróes morrerao ;

Sobre este Throno augusto , e vacilante ,
 De que hum cento de Reis tem procedido ,
 Huma mulher se vè , que subjugando
 A seus pés os destinos , assombrava
 Co' esplendor do seu Reino o mundo todos
 Sim, tal era Isabel , cuja prudencia
 Da Europa propender fez a balança
 Para a sua eleiçāo ; que fez, que o jugo
 O indomavel Inglez contente amasse ,
 Elle que nunca pôde altivo , e forte
 Nem servir , nem viver em liberdade :
 No seu Reinado os Póvos suas perdas
 Esquecido tem já ; estão cubertos
 Seus Campos de rebanhos alentados ,
 As lavoiras de paô , de Náos os mares ;
 Elles se vem temidos sobre a terra ,
 Sobre as aguas saõ Reis , as suas frotas .
 Subjugando imperiosas a Neptuno ,
 Dos fins do mundo chamaõ as riquezas ;
 Londres barbara foi antigamente ,
 Hoje he o centro das artes , do Universo
 Ella he hoje o armazem , templo de Marte :
 De Wesminster (*m*) nos muros tres estados

Se

(m) Em Wesminster se junta o Parlamento de Inglaterra : he preciso o concuso das Camaras dos Comuns , dos Pares , e consentimento dos Reis , para que se possaõ formar as Leis.

Se ajuntaõ , pela uniaõ sempre admiraveis ;
 Deputados do Povo , o Rei , e os Grandes ;
 Se pelos interesses divididos ,
 Reunidos pela Lei ; todos tres membros
 De hum invencivel corpo , perigoſo
 A ſi mesmo , terribel aos yifinhos ;
 Feliz , ſe o Povo , ao ſeu dever attento ,
 O poder Soberano naõ altera ;
 Mais feliz , quando hum Rei affavel , justo ,
 A liberdade publica respeita .
 Ah ! (exclama Bourbon) quando os Francezes
 Poderão , como vós , reunir seguros
 A gloria com a paz ! Que ſabio exemplo
 Aos Mónarchas da terra ! A mulher forte
 Assim da guerra as portas há fechado ,
 A discordia , e o horror , he deſte modo
 Que aos outros há mandado ; hum Povo a adora ;
 Ella a felicidade faz de hum Povo .

Chega entre tanto o Heróe áquelle immensa
 Povoação , onde ſó a liberdade
 A abundância entretem ; diviza a torre
 Do vencedor Guilherme , (n) mais ao longe

B 2

De

(n) A torre de Londres he hum antigo Castello , edifica-
do juato ao Tamize por Guilherme o Conquistador , Duque
de Normandia .

De Isabel o magnifico Palacio.
 Só de Mornay seguido , sem mais pompa ,
 Sem o ruido vaô , e apparatofo ,
 De que os Grandes se inflamaô , mas que attende
 Hum Heróe verdadeiro com despreso ,
 Elle busca a Rainha , elle lhe falla ;
 Serve a sinceridade de eloquencia ;
 Elle as necessidades em segredo
 Lhe expoem da França , e pelas rogativas ,
 Com que seu coraçô se humilha , e rende ,
 Nas suas submissôens sua grandeza
 Se deu a conhecer : Que ? vós servindo
 A Valois ! (a Rainha lhe diz logo
 Sorprendida) He pois elle quem ás margens
 Do Tamize famoso vos envia ?
 Vós Protector de vossos inimigos ?
 Por hum , que he seu rival , me roga Henrique ?
 Das barreiras do Poente até da aurora
 Tocar nas portas , inda o mundo falla
 Das entre vós duríssimas contendidas ;
 E em favor de Valois eu vejo armar-se
 O braço , aquelle braço , que elle mesmo
 Tantas vezes temeu ? Suas desgraças
 (Diz elle) haô suffocado os nossos odios ;
 Era escravo Valois ; elle há quebrado
 Em fim suas cadeas ; feliz sempre

Se

Seria , se da minha fé seguro ,
 Outro encosto , outro aliado naô buscasse ,
 Que a mim , e o seu valor ; mas o artificio
 Elle sempre empregou , e o fingimento ;
 Meu inimigo há sido por fráqueza ,
 E por temor ; mas eu em fim me esqueço
 Da sua falta vendo o seu perigo ;
 Eu o venci , Senhora , e vou vingallo ;
 N'esta guerra podeis , grande Rainha ,
 Signalar para sempre o vosso nome ,
 C'roar vossas virtudes sustentando
 Nossos direitos , sim podeis naô menos
 A contenda dos Reis vingar comigo .

Impaci ente Isabel manda lhe conte

As turbaçoens da França , e que lhe narre ,
 Que artificios , que serie de successos
 Tal mudança em Pariz há produzido ;
 Já a trombeta da Fama (lhe diz ella)
 D'estas scenas fataes , e sanguinofas
 Me há feito sabedora muitas vezes :
 Mas sei , que a sua voz por indiscreta ,
 Na sua ligeireza sempre espalha
 Confundida a verdade co' a mentira ;
 Narraçoens poueo fieis escuzei sempre ;
 Porém vós testemunha d'estes longos

Dos

Debates , de Valois vós que haveis sido
 Vencedor , ou patrono em todo o tempo ,
 Explicai-me o nó firme de amisade ,
 Que hoje a elle vos tne ; referi-me
 Esta mudança extrema ; de vós mesmo
 Só vós podeis fallar mais dignamente ,
 Individuai-me em fim vossas desgraças ,
 E as felices emprezas ; pensai sempre ,
 Que he a liçaõ dos Reis a vossa vida.

Ah ! (responde Bourbon) será preciso ,
 Que a memoria renove d'esses tempos
 A desgraçada historia ! O Céo quizesse
 (Pois que elle he testemunha de meus males)
 Que occultasse hum eterno esquecimento
 Fealdades tantas ! Ah ! porque , Rainha ,
 Mandais vós , que os furores , e a vergonha
 Dos Principes vos conte do meu sangue ,
 Quando a esta lembrança tão sómente
 O coraçao no peito tremer sinto !
 Mas sois vós , quem o ordena ; eu obedeço ;
 Sendo outro o que fallasse , poderia
 Disfarçar com industria seus delictos ,
 Astuto desculpar sua fraquezza ;
 Este artificio não se fez , Senhora ,
 Para meu coraçao , a minha falla
 Não he de Embaixador , he de soldado.

CANTO II.

ARGUMENTO.

Henrique o Grande conta à Rainha Isabel a história das infelicidades da França. Elle passa a buscar a origem d'ellas, e refere com individualizaçāo os Massacros de S. Bartolomeu.

Rainha, todo o excesso d'estes males,
 Que experimenta a França, he certamente
 Tanto mais espantoso, quanto a origem
 D'elles he mais sagrada; o cruel zelo
 Da Religiao he sempre, quem as armas
 Nas maos vai pôr de todos os Francezes;
 Entre Genébra, (a) e Roma (b) eu naõ decido;

Qual-

(a) Muitos historiadores pintaraõ a Henrique IV. flutuando entre as duas Religioens.

(b) Se a Religiao Catholica Romana derivasse a sua dignidade, e esplendor das acoens d'alguns de seus individuos, e naõ do seu augusto Chefe o mesmo filho de Deos, que a fundou, teria razão de assim pensar Henrique IV. Ora he constante entre os bons Theologos, que o sytema do Christianismo, taõ longe está de favorecer a perseguição dos Hereges, que pelo contrario os seus mais solidos principios, refutaroõ esta destruidora opinião. He verdade, que a carnagem de S. Bartholomeu foi apoiada d'alguns Theologos, mas naõ há coisa por mais sancta que seja, de que os homens naõ temhaõ abusado para os seus perversos designios. Ao mesmo tempo que os Calvinistas se naõ podem queixar a este respeito dos Catholicos, porque elles nada mais fizerão, que

Qualquer nome Divino , que os Sectarios
 Lhe dem , de ambas as partes tenho visto
 A impostura , e o furor; e se a perfidia
 Nascida do erro he só ; se nas disputas ,
 A que a Europa se entrega , eu vejo a morte ,
 E a traiçao ser o sello da mentira ,
 São inhumanos ambos os partidos ,
 Tanto no crime , como na cegueira ;
 Por mim , que só do Estado procurando
 A defesa , o cuidado da vingança
 Aos Céos sempre deixei , já mais se há visto ,
 Que excedendo os poderes , o incensorio
 Com indiscreta maõ eu profanasse ;
 E pereça a politica horrorosa ,
 Que sobre os coraçãons haver pertende
 Dispotico dominio ; que procura
 Com o ferro na maõ voltar os homens ;
 Que com o sangue heretico os Altares
 Só intenta regar , e que seguindo
 Por guia hum falso zelo , ou interesse ,
 Só serve a hum Deos de paz com homicidios .

Provera ao Eterno Deos , cuja lei busco ,
Que

servirem-se do exemplo , que Calvino mesmo d'antes tinha
 dado , fazendo queimar publicamente em Genébra o de-
 sgraçado Serveto , e outros , que forão vítimas infelizes do
 seu furor . Systema horroroso , que continuaõ ainda a defen-
 der os seus sequazes ! (Nota do Editor)

(c) Francisco Duque de Guiza, chamado commummente o grande Duque de Guiza, era o Pai de Balafre. Foi elle, o que com o Cardeal seu irmão lançou os fundamentos da Liga.

Outros cāminhos Medicis diversos :
 Se ás tristes narraçoens talvez sensivel
 Me perguntais por Medicis qual era ,
 O sabereis ao menos de huma bocca
 Ingenua ; muito d'ella se há fallado ,
 Mas pouco conhecido ; do seu impio ,
 Profundo coraçaō pouco sondado
 Se tem as dobras ; eu porém vinte annos ;
 Que me nutri na Corte de seus filhos ,
 Que outros tantos nascer vi as tormentas
 Debaixo de seus pés , a meu perigo
 Tenho bem aprendido a conhecella.

Na melhor flor dos annos espirando
 O esposo , pôde a sua ambiçaō rara
 Correr livre ao seu fim ; qualquer dos filhos ,
 Que ella nutrio debaixo da tutella ,
 Se fez seu inimigo desde o ponto ,
 Que sem ella reinou ; do Throno em roda
 Semeavaō suas maōs confusamente
 O ciume , e a divisaō ; naó se escusava
 De oppôr sempre com maxima segura
 Os Guizas aos Condés , a França á França ;
 Prompta sempre a ligar-se aos seus contrarios ;
 Já muda de interesses , já de amigos ,
 E de rivaes ; escrava do appetite ,

Mas menos que ambiciosa, há sido injusta,
 A' sua Seita infiel, (4) supersticosa ;
 E por tudo dizer tinha do sexo
 Os defeitos, e pouco das virtudes :
 A' minha ingenuidade esta palavra
 Me escapou, perdoai; em fim, Senhora;
 Não sois vós n'este sexo comprehendida ;
 Sim, na augusta Isabel nada se encontra,
 Que admiraçāo não seja ; o Céo, que soube
 Formar-vos, a reger vossos Estados,
 Vos fez tambem servir de exemplo a todos.,
 E entre os grandes Heróes vos conta a Europa.

Já Francisco segundo por hum modo
 Não previsto se havia trasladado
 Ao sepulchro, e a seu Pai se havia unido ;
 Frexo mancebo, que de Guiza amava
 Os caprichos; de quem inda se ignora,
 Quaes as virtudes, quales os vicios fossem.
 Carlos mais moço apenas tinha o nome
 De Rei; Medicis só he quem reinava ;
 Sujeito ás suas leis tremia tudo :
 Logo a sua política sevéra,
 Por segurar o mando, parecia
 Querer eternizar do filho a infancia :

(4) Catherina de Medicis deu credito á Mágica; testemunha os Talismans, que se lhe acharam depois da morte.

A sua maõ o fogo da discordia
 Accendendo , firmou-lhe o novo Imperio
 Por cem combates ; ella armou as iras
 Dos dois rivaes partidos ; Dreux , (e) que logo
 Vio as fatias bandeiras despregadas ,
 Foi o theatro espantoso das primeiras .
 Emprezaõ ; o infeliz velho guerreiro
 Montmorenci , (f) dos Reis junto ao sepulchro ,
 De hum mosquete ferido , eis a carreira
 Terminou de cem annos de trabalho ;
 Guiza , perto de Orleans , assassinado
 Moreu ; o Rei meu Pai (g) infelizmente
 Foi prisioneiro á Corte ; desvalido ,
 E obrigado a servir sempre á Rainha .
 Sua incerta fortuna com affrontas
 Foi sempre que nutrio , e preparando

Com

(e) A batalha de Dreux , foi a primeira batalha regular , que se deu entre os dois partidos , em 1562.

(f) Anne de Montmorenci , homem obstinado , e inflexivel , e o General mais desgraçado do seu tempo . Foi prisioneiro em Pavia , e em Dreux : derrotado por Filipe II. em S. Quintins : e morto finalmente na batalha de S. Dinis por hum Inglez chamado Stuart , o mesmo , que o tinha prisioneiro em Dreux .

(g) Antonio de Bourbon Rei de Navarra , e Pai de Henrique IV. tinha hum espirito fraco , e indeciso . Renunciou o Calvinismo , em que havia nascido , no mesmo tempo que sua mulher abandonou a Religiao Católica : elle não soube nunca bem , de que partido , ou comunhaõ era . Foi morto no sitio de Ruaõ , servindo o partido dos Guizas , que o opprimiaõ , contra os Protestantes , que estimava : morreu em 1562 .

Com sua propria maõ suas desgraças ;
 Combateu a favor dos inimigos ,
 E morreu pelos seus perseguidores :
 Condé , (b) que vio em mim o unico filho
 De seu querido irmaõ , me adoptou logo ;
 Foi meu Pai , e por Mestre o tive sempre ;
 Foi seu campo o meu berço , onde educado
 Nas fadigas , por entre o pó , e o fumo ,
 A' sombra dos loireiros , junto a elle
 A indolencia da Corte desprezava ;
 Da minha infancia o fogo há sido a guerra :
 O' campos de Jarnac ! Golpe inhumano !
 Barbaro Montesquieu , mais assassino ,
 Que guerreiro ! Condé já de cançado
 Debaixo foi cahir da tua furia ;
 Eu vi erguer-se o golpe , eu vi cortares
 Sua vida preciosa ; eu inda moço , (i)
 Meu braço debil , ah ! que não podia
 Prevenir , nem vingar a sua morte !

O Céo , que de meus annos protegia
 A fraquezza , fiou dos Heróes sempre



(b) O Principe de Condé , de que aqui se trata , era irmaõ de António de Bourbon Rei de Navarra , e Tio de Henrique IV . muito tempo Chefe dos Protestantes , e grande inimigo dos Guizas .

(i) Henrique IV . não tinha mais do que 14 annos , e já então notou os erros , que fizeraõ perder a batalha .

O cuidado da minha mocidade :
 Coligny , (1) de Condé successor digno ;
 De mim naõ menos , que do meu Partido ;
 Se há feito defensor ; tudo lhe devo ,
 He força que o confesse ; se hoje a Europa
 Me louva de huma pouca de virtude ,
 Se Roma mesma estima muitas vezes
 Minhas acções , a vós illustre sombra ,
 A vós he que eu o devo ; eu avultava
 Debaixo de seus olhos ; meu esforço
 Juvenil muito tempo fez da guerra
 Hum duro ensaio : sim , com seu exemplo ,
 Dos Heróes me instruia na grande arte :
 Eu via este guerreiro encanecido
 Nos trabalhos , o pezõ sustentando
 De huma causa comum , tendo contra
 De Medicis as forças , e a fortuna ;
 Do seu Partido amado , do contrário
 Tido sempre em respeito ; nas batalhas ,
 Inda quando infeliz , sempre temido ;
 Se sabio nos combates , tambem sabio
 Nas retiradas ; inda mais glorioso ,
 Maior , mais espantoso nas derrotas
 Que Dunois , e Gastaõ já mais o forão

Na

(1) Gaspar de Coligny Almirante de França filho do Mariscal do mesmo nome , e de Luiza de Montmorency nascido em Chatillon a 36 de Fevereiro de 1516.

Na carreira triunfante da fortuna.

Dez annos de successos , e de perdas
 Eraó passados ; Medicis , que via
 Nossas campanhas cheias de hum Partido
 Renascente , que extinto já suppunha,
 De combater em fim deixa o projecto ,
 E de vencer sem fructo ; de hum só golpe ,
 Sem mais tentar esforços por inurcis ,
 Se propaz acabar civis discordias :
 A Corte entaó de seus favores franca ,
 Nos offerta attractivos : naô podendo
 Vencer-nos até alli , a paz nos rende ;
 Mas que paz ! Justo Deos ! Deos de vingança ,
 Que eu chamo a testemunho ! Que de sangue
 Sobre a funesta Oliva naô se espalha !
 O' Céos ! he pois assim , que os Reis aplanaô
 Os caminhos do crime a seus Vassallos !

Coligny ; que fiel dentro em si fôra
 Ao seu Principe , a França sempre amava ,
 Quando mesmo contra ella combatia :
 A occasião estimou , porque segura
 Parecia ficar do Estado a alliança ;
 Hum Heróe raras vezes desconfia ;
 Elle a seus inimigos sem remorso

Vem

Vem cheio de confiança ; elle até o centro
 Do Louvre enganador meus passos guia :
 Com lagrimas nos olhos me recebe
 Medicis em seus braços , e as ternuras
 De Mái por muito tempo me dispensa ;
 A Cologny segura huma amifade
 Firme , e sincera ; quer por seus conselhos
 Desde entaō regular-se ; já de empregos
 O reveste , enche-o já de benefícios ;
 Aos meus , a quem engana huma esperança ,
 Dos favores do filho ella concede
 A apparente lisonja ; ah ! nós tranquillos
 Nos julgavamos já por muito tempo :
 Estas perfidas graças por dolosas
 Alguns tinhaō ; as dadiwas (diziaō).
 De hum inimigo sempre saõ suspeitas :
 Quanto mais desconfiavaō , mais sabia
 O Rei fingir ; pouco antes ao perjurio ,
 E ao engano , na sombra do segredo ,
 Medicis costumado havia o filho ;
 Aos delictos moldava aquelle tenro ,
 E facil coraçāo ; ás liçoens docil
 O Principe infeliz , prompto a seguillas ,
 Pelo genio feroz , que o estimulava ,
 Mostra o muito , que havia aproveitado
 Em taō pessima escola ; occultar sabe

In-

Inda mais hum taô perfido segredo
 Dando-me sua irmá ; (m) irmão me chama ;
 Nome falso , que assim me hás enganado !
 Vaôs juramentos ! Hymineo funesto ,
 Tu primeiro signal de nossos males !
 Teus fachos , que accendeu o Céo irado ,
 A ver me daô de minha Mái (n) a morte ;
 Eu injusto naô sou , nem toda via
 Quero imputar a Medicis a causa ,
 Fujo a talvez legitimas suspeitas ,
 E crimes procurar-lhe naô preciso ;
 Minha Mái espirou , perdoai , Rainha ,
 As lagrimas , que agora huma lembrança ,
 De si taû terna , arranca ás minhas dores :
 A hora em fim chegou , e tudo prompto
 Ao exito fatal premeditado.

Sem tumulto , e sem ruído deu-se a senha ;
 Da noite as sombras tudo apadrinhavaô ;
 Do infeliz mez (o) a desigual carreira

C

(m) Margarita de Valois irmã de Carlos IX. casou com Henrique IV. em 1572 poucos dias antes dos Massacros.

(n) Joanna de Albret, Mái de Henrique IV., foi arranhada à morte com o resto dos hugonotes, e morreu quasi subitamente, entre o casamento de seu filho, e o S. Bartholomeu, porém Cailard seu Mèdico, e Desneuds seu Cirurgião, Protestantes apaixonados, que abriuô o seu cadáver, não acharam n'elle algum signal de veneno.

(o) Na noite de 23 para 24 de Agosto, vespere de S. Bar-

A luz tremula como que escondia
 De horror, e espanto; Coligny languente
 Nos braços do repouso descansava,
 E o sonno enganador as dormideiras
 Sobre elle repetia; de improviso
 Mil gritos, e alaridos espantosos
 D'este grato descanso seus sentidos
 Vem arrancar; levanta-se turbado,
 Repara, vê correr de toda a parte
 A tropa de assassinos em tumulto,
 Em torno vê luzir os fachos, e armas;
 Seu Palacio abrazado, o mais do Povo
 Em espahtos, seus servos suffocados
 Nas chamas, e de sangue todos tintos;
 Em chusmas os traidores, na carnagem
 Enfurecidos, a alta voz levantão;
 =,, A ninguem se perdoe, he Deos que o manda,
 „ He Medicis, he El Rei, que o determina =
 De Coligny o nome soá ouve,
 O moço Telligny (p) vê vir ao longo,
 Telligny, cujo amor há merecido

Sua

tholomeu em 1572, foi que se executou essa sanguinolenta tragedia.
 (p). O Conde de Telligny havia 10 mezes que se tinha recebido com a filha do Almirante, e era de tão agradavel presença, que os primeiros, que chegaram para o marar, se deixaram enternecer em sua vista, por isso depois quiclos mais barbaros e malacifaro.

Sua filha , elle a unica esperança
 Do Partido , da sua casa a honra ;
 Que ferido , e arrastrado dos malvados ,
 Do seu sangue cuberto , lhe pedia
 Vingança só , e lhe estendia os braços .

Mas o Heróe infeliz sem ter defeza ;
 E sem armas , pensando ser preciso
 O morrer , e morrer sem mais vingar-se ;
 Quiz ao menos morrer , como vivera ,
 Acabando com gloria , e com virtude .

Já a imensa cohorte de assassinos
 Do salão , em que estava , báscula pesava ,
 E a pertende quebrar , mas elle abrindo-a ,
 Se apresenta a seus olhos com aquella
 Vista serena , e rosto magesto ,
 Tal quando nos combates mais violentos ;
 Senhor do seu valor , e bem tranquillo ,
 Instava , ou impedia a mortandade .

A este ár veneravel , ao augusto
 Aspecto os matadores sorprendidos ,
 De respeito se encherão huma força
 Desconhecida as itas lhes suspende ;
 Companheiros (lhes diz) findai a obra ;

E do meu frio sangue estes já brancos
 Cabellos salpicai , que quarenta annos
 Há respeitado a sorte dos combates ;
 Ferí , nada temais , eu sei , que a morte
 Coligny vos perdoa ; a minha vida
 He pouca coisa ; sim , eu v'la entrego ,
 Já que em v'oso favor dalla não posso .

Ao dizer isto os Tigres se lhe prostraõ ;
 Um lança fôra as armas fô de espanto ,
 Outro lhe abraça os pés , e os humedece
 Com lagrimas : cercado este grande homem
 Assim dos assassinos , parecia
 Rei potente adorado do seu Povo.

Bésme , (q) que a sua vítima esperava
 Na Corte , corre , avança-se indignado
 Da mòra do seu crime ; a apressar sobe
 'Ancioso os vagorosos assassinos ;
 Elle aos pés deste Heróe os vê tremendo ;
 A tão tocante objecto elle sómente
 Inflexivel se mostra ; elle á piedade
 He sempre o que resiste ; imaginava ,
 Que era traidor a Medicis , e que era

De-

(q) Bésme era hum Alemaõ doméstico da casa de Guisa.

Delinquente , se vacaso sorprendido !
 Fosse de algum remorso , e assim por meios
 Rompe da immensa turba a passos largos :
 Com hum semblante intrepido o esperava
 Coligny ; de improviso aquelle monstro ,
 Todo furias , no peito a dura espada
 Lhe atraveça , voltando d'elle os olhos ,
 Receando este cruel , que o rosto augusto
 Com hum golpe de vista não fizesse
 Tremer-lhe o braço , e diminuir-lhe o esforço :

Do maior dos Francezes tal , Senhora ,
 A triste sorte foi ; ainda o insultaõ ,
 E além da morte o ultrajaõ ; (r) seu cadáver
 Todo ferido a golpes , e privado
 De sepultura , ás avés devorantes
 Servio de indigno pasto ; he transportada
 De Medicis aos pés sua cabeça ,
 Digna conquista d'ella , e de seu filho ;
 Indiferente Medicis a attende ,
 Sem mostrar , que a alegrava aquelle fructo
 De tão cruel vingança , sem remorso ,

Sem

(r) Penduraraõ ao Almirante de Coligny pelos pés com huma corrente de ferro na forca de Montfaucon. Carlos IX. foi com a sua Corte gozar d'este horrivel espetáculo; e dizendo-lhe hum dos Cortezãos, que o corpo de Coligny cheirava mal, respondeu o Rei, como Vitellio, « O corpo de hum inimigo morto sempre cheira bem. »

Sem jubilo , dos seus sentidos livres ,
E como a rãs offertas consumada.

Quem pudera expressar aquelas ruinas ,
De que esta cruel noite a nossos olhos
Presentou as imagens ! Foi a morte
De Coligny preludio das desgraças ,
Fraco enxio de todos os mais fornos :
De hum Povo de assassinos grossas tropas .
Por zelo , e por dever , enfurecidas
Na carnagem , sem tino assim marchavaõ ,
Na maõ esferro , os olhos scintillando ,
Sobre os corpos , ou mortos , ou feridos ,
De nossos irmãos : Guiza (f) em frente d'elles
Em colera abrazado , como que a alma
De seu Pai sobre os meus vingar queria .
Nevers , (t) Gondy , (u) Tavanne (x) com a espada
Na maõ os animayaõ aos transportes .
Do zelo mais cruel ; dos criminosos

Mo-

(f) Era Henrique Duque de Guiza chamado o Balafre ,
filho do Duque Francisco , de que assim se fallou .

(t) Frederico Gonzaga da casa de Mantua , Duque de Nevers , hum dos autores do S. Bartholomeu .

(u) Alberto de Gondy Marechal de Retz , favorecido de Catharina de Medicis .

(x) Gaspar de Tavanne pagem de Francisco I. Elle corria pelas ruas de Pariz na noite de S. Bartholomeu , clamando : Sangrai , sangrai , porque a sangria he tão boa no mez de Agosto , como no mez de Mayo .

Mostrando-lhes a listra, fíes marcado
As victimas, que saí do sacrificio.

Eu não vos pintarei; qual o tumulto;
Quaes os gritos, e o sangue, que corria
Por toda a parte: o filho assassinado
Sobre o corpo do Pai; a Mãe co' a filha;
O irmão co' a irmã, mesmo os esposos,
Que abraçados nos leitos espiravaõ;
Esmagados nos berços os filhinhos
Com duras pedras; náda em fim se estranha;
Nos homens, quando mais enfurecidos;
Mas o que se fará para o futuro
Sómente incomprehensivel, he, Rainhas;
O que podeis apenas crêr vós mesma;
He, que os Monstros fataes da tyrannia
Puríosos, excitados pelas vozes
Dos sanguinários Padres, (y) invocayaõ;
O Senhor das alturas na carnagem
De seus irmãos, e o braço assim manchado
Do sangue d'innocentes se atrevia

Of-

(y) O falso zelo, e a superstição tem algumas vezes levado os mesmos Místicos do Santuário aos maiores excessos. Nós o vimos succeder na França n'esta occasião; em Portugal no tempo do grande Rei D. Manel, e em todas as Nações em diferentes épocas. Porém o crime d'humas pessoas iluminadas deve por ventura procurar a infamia á augusta ordem Sacerdotal? He pois claro, que a censura de A. n'este lugar só deve recair sobre aquelles, que obearão tão escondida maldade. (Nota do Editor).

H E N R I C A

Offertar ao bom Deos taô impio incenso.

Oh ! e quantos Heróes indignamente
Perecerão ! Lá foraô ter c'os mortos
Renel , (z) e Pardaillan ; e vós valente
Guerchy , (aa) vós Lavardin sabio , e bem digao
De maisa vida , e de haver melbor fortuna :
Dos infelices , que esta cruel noite
Aos horrores lançou da sombra escura ,
Marsillac , (bb) e Soubise (cc) condenados
A morrerem , defendem algum tempo
Seus dias desgraçados , ró , que exangues
Com mil feridas respirando apenas ,
Até as portas do Louvre conduzidos

Sé

(z) Antonio de Clermont-Renel , querendo salvar-se era camisa , foi morto pelo filho do Barão des Adrets , e por seu proprio primo Bussy d'Amboise . O Marquez de Pardaillan morreu tambem ao lado d'elle .

(aa) Guerchy se defendeu na rua por muito tempo , e matou alguns assassinos antes de ser opprimido pelo numero ; mas o Marquez de Lavardin não teve tempo de arrancar péla espada .

(bb) Marsillac , Conde de la Rochefoncault , era favorcido de Carlos IX . com quem tinha passado huma parte da noite ; Este Principe mostrando alguma vontade de o salvar , chegou a dizer-lhe , que dormisse no Louvre , porém a final o deixou ir , dizendo depois , já vejo que Deos quer , que ele morra .

(cc) Soubise tinha este nome por cazar com a herdeira d'aquella casa : elle se chamava Dupont-Quellenec . Defendeu-se por muito tempo , e cahio traspassado de golpes debaixo das janellas da Rainha . As Damas da Corte forao ver o seu cadaver nu , e ensanguentado por huma curiosidade basbara , e digna d'esta Corte abominavel .

Se viraõ , e arrastrados , com seu sangue
 Tingindo-lhe as paredes mentirosas ,
 Clamando contra o Rei , que os enganára .

Do alto do Palacio a tempestade
 Medicis excitando , contemplava
 Com socego esta farça ; os seus validos ,
 Com hum curioso olhar despiçado
 Viaõ hum mar de sangue derramar-se
 A sensolhos : da Corte em labaredas
 As ruinas fataes eraõ com gosto
 D'estes Heróes as pompas do triunfo .

Que digo ! O' crime ! O' pessima vergonha !
 O' tu maior dos males ! O' Rei mesmo ,
 Carlos o Rei , (dd) no meio dos algozes ,
 Perseguindo os proscriptos , que fugiaõ ,
 Chega a manchar no sangue dos Vassallos
 As suas mãos sagradas ; Valois mesmo ,
 Este a quem hoje sirvo , este que implora
 Por mim vósso socorro , dos delictos
 D'hum tão barbaro irmão parcial se há feito ;

(dd) Ouve dizer ao ultimo Marechal de Tessé , conhecera na sua mocidade hum velho , o qual lhe havia assessorado muitas vezes , que elle mesmo tinha carregado a espingarda , com que o Rei arirara sobre os seus Vassallos Protestantes na noite de S. Bartholomeu .

Elle o furos lhe excita á mortandade ;
 Naó que tenha Valois entrânhas feras,
 Raras vezes no sangue humedecido
 Tem a maó , mas do crime o raro exemplo
 Seus annos inda poucos assaltava ;
 Sua mesma crueldade era fraqueza.

He verdade , que algons na immensa turba
 Dos mortos os esforços illudiraõ
 Do ferro matador : (ee) Caumont hum d'elles ,
 Infante juvenil , teve o successo ,
 Que pelo assombro irá de boca em boca
 A's geraçõens futuras : opprimido
 Seu velho Pai c'o peço de seus annos ;
 Deitado entre dois filhos , se entregava
 Ao sonno ; unico leito os recebia :
 Cégos de ira os furiosos assassinos
 A golpes apressados encravavaõ
 Sobre elles os punhaes ; entab'a morte
 Voa á ventura sobre o infeliz leito :
 Só o Eterno nas suas maões possue
 Nossos destinos ; sobre nossos annos
 Elle sabe vigiar , quando lhe agrada :

Em

(ee) O Caumont , que escapou n'este massacre , que o famoso Maréchal de la Force , que viveu depois ate a idade de 84 annos.

Em quanto em seus furores o homicida
 He illuso , Caumont de nenhum golpe ,
 De nenhum ferro foi já mais ferido ;
 Hum invisivel braço em defendello
 Armado , a sua infancia libertava
 Das mãos dos matadores : a seu lado
 Seu Pai mesmo acabando com mil golpes ,
 C' o seu corpo o cubria todo inteiro ,
 E os barbaros assim sendo enganados ,
 Segunda vez ao filho deu a vida .

Eu entre tanto , n'estes espantosos
 Momentos , que fazia ? Ah ! que eu seguro
 Na fé dos juramentos , e tranquillo
 Bem no centro do Louvre , onde ao estrondo
 Das armas me occultaraõ , os encantos
 De hum suave repouso inda sentia ;
 Noite fúnesta ! Sonho lastimoso !
 Os despojos da morte em despertando
 Me instruirão ; eu vi sacrificados
 Meus mais caros domesticos ; o sangue
 Por toda a parte os ponticos regava ;
 Quando os olhos abri , foi para o espanto
 De ver , que sobre o marmore acabavaõ
 De degolar os meus os assassinos ;
 De sangue estes cabertos ao meu leito

Se

Se avançaraõ , e os braços parricidas
 Diantē de mim erguem , eu tocando
 Da minha sorte o ultimo momento ,
 Apresento a cabeça , espero a morte.

Mas seja , que hum antigo alto respeito
 Ao sangue dos seus Reis inda fallasse
 Por mim no coraçāo d'estes traidores ;
 Ou seja , porque a colera engenhosa
 De Medicis achasse ser-me a morte
 Suppicio muito brando ; ou em fim seja ,
 Que por se assegurar de hum porto , em quanto
 Durava a tempestade , seu prudente
 Furor para refens me conservasse ,
 Guarda-me a vida para novas penas ,
 E logo aos ferros manda que me entregue.

Coligny mais feliz , de inveja digno ,
 Sim morreu , mas ao menos não perdera
 Mais do que a vida , a sua liberdade
 Levou , e a sua gloria á sepultura
 Aesta narraçāo cheia de assombros
 Estremeceis , Senhora ? Vos sorprende
 Tanto horror ? Mas de atroz barbaridade
 Vos tenho a menor parte decifrado :
 Já vos disse , que do alto do seu Louvre

Foi

Foi Medicis, que á França o signal dera;
Tudo a Pariz seguió; sem resistencia
Cubrio a morte em hum fatal momento
Toda a face da França; hum Rei, que estimava
O delicto, he servido promptamente;
Por cem mil assassinos suas iras
Se viraó respeitadas; testemunhas
São os rios da França, cujas aguas,
Tinctas de sangue, aos mares assombrados
Nada mais conduziaó, senão mortos.



CANTO III.

ARGUMENTO.

O Heróe continua a história das Guerras civis de França. Morte funesta de Carlos IX. Reinado de Henrique III. O seu carácter; o do famoso Duque de Guiza, conhecido pelo nome de Balafré. Batalha de Coutras: Morte do Duque de Guiza: Extremidades, a que Henrique se vê reduzido. Mayenne he o Chefe da Liga: D'Aumale he d'ella o Heróe. Reconciliação de Henrique, Rei de Navarra: Socorro, que promete a Rainha Isabel: Sua resposta a Henrique de Bourbon.

Quando teve a sentença dos destinos,
Permitido no espaço de alguns dias
Hum livre curso a tantas crueldades,
E que dos seus delictos fatigados
Os monstros, embotadas as espadas,
Não tiverão mais vítimas ao ferro;
O Povo, a quem o braço havia armado
A Rainha, por fim abrindo os olhos,
Seus attentados viu; sua piedade

Eaz

CANTO III.

27

Facilmente succede á sua furia ;
Elle ouve a voz gemer da sua Patria ;
Carlos logo elle mesmo de horror forte
Se occupou ; o remorso devorante
Penetrou a sua alma ; a má cultura
De seus primeiros annos n'elle havia
Corrompido bastante a natureza ;
Porém não suffocando a voz , que assusta ;
E que os Reis horroriza sobre o Throno ;
Pela Mai educado , em seus costumes ,
E maximas nutrido , não , como ella ,
Carlos se endurecia nos delictos :
A flor de seus bons dias a tristeza
Veio em fim a murchar ; hum languor forte
Lhe abbrevia a carreira ; Deos sobre elle
Da vingança o furor descarregando ,
Quiz que este Rei morresse , e quiz que o sellasse
Da sua ira em fim o assinalasse ,
Servindo de terror o seu castigo
A qualquer , que imitallo pertendesse :
Eu o vi espirando ; Oh' quanto a imagem
He espantosa ! A meus olhos ,inda cheios
De ternura , parece estar presente :
O sangue , (a) que das veias lhe vem fóra

Com

(a). Foi sempre enfermo depois do S. Bartholomeu , e morreu quasi dois annos depois em 1574 a 30 de Maio , todo banhado em sangue , que lhe saidia pelos poros .

Com impetos mortaes , vingava o sangue
 Francez por ordem sua derramado ;
 De huma invisivel maõ elle conhece
 Ser ferido , e de hum fim taõ lastimoso
 Em suspensoens o Povo lamentava
 Na flor da idade hum Rei rendido á morte ,
 Hum Rei , pelos malevolos no crime
 Entranhado , e que á França promettia
 Pelo arrependimento , de hum governo ,
 De hum Imperio pacifico a esperança.

A' voz , de que era morto , de improviso
 O impaciente Valois a toda a pressa
 Vem do centro do Norte a estes lugares
 (Que da carnagem vilinda fumayaõ)
 De hum infeliz irmaõ occupar prompto
 A triste , quanto ensanguentada , herança.
 N'este tempo a Polonia havia posto ,
 De communa eleição , o affortunado
 Valois dos Jagellons (b) no Throno augusto :
 Seu nome mais temido , que o dos grandes
 Principes poderosos , já ganhado
 Havia o coraçao a cem Provincias ;
 Hum nome taõ depressa assim famoso

He

(b) Henrique III. succeden na Coroa a Sigismuão II. Rei de Polonia , ultimo Principe da raça dos Jagellons.

He carga mui pesada ; naõ sustenta
 Valois este perigo. Em vaõ espere ,
Que agora o justifique ; o meu repouso.
 Posso eu sacrificar-lhe , a minha vida ,
 Tudo , excepto a verdade , pois só esta
Eu devo preferir-lhe ; eu o lastimo ,
Eu o amparo ianda mesmo , quando o accuso.

Como sombra ligeira , a sua gloria
 Passado havia ; he grande esta mudanca ;
 Porém muito ordinaria ; tem-se visto
 Mais de hum Rei , das batalhas victorioso
 Voltar , para ir a ser na Corte escravo :
 No espirito , Rainha , he que se mostra
 O valor verdadeiro ; repartidas
 As virtudes Valois dos Céos obteve ;
 He valente , mas fraco ; he na verdade
 Menos Rei , que soldado ; elle constancia
 Na occasião dos combates só sustenta ;
 Vergonhosos Validos lisonjeando
 Sua indolencia , governavaõ sempre
 Seu tibio coraçao , como queriaõ ;
 Recolhidos com elle ao mais interno
 Do Palacio , aos clamores lastimosos
 Dos Povos opprimidos eraõ surdos.
 Na voz do Rei dictavaõ Leis funestas ,

E quaes lhes compraziaõ ; dos thesoires
Da França elles os restos dissipavaõ ,
E o Povo afficto , dando vaõs suspiros ,
Com o luxo gemia já sem forças ,
E pagava os fataes divertimentos .

Em tanto que debaixo de ham tal jugo
De animos cubicos , com o pezo
Dos subsidios Valois carrega o Estado ,
Guiza apparece ; e o Povo , que he mudavel ,
Para este astro brillante bem depressa
Voltou os olhos ; seu valor supremo ,
A gloria de seu Pai , suas emprezas ,
A graça , o aspecto , o dom inimitavel
De agradar (que melhor , do que a virtude ,
Os coraçoens dominia) eraõ encantos ,
Com que os votos de todos attrahia ;
Ninguem melhor do que elle a feliz arte
Possuhio de enganar ; maior imperio
Sobre suas paixoes nenhum obteve ;
Debaixo de apparencias enganosas
Nenhum soube melhor ter encubertas
De seus vastos designios as escutas
Profundidades ; aspero , soberbo ,
Mas docil , popular ; elle dos Povos
As oppressoens em publico fentia ,

DOS

Dos tributos o peço rigoroso
 Mostrava abominar : Quão fastidioso
 O pobre , que o buscou , d'elle se aparta ;
 Elle sabia a timidia indigencia
 Prevenir , em Pariz seus benefícios
 Sua presença ao Povo anunciaava ;
 Dos grandes , que inda mesmo aborrecia ;
 Soube fazer-se amar ; era terrivel
 No seu nojo , tenaz quando offendido ;
 Temetario nos votos , nas idéas
 Sempre fabio , brilhante nas virtudes ,
 E nos vicios ; á vista dos perigos
 Animoso , guerreiro , affortunado ,
 Principe grande , Cidadão perverso .

Quando por algum tempo de experientia
 Seu poder conheceu , e viu que tinha
 A inconstancia do Povo sujeitado ,
 Mais se naõ desfargou ; já sem rebuço
 Do Throno do seu Rei o fundamento
 Procura desfazer ; em Pariz fôrma
 Aquella fatal Liga , que da França
 Inficionou depressa todo o resto ;
 Monstro espantoso , que há nutrido os Povos ;
 E os Grandes , que cevados na carnagem
 Tem feito hau Pariz facil em tyranno .

Dois Monarchs a França no seu seio
 Entaó vio , mas hum d'elles naô gozava
 Mais qüe de Rei as frivolas insignias ;
 Outro porém levando a toda a parte
 A esperança , e o assombro , dava indícios ,
 De que o titulo vaô lhe era escusado.

Do seu lethargo em fim Valois desperta ;
 O ruido , o apparato , a mesma força
 Do perigo , que o incita , entaó lhe abriu
 Hum momento seus olhos carregados ;
 Mas , da importuna luz turbada a vista ,
 Naô distingue na força da tormenta
 O raio ameaçador , que fintillava
 Sob re sua cabeça ; e bem depressa
 Cançado de hum instante só de acordo ,
 Froxo outra vez lançando-se nos braços
 Do somno , entre as dilicias , e os dilectos ;
 Dorme tranquillo junto aos precipicios.

Eu lhe restava ainda , e tudo pronto
 Se via a perecer ; elle naô tinha
 Mais do que eu , quem pudesse dar-lhe auxilio ;
 Eu herdeiro do Throno depois d'elle ,
 Sem vacilar meu braço já dispunha
 A ajudallo ; hum arrimo bem preciso.

En

Eu à sua fraqueza offerecia,
Vou salvallo , ou com elle vou perder-me.

Porém Guiza muito habil , muito destro
 Em offendre , cuidava occultamente
 Hum por hum destruir-nos ; eu que digo !
 Obrigou a Valois , que se privasse
 Do seu unico amparo , em que podia
 Fundar as esperanças ; o pretexto
 Commum da Religiao foi hum honroso
 Véo a este misterio abominavel ;
 Só por esta virtude , que fingia ,
 Enfurecido o Povo , reanimava
 A colera inda n'elle mal extinta ;
 O culto de seus Pais Guiza lhes lembra ,
 E os ultimos enormes attentados
 Das Seitas Estrangeiras ; inimigo
 De Deos , da Igreja a todos me pintava.
 Bourbon leva (lhes diz) a toda a parte
 Os seus erros , seguindo os perigosos
 Exemplos de Isabel ; elle os seus templos
 Vai fundar sobre os vossos destruidos ;
 Vós vereis em Pariz as criminosas
 Infames pregaçoes dos seus Sectarios,

Ah ! que a estas palavras todo o Povo

Estre-

Estremeceu por bem dos seus altares ;
 Té onde habita o Rei foi conduzido
 Hum tal assombro ; a Liga , que fingia
 Ser d'issó espavorida , dar-lhe o annuncio
 Vem da parte de Roma , em voz de que esta
 O ligar-se comigo lhe prohibe.
 Ah ! o Rei muito fraco condescende
 Sem resistir , e quando me apressava
 Eu unico a vingar-lhe a sua injuria ,
 O irmão de minha Esposa submettido
 A vontade da Liga , por perder-me
 Se une a seus inimigos ; de soldados
 A seu pezar em fim enchendo os campos ,
 Por timidêz a guerra me declara.

De huma fraquezza tal eu me condôo ;
 Se o havia de ir vingar , a combatello
 Já parto sem demora ; em cem lugares
 As Cidades , revoltas pela Liga ,
 Se me oppõem , mil exercitos levantaó ;
 Joyeuse com ardor vem atacar-me ,
 Das fraquezas do Rei Ministro activo ;
 Guiza , cuja prudencia competia
 Co' seu valor , separa os meus seguidos ,
 A passagem lhes toma ; eu apertado
 Por toda a parte , de armas de inimigos ,

A todos desafio , e tento as fortes.

Com o soberbo Joyeuse envisto logo
Em Coutras , vós sabeis sua derrota ,
E o seu fim desgraçado ; assim , Rainha ,
Poupar-vos devo narraçoens superfluas.

Naô , naô posso acceitar vossas escuzas
(Diz a augusta Princeza) naô consinto ,
Que de huma narraçao seja privada ,
Que ao passo que me instrue , me interessa ;
Naô deixeis este dia , o grande dia
De Coutras ; dizei , sim , vossos trabalhos ,
Vossas virtudes , Joyeuse , e a sua morte ;
Emprezas forão vossas , he bem justo ,
Que o Auctor d'ellas deva só contar-mas ,
E talvez de as ouvir eu seja digna .
Assim fallou : e o Heróe ao lisonjeiro
Discurso sentio logo , que seu rosto
De hum iilustre pudôr se lhe cubria ,
E obrigado a fallar da sua gloria ,
A narraçao fatal assim prosegue .



De todos os validos , que em seu peito
Valois idolatrava , e que rendiaõ
Incensos á moleza de hum Rei froxo ,

Que

Que em fim lhe davaõ leis , Joyeuse (*c*) oriundo
 De hum sangue bem illustre entre os Francezes ,
 De taõ alto favor era o mais digno.
 Elle tinha virtudes ; e se a Parca
 De seus bons dias naõ lhe abbreviasse
 N'este combate a prospera carreira ,
 Sem duvida , que , a emprezas sempre grandes
 Sua alma costumada , inda algum dia
 De Guiza igualaria a gloria , e o nome ;
 Mas no meio da Corte elle nutrido
 Em maõs do amor , no scio dos prazeres ,
 Naõ teve que me oppor mais que hum excesso
 De valentia , em hum Herõe taõ moço
 Perigosa ventagem. A' sua forte
 Os bravos Cortezaons em chusma unidos ,
 Das delicias á morte se avançavaõ ;
 Nas cifras amoroſas , que traziaõ ,
 Por penhor das ternuras , nos vestidos ,
 Suas Senhoras deraõ-lhe seus nomes ;
 As armas com o fogo dos diamantes
 Resplandeciaõ ; bem affeminados

Mo-

(c) Anne Duque de Joyeuse casou com a irmã da mulher de Henrique III., e na sua embaixada a Roma foi tratado como irmão do Rei: elle tinha hum coraçao digno da sua grande fortuna , e combateu em Coutras contra Henrique IV. entao Rei de Navarra. Comparava-se o seu exercito ao de Dario , e q de Henrique ao de Alexandre. Foi morto na batalha por dois Capuaens de Infantaria chamados Bordeaux , & Delfeniers.

C A N T O III.

Mostravaõ ser os braços , em que vinhaõ
Taõ frivulos ornatos. Tumultuosos ,
Ardentes , pouco expertos na milicia ,
A arrogante imprudencia conduziaõ
Ao combate ; soberbos com tal pompa ,
Feros co' a multidaõ de immensas gentes ;
Impetuosoſ , ſem ordem ſe ayançayaõ.

De esplendor differente a ver ſe dava
O meu campo ; em ſilencio á vista d'elles
O exercito eſtendido , a qualquer parte
Offerecia ſó soldados fortes ,
No trabalho , e na guerra endurecidos ,
A's feridas , e ao ſangue coſtumados ;
Era o mosquete , e a espada o que compunha
Sómente ſeus adornos ; eu com elles
Trajava a mesma pompa , vinha armado
Tambem do mesmo ferro ; de pó cheio
Os eſquadreens aos golpes conduzia ,
Eu , como elles , a morte desprezava ,
E era o meu diſtinctivo taõ ſómente
Marchar na fiente d'elles. Destroçados ,
E vencidos eu vi meus inimigos ;
Que horror ! huns eſpirando , outros diſpersos ;
A espada lhes cravava nos ſeus ſeios ,
Mas muito a meu pezar , que antes quizera ,
Que

Que no sangue Hespanhol fosse ensopada.

Dos Cortezaons , a quem cortou o ferro
 Na flor da idade , (he força confessallo)
 Com feridas honrosas nenhuma honye ,
 Que naõ morresse ; firmes nos scys póstos
 Viaõ diante de si accommetellos
 A morte , sem que o rosto algum voltasse ;
 Sem recuar hum só passo ; este o carácter
 Dos Cortezaons Francezes ; a paz n'elles
 O ordinario valor naõ debilita ,
 Da sombra do repouso voár sabem
 A's emprezas ; na Corte lisonjeiros ,
 Mas no Campo de Marte Heróes valentes.

Eu no meio do horror de huma espantosa
 Confuzaõ , sim mandava se perdoasse
 A Joyeuse , mas em vaõ ; pois bem depressa
 O vi pelos soldados conduzido
 Pallido , e já cuberto das escuras
 Sombras da morte ; tal como a flor tenra ,
 Que na manhã se vê romper formosa
 Com os sopros do Zefiro suave ,
 Co' as lagrimas da Aurora ; brilha á vista
 Poucos instantes , cahe antes de tempo ,
 Ou já sinta do ferro o duro golpe ,

Ou

Ou a força do vento encrucido.

Mas para que recordo, e não me esqueço
 De tão triste victoria! que não possa
 Abandonar eu antes da lembrança
 Os crueis monumentos de espantosos
 Preteritos successos! o meu braço
 Só do sangue Francez se tinge ainda;
 A tal preço huma gloria assim comprada
 Não me pôde encantar; se a frente cinjo
 De ensanguentados loiros, seraõ sempre
 De minhas tristes lagrimas banhados.

D'este infeliz combate, d'esta perda
 Resultou profundar-se mais o abyssmo,
 De que Valois em vaõ sahir queria;
 Quando a sua desgraça foi patente,
 Mais desprezado foi; Pariz foi menos
 Submissa, a Liga teve mais audacia;
 E a grandeza de Guiza, que accendia
 Suas dores, e affrontas igualmente,
 Dobrou seus infortunios. Guiza (*d*) soube

Em

(d) No mesmo tempo que o exercito do Rei foi derrotado em Coutras, obrava o Duque de Guiza accions de hum destro General, contra hum Corpo de Cavallaria, que vinha em forcorro de Henrique IV., e depois de o haver cançado, e accomettido por muito tempo, o desfez junto d'Aunau.

Em Vimori com maô mais venturosa
 Vingar sobre os Germanos derrotados
 De Joyeuse a perda ; o mesmo mal sentiraô
 Em Aunau meus aliados sorprendidos :
 Entra em fim em Pariz cheio de loiros
 O grande vencedor ; alli se mostra ,
 Como hum Deos Tutelar : Valois admira
 Os triunfos do seu rival soberbo ,
 Que sempre no insultar com vigor forte
 Ao Principe abatido , parecia ,
 Que o naô fora a servir , mas a vencello.

A vergonha por fim he quem accende
 O mais fraco valor , Valois sensivel
 He já no resentir-se d'esta affronta ;
 Reprimindo a fereza de hum vassallo ,
 Quiz provar sua fraca auctoridade ;
 Mais que esperar naô tinha , estava extincta
 Nos coraçoens de todos a ternura ,
 Naô havia temor para com elle ;
 Todo o Povo atrevido a sublevar-se
 Se dispunha ; o seu Rei por hum Tyranno ;
 Desde que quiz reinar , reconheciaô ;
 Ajuntaô-se , conspiraô-se , os rebates
 Se multiplicaô , passa à ser soldado
 Qualquer Paizano , em armas se poem logo

Te

Todo o Pariz, se formaõ n'um instante
 Mil muralhas nascentes , (e) que ameaçaõ
 Contra as guardas do Rei postas em sitio.

Guiza (f) no horror maior da tempestade
 Tranquillo , e fero , já precipitando ,
 Já fazendo conter o ardor da plebe ,
 Da sediçao as maquinas regia ;
 Por elle se agitava , e a seu imperio ,
 Este tão vasto corpo ; ardendo em furia
 Ao Palacio corria a chusma toda ;
 Se Guiza huma palavra só dissesse ,
 Era morto Valois ; mas quando mesmo
 De hum só golpe de vista elle o podia
 Destruir , pareceu satisfazer-se
 Com fazello tremer ; e os sediciosos
 Impedindo elle mesmo em seus progressos ;
 Por piedade deixou o passo livre ,
 Porque Valois pudesse haver a fuga.
 Em fim (qualquer que fosse o seu projecto)
 Guiza para tyranno emprehendeu pouco ,
 Muito para Vassallo. Todo aquelle ,
 Que há podido forçar o seu Monarcha

A

(e) As barricadas.'

(f) O Duque de Guiza nas barricadas , contentou-se de
 reenviar a Henrique III. as suas guardas , depois de havellas
 desarmado.

A temello , se naõ se arrisca a tudo ;
 Tudo devo recear ; desde este dia ,
 Nos seus grandes desígnios Guiza firme ;
 Conheceu , que naõ era já mais tempo
 De ser meio offensivo , e que elevado
 A tão alto , mas sobre hum precipicio ,
 Se ao Throno com triunfo naõ subia ,
 Ao supplicio marchava ; elle absoluto
 Senhor em fatti de hum Povo rebelado ,
 O coraçao bém cheio de esperança ,
 E de temeridade , dos Ibéros
 Soccorrido , apoiado dos Romanos ,
 Amado dos Fráncezes , protégido
 De seus inimigos , suppoz este orgulhoso
 Vassallo revocar aquelles tempos
 Dos nossos Reis primeiros , em que os fracos
 Seus descendentes sendo decehidos
 Quasi ao nascer , do seu poder supremo ,
 Debaixo de hum butel , que aborreciaõ ,
 O diadema occultavaõ ; e nas sombras
 De hum clauстро , (g) alli gemendo so comigo ,

Viaõ

(g) O Cardeal de Guiza, irmão do Duque, havia dito muitas vezes, que elle esperava ter bem cedo a cabeça de Henrique III. entre as suas pernas para lhe abrir huma Coroa de Monge; este desígnio era tão publico, que se affixaraõ estes dois versos latinos nas portas de Louvre.

*Qui dedit quis datur, non amabitur, dilecta non sit.
Tertia Tonaris est facienda manu.*

Viaõ reger o Imperio seus tyranos;

Valois sua vingança differindo,
 Os Estados de França em Blois erguiu;
 Talvez vos hajaõ dicto estes Estados
 Quaes foraõ; Leis alli se propuzerão,
 Que naõ se executaraõ; a eloqüencia
 De Deputados mil tornou-se estéril;
 Largamente propoz nossos abusos,
 Mas sem fructo; que o thais commun effecto
 De tantos, e diversos pareceres,
 He vermos sem alívio os nossos males.

No meio dos Estados, arrogante
 Vem Guiza do seu Príncipe offendido
 Injuriar à presença; junto ao Throno
 Se sentou, e nos seus projectos firme,
 Bem creu, que tinha n'estes Deputados
 Outros tantos Vassallos. Já a traidora
 Vil cohorte, vendida ao seu tyranno,
 Hia a por-lhe na maõs o poder summo,
 E absoluto dos Reis, quando cançado
 De o temer, de o poupar, Valois vingar-se
 Quiz em fim, e reinar. O rival sempre
 Attento em desgostallo, desprezava
 Desdenho lo inimigo ás suas iras,

No

No Principe irritado não suppondo
 Haver valor bastante a destruillo :
 Seu destino o cegava , eraõ já cheios
 Seus dias , o Rei mesmo á sua vista
 O fez sacrificar ; (b) cem punhaladas
 O ferem cruelmente ,inda espirando
 Naô se abateu por isso o seu orgulho ,
 E o rosto , que talvez ainda temia
 Valois , pallido , e todo ensanguentado
 Insulgar o seu Rei inda mostrava :
 D'esta sorte acabou hum tal Vassallo
 Poderoso entre todos , admiravel
 Compendio de virtudes , e de vicios ;
 O Rei , cuja suprema auctoridade
 Elle havia usurpado , froxamente
 O soffreu , té que d'elle houve vingança.

A fama do successo sem demora
 Vôa a Pariz , o Povo sorprendido
 Com gritos enche o ar , logo as mulheres
 Consternadas , os velhos suspirando ,
 Partiraõ a abraçar do infeliz Guiza
 As estatuas. Pariz todo suppunha

Per-

(b) Elle foi assassinado na antecamara do Rei, no Castello de Blois, por Lognac, Gentil homem Gascon, e por alguns dos guardas de Henrique III., que se chamavaõ os quarenta e cinco a 23 de Dezembro de 1588.

Pertencer-lhe n'este ultimo perigo
 Vingar o Pai , e defender a Igreja.
 De Guiza o irmão , o intrepido Mayenne , (i)
 Posto no meio d'elles lhes incita
 O furor á vingança ; era o interesse ,
 Mais que o ressentimento , quem o obriga
 A accender em mil partes a desordem.

Nos temores nutrido há muito tempo
 Mayenne , militou subdito sempre
 Ao mando do soberbo Chefe Guiza ;
 Elle he seu sucessor não só na gloria ,
 Mas também nos designios. Se há passado
 A's suas mãos da Liga o impio sceptro ,
 Esta grandeza immensa , e tão amavel
 Ao seu desejo , em breve o fortalece
 Na perda de hum irmão , que elle obrigado
 Servio sempre : Mayenne antes estima
 Vingallo , que marchar ás suas ordens.

Tem Mayenne hum valor assás heroico ;
 (Eu confesso) por huma affortunada
 Bem experta politica elle sabe
 Ter debaixo das suas leis unidos
 Espiritos diversos , sempre oppostos

E

Ao

(i) O Duque de Mayenne , irmão mais moço do Balafré

Ao seu Rei , quando escravos dos Tyrannos ;
 Como conhece d'elles os talentos ,
 Assim sabe usar d'elles ; muitas vezes
 De hum infortunio tira huma ventagem :
 Com mais estrondo , mais magnificencia
 Guiza os allucinava ; foi mais grande ,
 Mais Heróe , mas naõ foi mais pernicioso.
 Eis-aqui em rigor quem he Mayenne ,
 E qual o seu poder ; a Liga altiva
 Quer da sua prudencia esperar tudo :
 O mancebo d'Aumale presumido
 De hum forte coraçao , seu orgulhoſo
 Valor pelos espiritos derrama :
 D'Aumale he do Partido hum formidavel
 Escudo ; elle até hoje de invencivel
 O titulo possue ; em fim Mayenne ,
 Que ao meio dos combates o dirige ,
 Alma he da Liga , e he d'Aumale o braço.

No em tanto dos Flamengos o funeiro
 Politico oppressor , esse vizinho
 Pernicioso , o Catholico tyranno ,
 O Rei , que no artificio só se firma ,
 O Rei vosso inimigo , e na verdade
 Meu inda mais , Filipe , (I) a si tomado

De

(I). Filipe II. Rei d'Hespanha , filho de Carlos V, chama-

De Mayenne a defeza , elle fomenta
 A causa dos rivaes. A mesma Roma , (m)
 Que suffocar devera tantos males ,
 Roma as chamas accende da discordia : (n)
 Aquelle que tambem Pai se intitula
 Dos Christãos , huma espada sanguinosa
 Nas maôs dos filhos poem ; dos dois limites
 Da Europa , de me verem assombrados ,
 A Pariz correm todas as desgraças :
 Rei em fim sem Vassallos , sem defeza
 Perseguido , Valois vê-se obrigado
 A implorar meu poder ; imaginou-me

E 2

Ge^a

va-se *Demonium meridianum* , porque turbava toda a Europa , ao meio dia da qual se finda a Hespanha.

(m) He verdade que Roma se introduzia muitas vezes nas dissensões temporaes dos Príncipes , mas devemos confessar , que o mais dellas o fazia , porque os mesmos Príncipes a interessavaõ nas suas disputas. Os principios do Direito publico Ecclesiastico , tão ruinosos como forão nos Séculos antecedentes , conduzião muito a que os Pontífices chasssem similhantes discordias , como coisa sobre que tinhaõ huma legitima inspeccão ; e d'aqui se seguiria arrogarem a si poderes , que justamente lhe forão depois contestados. O Patrocínio , e socorro que Roma dava' nessa occasião aos da Liga era bem fundamentado , porque temia ver pela entronização de Henrique IV. , alguma mudança de Religiao , n'huma Reino , onde a verdade achara sempre o seu mais firme apoio. Accuzem-se pois os tempos , e não as sagradas pessoas dos Pontífices. (Nota do Editor)

(n) A Corte de Roma ganhada pelos Guizas , e submetida entao à Hespanha , fez quanto pôde , para arruinar a França. Gregorio XIII. socorreu a Liga com homens , e dinheiros ; e Sixto V. começou o seu Pontificado pelos maiores excessos , que felizmente forão os mais inutéis contra a casa Real.

Generoso , e naô tevê pezar d'isso ;
 Meu coraçao se ocupa das miserias
 Do Estado ; em hum perigo taô urgente
 De todo se placaraõ minhas iras ;
 Naô respeito em Valois mais que da Esposa
 O irmão ; o meu dever assim o ordena ,
 Com a sua lei cumpro ; a auctoridade
 De hum Rei , eu Rei defendo ; a Valois busco
 Sem mais trato ou refens , (o) e entaõ lhe digo :
 No vosso animo está vossa fortuna ,
 A morrer , ou vencer vinde , apressai-vos
 Aos muros de Pariz . Hum nobre orgulho
 Seu espirito entaõ encheu de todo :
 Lisonjearme naô sei de haver podido
 Na sua alma infundir com meu exemplo
 Huma taô bella chama : Há dispertado
 Sua desgraça em fim sua virtude ;
 A froxidaõ lamenta , que abatido
 O havia tanto tempo ; precisava
 Valois de hum tal destino assim adverso ;
 Muitas vezes aos Reis he necessario.

Taes eraõ de Bourbon os bem sinceros

Dif-

(o) Henrique IV. teve a generosidade de ir a Tours , ter com Henrique III. , seguido sómente de hum page , sem embargo das desconfianças , e rogativas de seus velhos Officiaes , que temiaõ por elle hum segundo massacro .

Discursos ; entre tanto dos Inglezes
 Insta o socorro ; já dos altos muros
 Da Cidade rebelde a voz , que clama
 Victoria , para o Campo o está chama~~ndo~~
 Mil mancebos Inglezes partem logo
 Sobre seus passos a cortar o seio
 Dos mares ambiciosos dos combates.

Essex lhes vai na frente ; (p) Essex aquelle ,
 Cujo valor aos feros Castelhanos
 Confundio a prudencia , e que naõ cria ,
 Que hum infausto destino lhe murchasse
 Os loiros pela sua maõ colhidos.

Naõ se demora Henrique ; áquelle Chefe
 Nada tambem o impede , elle se apressa
 A partir , impaciente da victoria.
 Ide pois , digno Heróe (dizlhe a Rainha)
 Ide , que os meus guerreiros já vos seguem ,
 Atravessando as ondas ; porém certo ,
 Que naõ he a Valois , mas sim a Henrique ,
 A quem querem seguir ; ao seu cuidado

Ge-

(p) Roberto de Evreux , Conde de Essex famoso 'pela toz
 madia de Cadiz aos Hespanhoes , pela ternura de Isabel para
 com elle , e pela sua morte tragică em 1601. Esta Rainha o
 enviou com effeito na testa de cinco mil homens em soccor-
 so de Henrique IV.

Generoso os confia a minha aliança ;
 Veilos-heis irão ao meio dos combates ,
 Mais por vos imitar , do que em socorro ;
 Na grande arte da guerra elles formados
 A vosso exemplo , aprenderão com vosco
 A servir a Inglaterra : possa a Liga
 Bem depressa acabar aos vossos golpes.
 Serve Hespanha a Mayenne ; oppoem-se Roma
 Contra vós ; ide pois vencer a Hespanha ,
 E sabei , que não deve hum homem grande
 Já mais temer de Roma os debeis raios.

Vindicai das Nações a liberdade ;
 A fereza de Sixto , e de Filipe ,
 Abatei ; de seu Pai Filipe há sido
 Hum tyrannico herdeiro , menos grande ,
 Menos forte , e político não menos ;
 Desfazendo os vizinhos , dando a todos
 Armas , do fundo crê do seu Palácio ,
 Que pôde subjugar o mundo inteiro.

Do seio do pó , Sixto (q) hoje elevado (r)

Ao

(q) Sixto V. nascido nas grutas da Marca de Ancona , homem cuja turbulentis igualou à sua dissimulação. Ele com tudo estimava a Rainha Isabel , e appellidava-a por *mi grande amarelo de Princesa*.

(r). O nascimento humilde e obscuro de Sixto não he na verdade hum título justo para a sua censura : Tem-se vi-

**Ao Throno com poder mais diminuto
Tem alma inda mais fera ; o Pastorinho
De Montalto rival dos Reis se ostenta ;
Em Pariz , como em Roma , elle pertende
Dar suas leis ; debaixo do pomposo
Esplendor de huma Coroa triplicada ,
Só pensa ter a si tudo sujeito ,
Inda o mesmo Philippe : Sixto he ardente ;
Mas destro , enganador , dissimulado ,
Inimigo fatal dos poderosos ,
Dos fracos oppressor ; na minha Corte ,
Em Londres há formado seus Partidos ,
E o mundo , a quem engana , sem que o pense ;
He das suas intrigas perturbado.**

**Saõ estes os mais habeis inimigos ,
Que devcis destruir ; ambos ousaraõ
Contra mim levantar suas bandeiras ;
Hum combatendo o Inglez , e as tempestades ;**

Fez

to em todas as diferentes Jeraquias da sociedade civil , nos mesmos lugares mais eminentes , Heróes tirados do pó da terra. Os talentos , e a virtude não estão annexos à nobreza. Com efeito se Sixo V. não tivesse passado talvez nestes tumultos da França , além dos sagrados limites do seu poder , elle deveria ser olhado como o modelo dos Pontífices ; a sua justiça teve , em que se exercitou , durante o seu Pontificado , e he por isto que pareceu cruel , quando n'huns tempos em que Roma natava nos maiores insultos , elle não foi mais que justiciero. A invechia de Isabel em todo este lugar , he mais nascida da aversão , e do rancor , que da cegura , e da verdade. (Nota do Editor)

Fez o Oceáno ver sua fugida , (f)
 E o seu triste naufragio ; inda estas praias
 Tinças de sangue estaõ dos seus guerreiros ;
 Outro se cala em Roma , ahi me estima ,
 E mete-me : segui á vista d'elles
 A vossa nobre empreza ; se he vencido
 Mayenne , se verá Roma sujeita ;
 Só vós podeis reger o odio de Roma ,
 Ou seus favores ; sei , que he inflexivel
 Com os vencidos , mas condescendente
 C'os vencedores ; prompta em condenar-vos ,
 Em absolver-vos facil ; a vós toca
 Accender o seu raio , ou extinguillo .

CAN-

(f) A grande armada de Filipe II. destinada para a conquista de Inglaterra , foi batida pelo Almirante Drake , e desbaratada por huma grande tempestade.

CANTO IV.

ARGUMENTO.

D'Amale estava quasi a fazer-se Senhor do Campo de Henrique III., quando o Heróe voltando de Inglaterra, combate os rebeldes, e faz mudar a fortuna. A Discordia consola a Mazyenne, e vóia a Roma a pedir-lhe socorro. Descripção de Roma, onde reinava entaõ Sixto V. A Discordia abi achou a Política, e volta com ella a Pariz; subleva a Sorbona, anima os Desafais contra o Parlamento, e arma os Religiosos. Entregaõ-se nas mãos dos Algozes os Magistrados, que sustentavaõ o Partido dos Reis. Turbaõ, e confusaõ horrivel em Pariz.

EM quanto proseguindo em conferencias Particulares, ambos ponderavaõ Com mais socego os grandes interesses, Exhaurindo a sciencia ventajosa Do modo, por que o mundo se combate; Se dóma, e rege; o Sena com assombro Sobre suas ensanguentadas margens Né da Liga as bandeiras despregadas.

Vai

Valois longe de Henrique abserto , inquieto ;
 A incerteza temia do destino
 Dos combates; de apoio precifava ,
 Em seus designios froxo , e vacillante ;
 Espera por Bourbon , pois que o seguro
 Tem de vencer com elle ; mas em tantas
 Demoras os da Liga fe animaráo :
 Das portas de Pariz vem já sahindo
 Os esquadroens. D'Aumale vem soberbo ;
 Nemours , Brissac , o intrapido S. Paulo ,
 Canillac , Chatre , todos de hum Partido
 Culpavel animosos defensores :
 Nos seus successos rapidos caufavaõ
 A Valois grande susto ; o Rei ao ponto
 Muitas vezes chegou de arrepender-se
 De haver feito partir o Heróe sublime.

Entre os taes combatentes inimigos
 Do seu Rei , hum irmão de Joyeuse armado
 Se anima a apparecer ; (a) foi este aquelle ,
 Que sucessivamente viraõ todos

Do

(a) Henrique , Conde de Bouchage , irmão mais moço do Duque de Joyeuse , morto em Coutras , por hum toque do Céo se fez frade capuchinho , mas depois largou o habito , e tomou as armas contra Henrique IV. O Duque de Mayenne o fez Governador do Languedoc , Duque Pár , e Marechal de França. Depois resolveu-se a tornar para o seu Convento onde morreu .

Do seculo passar para o retiro
 De hum claustro , e já do claustro para a Corte ;
 Vicioso , penitente ; altivo , humilde ;
 Cortezaõ , solitario ; elle inconstante
 Tomou , deixou , de novo a vestir torna
 A couraça , e o cilicio ; dós altares
 Sacrosantos , com lagrimas regados ,
 Corre a animar da Liga a furia ardente ,
 E no sangue da França lacrimosa
 A ensopar suas mãos , aquellas mesmas ,
 Que ao Eterno elle havia consagrado .

Mas de tantos guerreiros , quem soberano
 Inspirou valeroso mais assombros ,
 Infundio mais horror , de quem mais fero
 Foi sempre o cotação , fatal o braço ,
 Foste vós juvenil Principe , forte ,
 Impetuoso D'Aumale ; (b) vós nascido
 Do sangue dos Loréna's tão fecundo
 Em Heróes , vós dos Reis bravo inimigo ;
 Das leis , e do repouso. Em todo o tempo
 O seguiu toda a flor da mocidade ,
 Sahio sempre com elles á campânia

Já

(b) O Cavalheiro d'Aumale , irmão do Duque do mesmo apellido , da casa de Loréna , era hum mancebo impetuoso dotado de brillantes qualidades , que durante o fôrro de Páxiz esteava sempre á frente das sortidas , e inspirava aos habitantes o seu valor , e a sua confiança .

Já em silencio , já com grande estrondo
 Na clara luz do dia , ou já nas sombras
 Da noite , ao inimigo surprendido
 Por toda a parte conduzindo a guerra ,
 Do sangue dos ferozes sitiadores
 O seu braço regava o campo todo.
 Taes da altura do Caucaſo sublime ,
 Ou do cume do Athos , donde a vista
 Descobre ao longe o ár , a terra , as ondas ;
 As Aguias , e os Abutres , com as azas
 Estendidas de hum vôo arrebatado ,
 Rasgando as vastas nuvens , vaõ famintas
 Roubar nos campos do ár as tristes aves ,
 No prado , e bosque os miserios rebanhos ;
 E voltaõ faciados para o centro
 Medonho das ensanguentadas rochas ,
 Os despojos trazendo a grandes gritos !

Em h̄um d'estes combates elle cheio
 Da sua gloria , havia penetrado
 As tendas de Valois : a noite , o ruido ;
 O repentino assalto augmenta o espanto :
 Eis que tudo tremia , fraquejava ,
 E á sua força em fim cedia tudo ;
 A impetuosa torrente era já prompta
 A derramar-se ; e quasi que se via

Tu-

Tudo inundar o choque tenebroso ;
 A estrella da manhã vinha nascendo ;
 Mornay , que em retirada com seu amo
 Lhe precedia , já divisa as torres
 Da soberba Pariz : de hum grande estrondo ,
 Mixto de horror , he logo surprendido ;
 Elle corre , em total desordem acha
 De Valois os soldados , e inda os mesmos
 De Bourbon ≡ Justos Céos ! He deste modo ;
 Que vós nos esperais ? A defender-vos
 Chega Henrique , vem já : será possivel ,
 Que vos veja em fugida companheiros ?
 E vós fugis ? ≡ Ao som das suas vozes ,
 Como lá se vio junto ao Capitolio
 Em outro tempo o fundador de Roma ,
 Opprimido das armas dos Sabinos ,
 Conter os seus Romanos com o nome
 De Jupiter ; ao nome só de Henrique
 Se detem os Francezes ; já se inflammao
 De pejo , retrocedem , marchaô , gritaô :
 ≡ He vindo o nosso Heróe , nós venceremos
 A' sua vista. ≡ Henrique de improviso
 Entre elles apparece , e taô brilhante ,
 Qual brilha a luz na força da tormenta :
 Aos esquadroens primeiros já se passa ,
 Poem-se d'elles na frente , elle combate :

Se-

Seguem-no , e faz se mudem os destinos ;
 Em seus olhos o raio se está yendo ,
 A morte em suas maos ; todos os Chefes
 Junto a elle animados se fatigaõ ;
 Chega a victoria , em fim , desapparecem
 Os rebeldes ; bem como aos claros raios
 Do dia ; que se avança , se diffipa
 D'elles astros da noite a luz brilhante.

Em vaõ D'Aumale intenta se demorem
 Sobre as margens as tropas fugitiyas
 Dos seus amedrontados ; se aos combates
 A sua voz por hum momento os chama ,
 A voz do grande Henrique precipita
 Fortemente seus passos ; de seu rosto
 Ameaçante o terror os affugenta ,
 O Chefe os torna a unir , porém o susto
 Os desbarata , em fim precipitado
 He com elles D'Aumale na fugida :
 Como do alto do monte , que de nevosa
 Se vê todo cercado , pelo meio
 Dos gelos , e das neves derreridas ,
 Cahe , e rôla o rochedo , que elevado
 As nuvens ameaçava ; mas que digo ?
 D'Aumale se suspende , e aos siriantes
 Mostra inda aquelle rosto , que temyel

Foi

Foi sempre , elle dos seus , que á forga o ferão ;
 Se liberta animoso , e por hum pouco
 Detem o vencedor , que o admirava ;
 Mas de inimigos logo alli sodeado ,
 Hia a morte a punir sua oufadia.

Eis a Discordia o vio , e por D'Aumale
 Tremeu : posto que barbara , precisa
 Dos seus dias ; ao ár ella se eleva ,
 É vóia em seu socorro ; alli chegando
 Oppõe á multidaõ , que já o opprime ;
 De ferro o escudo immenso , impenetravel ;
 Que manda sobre a morte , que acompanha
 O horror , e cuja vista sempre inspira
 Ou raiva , ou susto : Oh tu filha do Inferno ;
 Discordia inexoravel , defensora
 Pela primeira vez appareceste ;
 Tu salvaste hum Heróe , tu prolongaste
 Seu destino com essa maõ , ministra
 Que foi sempre da morte ; sim , com essa
 Barbara maõ aos crimes costumada ,
 E que nunca até entaõ poupado havia
 Víctimas , que eraõ suas. Conduz ella
 A's portas de Pariz cheio de golpes ,
 Que não sentira , e todo ensanguentado
 A D'Aumale ; ella applica ás suas chagas

Hu-

Huma maõ salutar , ella the véda
 O sangue derramado a seu respeito :
 Mas em quanto a seu corpo restitue
 Todo o vigor , dos seus mortaes venenos
 Lhe infecta o coraçao ; como o Tyranno ,
 Que na mesma piedade ser intenta
 Cruel , e assim suspende ao desgraçado
 A sentença mortal , a seus occultos
 Delictos elle faz servir seu braço ,
 E logo que os comette , o entrega á morte .

Henrique aproveitar sabe prudente
 Esta grande vantagem , com que a sorte
 Dos combates o seu valor honrára ;
 Dos momentos na guerra elle conhece
 Todo o preço ; os rebeldes surprendidos
 No mesmo instante aperta , pertendendo ,
 Que ás batalhas succedaõ os assaltos ;
 Quer traçar-lhes a perda mesmo em torno
 Dos seus muros ; Valois já de esperanças
 Todo cheio , e com tal apoio forte ,
 Aos soldados dá aquelle mesmo exemplo ,
 Que de Bourbon recibe ; elle os trabalhos
 Sustenta com valor , despreza os medos .
 Tem tambem seus deleites o perigo ,
 A afflicçao seus prazeres : logo os Chefes

Se

Se unem todos , succedem as emprezas
 Segundo os seus desejos ; sem demora
 O terror , que na frente d'elles marcha ,
 Dissipando dos timidos sitiados
 Os esquadroens , lhes vai quebrar as portas
 A' vista mesmo d'elles sorprendidos :
 Mayenne , em hum perigo taô urgente ,
 Que poderá fazer ? Tem por soldados
 Todo hum Povo , que geme ; aqui a filha
 O morto Pai com lagrimas lhe pede ,
 Espavorido alli o irmão soluça
 Sobre as cinzas do irmão ; todos lamentaô
 O mal presente , temem o futuro ;
 O grande corpo attonito naô pôde
 Já mais reunir-se , ajuntaô-se , consultaô ,
 Ou fugir , ou renderem-se pertendem ;
 Irresolutos todos , a defeza
 Nenhum quer ; tanto a fraca plebe varia
 Troca a temeridade pelo susto .

Impaciente Mayenne vê perdida
 A sua tropa , mais de cem designios
 Dividiaô sua alma irresoluta ;
 Eis que entaô a Discordia , de improviso ,
 Vem buscar este Heróe , faz que sibillem
 Suas serpentes , diz-lhe d'esta forte :

F

Di-

= Digno herdeiro de hum nome formidavel
 A' França ; tu , que ao meu cuidado uniste
 O da tua vingança , tu , nutrido
 A meus olhos , ás minhas leis formado ,
 Ouve a quem te protege , e reconhece
 A minha voz : Hum Povo naó te assusto
 De si fraço , e inconstante ; huma pequena
 Desgraça seu valor há entibiado ,
 Animallos me toca , a meu imperio
 Estaó seus coraçoens ; verás pois logo ,
 Como nossos designios auxiliando ,
 Cheios da minha colera , e em despojo
 A meus furores , partem atrevidos
 A combater , e a dar a vida alegres. =

De improviso a Discordia mais ligeira ,
 Que hum relampago , do ár abre as campanhas
 Com hum seguro vôo : Entre os Francezes
 O assombro , e a turbaçao por toda a parte
 A seus olhos presentaõ mil objectos
 Espantosos ; seu halito derrama
 Huma aridez fatal por cem lugares ;
 Morre o fructo ao nascer na plânta infecta ,
 As espigas voltadas vaô murchando
 Sobre a terra ; escurece-se o Céo todo ,
 Tornaõ-se os astros pallidos , e o raios.

De-

Debaixo de seus pés estala, e grita,
 Parece annunciar a morte aos Pávos
 Assombrados. Hum turbilhão a leva,
 Onde o Eridano rapido as fecundas
 Margens se vê regar com suas aguas.

Roma em fim se descobre ás suas vistas ;
 Roma algum dia o templo, o objecto, o assombro,
 Dos mortaes ; Roma , sim , cujo destino
 He na guerra , ou na paz , o ser senhora
 Do mundo em qualquer tempo : Pela sorte
 Dos combates se há visto antigamente
 Ao seu throno soberbo , e sanguinario ,
 Sujeitarem-se os Reis ; ao duro imperio
 Da sua Aguia terrivel se curvava
 Todo o universo. Mas nos nossos dias
 Exercita hum poder com mais soccego ;
 Debaixo do seu jugo elia há sabido
 Domar seus vencedores , ter nás almas
 Dominio , as coraçõens ter a seu mando :
 Os seus votos saõ leis impreteriveis ,
 E as suas armas saõ os seus decretos.

Junto do Capitolio , onde reinaraõ
 Tanto Heróes famosos , sobre as ruinas
 De Bellona , e de Marte , no alto throno

Dos Cezares se fenta hum venerando
 Pontifice ; felices os seus Padres
 Com pé tranquillo calcaõ os s̄epulchrós
 Dos Catoens , e de Emilio as cinzas nobres ;
 O throno sobre o altar he collocado ,
 E o poder absoluto faz , que aperte
 A mesma maõ o Sceptro , e o Incensorio.

Deos mesmo alli fundou a sua Igreja
 Nascente , se humas vezes perseguida ,
 Outras triunfante ; alli o seu primeiro
 Apostolo regeu com singeleza
 A verdade , e a candura ; os seus vestigios
 Algum tempo seguirão seus ditosos
 Successores , que quanto mais humildes ,
 Tanto mais respeitados ; suas frentes
 Naõ de hum falso brilhante revestiaõ ;
 Era a pobreza , sobre que fundavaõ
 Huma austera virtude ; elles zelosos
 Só dos bens , que deseja hum verdadeiro
 Christão , era do fundo das choupanas ,
 Que ao martyrio passavaõ. Bem depressa
 O tempo (que por fim tudo corrompe)
 Seus costumes mudou ; para punir-nos
 O Céo lhes deu grandezas ; poderosa

Def-

Desde este tempo Roma , (c) e profanada ,
 Aos conselhos dos máos se vio sujeita ;
 O veneno , a traiçao , o assassinato
 Foi do novo poder o fundamento
 Horroroso ; de Christo os successores
 Collocaraõ no centro do sanctuario ,
 Sem pejo algum , o incesto , e o adulterio ;
 Roma em fim opprimida do dominio
 Odioso de Tyrannos taõ sagrados ,
 Pelos seus falsos Deozes suspirava :
 Maximas mais prudentes se fizeraõ
 Depois ouvir ; os crimes se evitavaõ ,
 Ou melhor , se encubriaõ ; já da Igreja ,
 E do Povo os direitos confundidos ,
 Melhor se regulavaõ ; fez-se Roma

Ar-

(c) Derivando o Summo Pontifice o seu poder do primei-
 ro Chefe da Igreja Jesus Christo, he certo, que o seu poder
 he o mais augusto, pois essencialmente versa sobre os cora-
 ções dos fieis. Se a pobreza , e as virtudes fizeraõ o carácter
 dos Bispos de Roma no espaço dos tres primeiros séculos ,
 ainda depois das doações do grande Constantino , e das li-
 beraes mercês de seus pios Successores , se viraõ brilhar alli,
 aquella constancia de fé Apostolica , aquellas virtudes heroi-
 cas , que fazem a honra do Christianismo , e que immortali-
 zaraõ em todo o tempo a memoria de tantos Padres Santos ,
 que no decurso dos séculos a tem governado , e que forão
 elles mesmos hum fiel retrato dos seus primitivos Pastores .
 Se alguns d'elles porém se fizeraõ notaveis pelos seus vicios
 (oxalá que a historia nos naõ fornecesse taõ irrefragaveis
 testemunhos !) nisto nos daõ hum argumento da sua fragili-
 dade , e nos lembraõ , que eraõ homens : Assim os seus cos-
 tumes nada prejudicão á pureza da fé , e da Religiao , que
 elles já mais contaminaraõ , no meio dos seus mesmos cri-
 mes . (Nota do Editor)

Arbitra só dos Reis , mas não o espanto ;
 Debaixo já do orgulho respeitavel
 Do triplice diadema he restituída
 A modesta virtude ; mas a idéa ,
 A arte de moldar-se aos de mais homens ,
 Hoje he o dom mais sublime dos Romanos.

Rei da Igreja , e de Roma era então Sixto : (d)
 Se para obter o titulo de grande
 Basta ser falso , austero , e formidavel ,
 No lugar dos maiores Reis contado
 Será Sixto ; a quinze annos de artificio
 Elle a sua grandeza never soube ;
 Elle soube occultar suas virtudes ,
 E vicios , por tres lustros ; mostrou sempre
 Fugir á dignidade , ao mesmo tempo
 Que ardia por obtella ; fez-se indigno
 A fim de possuir melhor o throno.

Ao poderoso abrigo do seu braço
 Dispotico , a Politica reinava
 Dentro do Vaticano , filha que era
 Da ambição torpe , do interesse avaro ,

Mai

(d) Sixto V. sendo Cardeal de Montalto, soube fazer bem o papel de simples , e tonto , por espaço de 15 annos , de sorte que lhe chamavaõ commumente o Asno de Ancona. He notorio o artificio , com que obteve o Pontificado , e a altivez , com que reinou.

Mái da fraude , da seducçāo , do invento :
 Este engenho monstro , em subtilezas
 Taô fertil , de mil penas combatido ,
 Sereno , e soccegado entaô se mostra ;
 Seus olhos fundos , na agudeza linceis ,
 Do repouso inimigos , não sentiraô
 Já mais do doce sonno as dormideiras :
 Com seus enganos ella a toda a hora
 Abusa dos aspectos perturbados
 Da Europa confundida ; reina sempre
 A mentira subtil em seus discursos ,
 E por mais encubrir seus artifícios ,
 Com a voz da verdade he que se expressa :

Ella divisa apenas a Discordia ,
 Quando corre a seus braços , logo a afaga ,
 A obsequia com hum maligno riso ,
 Com hum ár mysterioso ; e de repente
 Tomando hum tom bem cheio de tristeza ,
 = Não estou mais (diz ella) n'esses tempos
 Felices , em que os Póvos enganados
 Me offertavaô seus votos ; em que a Europa
 Credula , ao meu poder toda sujeita ,
 As leis da sua Igreja confundia
 Co' as minhas leis ; bastava , que eu fallasse ,
 Para que logo os Reis , estremecendo ,

A meus pés se humilhassem ; se eu queria ,
 A' minha voz a guerra se excitava
 Sobre o mundo , os trovoens eraõ lançados
 Do alto do Vaticano ; em fim a vida ,
 E a morte só nas minhas maõs estava ;
 Dar os Reinos , tirallos , restituillois ,
 A mim me pertencia : esse bom tempo
 Acabou ; o Senado hoje de França (e)
 Quasi extingue nas minhas maõs os raios ,
 Que eu lanço ; de amor cheio pela Igreja ,
 Cheio de horror por mim , ás Naçõens todas
 O véo do erro lhes tira ; elle he o primeiro ,
 Que , a mascara arrancando-me do rosto ,
 A verdade vingou , da qual a imagem
 Tomei sempre : Discordia , e que naõ possa
 (Eu que ardo em te servir) ou enganalho ,
 Ou ao menos punillo ! Mas andemos ,
 Que os teus fachos o meu trovaõ de novo
 Accender tornaõ ; pela mesma França
 A destruïçao da terra se comece ,

Os

(e) Durante as guerras do 13 Seculo entre os Imperadores, e Pontífices de Roma, Gregorio IX. teve o valor naõ só de excomungar o Imperador Frederico II., mas tambem de oferecer a Coroa Imperial a Roberto irmão de S. Luiz: O Parlamento de França respondeu em nome do Rei , que naõ pertencia ao Papa e desentronizar hum Soberano, nem ao irmão de hum Rei de França , o receber da maõ de hum Papa huma Coroa , sobre a qual nem elle, nem o Santo Padre tinhaõ algum direito. Em 1570 deu tambem o Parlamento a famosa sentença contra a Bulla da Cea.

Os seus soberbos Reis a buscar tornem
 Os nossos ferros Disse , e de improviso ,
 Aos ares se arrojou aquelle monstro.

Longe de Roma , longe do seu fausto ;
 Das pompas vans do mundo , d'esses Templos
 A' vaidade dos homens consagrados ,
 Cujo áltivo apparato o mundo engana ,
 A humilde Religiao nos seus desertos
 Se esconde , em paz profunda ella ahi vive
 Co' seu Deos , entre tanto que o seu nome ,
 Profanado no mundo , ha sido sempre
 Sancto pretexto ás iras dos Tyrannos ,
 Dos Povos seduciao , ruina dos Grandes :
 Soffrer , he o seu destino ; abençoar tudo ;
 He o que lhe toca ; occultamente roga
 Pelo ingrato , que a ultraja ; ella sem arte ,
 Sem enfeite ; nos seus encantos bella ,
 Sempre a sua modesta formosura
 D'esses olhos hypocritas esconde ,
 Que em tropel importuno aos seus altares
 Correm só a adorar as vans riquezas.

Por Henrique a sua alma em amor sancto
 Se abrazava ; esta filha dos Céos sabe ,

Que

Que ella de seus altares , algum dia ,
 O legitimo Culto restaurando ,
 Por seu filho este Heróe adoptar deve :
 Ella o tinha por digno , e os seus suspiros
 Ardentes appressavaó esse tempo
 Feliz , mas vagaroso aos seus desejos :
 De improviso , a Politica , e a Discordia ,
 Impiamente a inimiga sempre augusta
 Sorprendem em segredo ; ella levanta
 Para Deos os seus olhos lacrimosos ;
 O seu Deos , por provalla , quiz que fosse
 Entregue ao furor d'ellas ; estes monstros ,
 De quem a Religiao há supportado
 Muitas vezes a injuria , d'ella tomaó
 Os véos sagrados , seus impuros rostos
 Com elles cobrem , tomaó-lhe os vestidos
 Respeitados dos homens ; em fin correm
 A Pariz a cumprir os seus projectos.

De hum ár insinuante a sempre destra
 Politica buscou introduzir-se
 No centro da Sorbona antiga , e vasta :
 Era alli , onde os Sabios respeitosos
 Se juntavaó , interpretes sagrados
 Das verdades do Céo ; que eraó modello ,
 E arbitros dos Christaos , e que ao seu culto

Uni-

Unidos , aos seus Principes atretos ,
 Guardavaõ até entaõ hum vigor forte
 A's flexas do erro semprẽ impenetravel :
 Mas que poucas virtudes saõ aquellas ,
 Que sem cessar resistem ! Do encuberto
 Monstro a voz venenosa , e encantadora ,
 Lhes commove os espiritos com falsos
 Lisonjeiros discursos. Ella offerêce
 Grandezas ao que vê ambicioso ,
 E que do esplendor grave de huma mitra
 Se deixa allucinar : foi-lhe vendida
 Em segredo a palavra do avarento :
 Com hum destro elogio o Sabio encanta ,
 E a preço de hum incenso vaõ lhe compra
 A estimavel verdade : Se intimida
 Ameaçado da sua voz o fraco ;
 Em tumulto se ajuntaõ , em tumulto
 Se decide tambem. Por entre os gritos
 Da confusaõ , do ruido , e da disputa ,
 A virtude de hum tal lugar se ausenta
 Banhada em pranto. Em nome entaõ de todos
 Hum dos velhos exclama = Os Reis a Igreja
 Os faz , ella os absolve , ella os castiga ;
 Em nós está a Igreja , em nós sómente
 A sua lei está , nós reprovamos
 A Valois , que naõ he já mais Rei nosso ;

S-

Sagrados juramentos , (f) nós rompemos
 Vossas cadéas = Logo que há fallado ,
 A inhumana Discordia determina ,
 Que com letras de sangue se transcreva
 O odioso decreto ; todos juraô
 De estar por elle , e á sua vista assignaô.

De improviso ella vôa ; ella de Igreja
 Em Igreja annuncia aos do Partido
 Esta grande interpreza ; revestida
 Do habito de Agostinho , e do Capello
 De Francisco , nos claustros mais sagrados
 Faz sua voz ouvir-se ; a grandes gritos
 Ella chama alli todos os espectros
 Austeros , de seu jugo rigoroso
 Voluntarios escravos = Ora vede
 (Lhes diz) da Religiao a formidavel
 Sentença , vede bem , reconheci-a ,
 Do Altissimo vingai os interesses :
 A vós venho , sou eu a que vos chamo ;
 Este ferro , que em minhas maôs scintilla
 A vossos olhos , esta aguda espada
 Fatal a nossos feros inimigos ,

Da

(f) Em 17 de Janeiro de 1589 a facultade de Theologia de Pariz deu o famoso Decreto , que declarava ficarem os Vassallos desobrigados do juramento de fidelidade , e que podiaô legitimamente fazer guerra ao Rei. A Sorbona depois vendendo-se livre da tyrannia da Liga , revogou este Decreto.

Da maõ do mesmo Deos se há trasladado
 A' minha ; e he já tempo que das sombras
 Sahaes d'esses retiros ; que de hum sancto
 Zelo vós espalheis vossos exemplos :
 Ensinai aos Francezes , duvidosos
 Na fé , quanto se dá Deos por servido
 Da vítima de hum Rei ; em fim lembrai-vos ;
 Que a casa de Leví , que sempre honrada
 Fora por Deos no sancto ministerio ,
 A honra mereceu de que chegasse
 Ao altar com as maõs tinctas de sangue
 Dos filhos de Israel : Porém que digo ?
 Onde os tempos estaõ , aonde os dias
 Prosperos , em que eu vi tantos Francezes
 Mortos por seus irmaõs ! Vós fostes mesmos ;
 Sagrados Sacerdotes , que seus braços
 Conduzistes ; por vós há recebido
 A morte Coligny ; eu mesma em sangue
 Nadei ; ah ! que inda corre ; ide , mostrai-vos ;
 E incitareis o Povo , que me adora .

No mesmo instante o monstro deu a todos
 O signal ; foraõ todos corrompidos
 Do seu fatal veneno ; a Pariz marcha ,
 Onde conduz a procissão solemne :

O estendarte da Cruz (g) no meio d'ella
 Se arvorava ; elles cantaõ , e os clamores
 Devotos , e furiosos bem mostravaõ
 Quererem associar o mesmo Empyreo
 Na sua rebelliaõ ; ouve-se , que elles
 Nos seus votos fanaticos ajuntaõ
As maldicoens ás preces , que faziaõ :
**S
Soldados para a guerra ; elles do alfange ,
E da espada seus braços encarregaõ ,
Grossa coiraça seus cilicios cobre ;
Aos muros de Pariz esta milicia
Infame , entre o tumulto de huma plebe
Impetuosa , assim marcha , e vai seguindo
O Deos da paz , que diante de si leva.**

Mayenne , que de longe a louca empreza
 Está vendo , no publico a auctoriza ,
 Mas comigo a desdenha ; bem conhecc ,
 Quanto o Povo submissõ assim confunde
 O Culto , e o Fanatismo ; não ignora
 A grande arte , aos Principes precisa ,

De

(g) Desde que Henrique III. , e o Rei de Navarra , se apresentaraõ em armas á vista de Pariz , a maior parte dos Frades vestiraõ a coiraça , e metriaõ guarda com os Paizanos . Esse lugar designa a Procissõ da Liga , na qual mil , e duzentos Frades armados fizeraõ revista em Pariz , tendo a Guiherme Rose , Bispo de Senlis , na frente d'elles .

De nutrit a fraqueza , e o erro ao vulgo ;
 O escandalo piedoso em sim applaude ;
 O que he sabio o maldiz , ri-se o soldado ;
 Mas o Povo excitado aos Céos envia
 Os gritos do alvoroço , e da esperança ;
 E como á sua audacia sempre o susto
 Costuma succeder , em hum momento ;
 O receio ao furor fez entaõ praça .
 Assim o Anjo dos mares sobre o seio
 De Amphitrite , se quer , acalma as ondas ;
 Ou as irrita , quando lhe parece .

Dezeséis sediciosos (*b*) a Discordia
 Há escolhido , assinalados estes
 Pelo crime entre os mais do seu Partido ;
 Ministros insolentes d'esta sua
 Nova Rainha ; ao seu sanguinolento
 Carro sobem com ella ; o orgulho , a morte ;
 A traiçao , o furor vaõ diante d'elles
 Por arroios de sangue ; elles nascidos
 Na escuridaõ , nutridos na baixeza ,
 Para com os seus Reis o odio sómente
 Por nobreza avaliaõ ; conduzidos
 Té baixo do docel pelo seu Povo ,

A

(*b*) Assim chamados por causa dos 16 bairros de Pariz , que elles governavaõ pelas suas intelligencias.

A Mayenne , que os vê junto ao seu lado ;
 Daó que temer ; dos jogos da Discordia
 Ordinarios caprichos ; (i) muitas vezes
 Aquelles , que ella cumplices há feito ,
 Os faz iguaes ; assim se vê , que irados
 Os ventos , que o flagello saõ das aguas ,
 Do Rhodano , ou do Sena as ondas movem ;
 Nas profundas cavernas encharcado
 O lodo entaô se eleva , e vem acima
 Sobre a face das ondas ; assim como
 No furor dos incendios , que as Cidades
 Iguala aos campos razos , e funestos ;
 O chumbo , o bronze , o ferro derreido
 Pelas chammas , ao oiro se misturaô ,
 Ao oiro sim , que entaô se torna escuro.

N'estes de sediçaô , e de tumulto
 Dias tristes , só Themis ao contagio
 Resistia ; de engrandecer-se a sede ,
 A esperança , e o temor já mais puderaô
 Inclinar-lhe nas maôs a fiel balança ,
 Sem macula seu Templo sempre esteve ,
 Correndo a ella a simples equidade ,

Buf-

(i) Os dezeseis foraõ muito tempo independentes do Duque de Mayenne : hum d'elles chamado Normand disse hum dia na Camara do Duque : Aquelles , que o fizerão , podziaõ tambem desfazello. =

Buscava á sua sombra estar segura.

N'este sagrado Templo há hum Senado
 Venerando , propicio á innocencia ,
 Ao crime formidavel ; elle o apoio ,
 He das leis do seu Principe ; elle he o orgaō ,
 Entre este , e o Povo , marcha de igual passo :
 A jústa confiança , que conserva ,
 Da equidade dos Reis , faz muitas vezes ,
 Que dirija a seus pés da França as queixas ;
 Sua ambiçāo sómente ao bem do Estado
 Se encaminha ; aborrece a tyrannia ,
 A rebelliao o enfada ; cheio sempre
 De respeito , e valor , prudente , é sabio ,
 A submissāo da escravidão distingue ,
 E em defender as nossas liberdades
 Sempre prompto , elle a Roma reconhece ,
 Sabe honralha , e tambem sabe contella.

Dos tyrannos da Liga o esquadraō fero
 Eis do Templo de Themis cerca as portas ;
 Bussy (*I*) os conduzia , esse vil mestre
 De armas , subido pela sua audacia
 A tão culpavel honra ; entra , e profere

G

Ef.

(I) Bussy le Clerc , que de jogador de armas passou a Governador da Bastilha , e a Chefe d'esta facção.

Estas palavras á Assemblea augusta,
 Por quem dos Cidadaos se rege a sorte :
 ≡ Mercedarias columnas de hum confuso
 Labyrinto de leis, plebeos infanos,,
 Que tutores dos Reis pensais ser sempre ,
 Froxos , que collocais a vergonhosas
 Vangloria das venaes grandezas vossas
 Na facçaō , na desordem , na caballa ;
 Na paz , tyrannos , timidos na guerra ,
 Ao Povo obedecei , e aos seus decretos :
 Antes dos Reis , já Cidadaos havia :
 Os direitos perdidos pelos nossos
 Antepassados , hoje recobramos ;
 D'este Povõ abusastes muito tempo ,
 Elle do Sceptro se acha aborrecido ,
 E o Sceptro se há quebrado : os grandes nomes
 Riscai , que vos molestão certamente ;
 Sim , ≡ *de pleno poder* ≡ essas palavras ,
 Que temem todos , todos aborrecem :
 Se julgais , seja em nome só do Povo ;
 Não o lugar do Rei , mas sim do Estado
 Sustentai entre vós , imitai sempre
 A Sorbona , ou temei minha vingança. ≡

Respondeu o Senado com hum nobre
 Silencio a tudo ; assim se vio de Roma
 Nos muros abaixados , e abrazados , Que

Que os Sonadores curvos com o pezo
 De seus annos , intrepidos , e immoveis
 Em seus assentos , d'hum olhar tranquillo ;
 Os Gaulos esperavao , e inda a morte :
 Colerico Bussy , naõ sem assombro ,
 ≈ Obedecei , tyrannos , ou segui-me ≈
 (lhes diz) En tão Harley primeiro se ergue ,
 Harley nobre exemplar , de hum Parlamento
 O Chefe , justo , quanto destemido :
 Elle á cohorte logo se apresenta ,
 Pede os ferros , guardando o mesmo aspecto ;
 Com que os maós haveria condemnado :
 Os Chefes da justiça a Harley unidos ,
 Desejando , que a honra dos tormentos
 Com elles repartisse , e fossem todos
 Víctimas de huma fé , que aos Soberanos
 Se deve , as maós estendem generosas
 Aos ferros dos algozes , que lhas prendem.

Repti-me vós , Musas , esses nomes
 Taô amayeis á França ; vós eternos
 Fazei esses Heróes , a quem a força
 Da licença opprimio ; o virtuoso
 De Thou , Molé , Scaron , Bayeul , e o sempre
 Justo Potier , e vós Longueil mancebo ,
 Em quem por apressar vossos destinos,

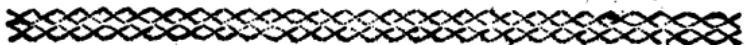
O espírito ; e a virtude os annos bellos
 Adiantaraõ ; em fim todo o Senado
 Pelos dezeseis prezo , entre a turba
 De hum vil Povo em triunfo he conduzido
 Ao Castello , (m) Palacio da vingança ,
 Que encerra as mais das vezes tanto o crime ,
 Como a innocencia. He d'este infame modo ,
 Que os rebeldes mudaraõ todo o Estado ;
 A Sorbona he cahida ; o Parlamento
 Acabou : Mas porque hum tal concurso ?
 Gritos taõ lamentaveis ? Que instrumentos
 Da morte dos culpados saõ aquelles ,
 Que se apromptaõ ! Quem saõ os Magistrados ,
 Que a maõ do algoz infame no sepulchro
 Por ordem dos tyrannos precipita ?
 Ah ! que em Pariz se vê , que hum só destino
 Tem a virtude , e o crime. Briffon (n) guapo ;
 Tardif ; e Larcher , vićtimas honrosas ,
 Injuriados naõ sois por esta morte
 Cheia de affrontas : Generosos Manes
 Naõ vos envergonheis , que os vossos nomes
 Na memoria serão sempre famosos ,
 Quem morre pelo Rei , morre com gloria.

No

(m) A Bastilha.

(n) Em 15 de Novembro de 1591. Estes grandes Sabios ,
 e Conselheiros foraõ enforcados por ordem dos dezeseis.

No meio dos rebeldes a Discordia
 Se applaude do successo dos seus torpes
 Designios , de hum ár fero , e bem contente ;
 Na sua crueldade entaó tranquilla ,
 Os effeitos observa perniciosos
 De huma guerra civil n'aquelle muros
 Todos ensanguentados , entre huns Póvos
 Miseraveis , que contra o seu Monarcha
 Sómente unidos , entre si discordes ,
 (Jogo infeliz das intestinas furias)
 Da triste Patria apressão as ruinas ;
 O tumulto por dentro , insta por fôra
 O perigo , e se vê por toda a parte
 O destroço , a carnagem , o pranto , a morte .



CANTO V.

ARGUMENTO.

Os sitiados saõ fortemente opprimidos. A Discordia excita a Jacques Clemente a sahir de Pariz para assassinar o Rei. Ella chama do fundo dos Infernos o Demonio do Fanatismo, que conduz este Parricidio. Sacrificio dos da Liga aos Espiritos Infernaes. Henrique III. be assassinado. Sentimentos de Henrique IV. Eliche reconhecido Rei pelo Exercito.

Não em tanto as grandes maquinas chegavaõ,
Que em seus seios traziaõ dos rebeldes
A perdição ; de toda a parte o ferro ,
E o fogo ao ár voando , por cem bocas
De bronze lhes prostravaõ as muralhas :
Dos dezeseis a ira ; de Mayenne
A prudencia ; de hum Povo sedicioso
A feroz arrogancia ; dos Doutores
Da lei as decisões escandalosas ;
Era tudo naõ mais que hum vaõ esforço
Contra o Heróe , a victoria a grandes passos
se aproximava sobre seus vestigios :

Six

Sixto , Filipe , e Roma em ameaças
 Rebentavaõ , mas Roma ao Universo
 Naó era já terrivel , que nos ares
 Seus raios debeis todos se perdiaõ ;
 E o velho Castelhão costumado
 Aos vagares , privava do soccorro
 Preciso aos sitiados : pela França
 Seus soldados vagando a toda a parte ,
 A Pariz naó valiaõ , e assolavaõ
 Nossas Cidades ; era todo o intento
 Do pérfido , que a Liga , por cançada ,
 Pudesse offerecer facil conquista
 Ao seu braço ; este pois taõ perigoso
 Arrimo , e huma amisade em si taõ falsa ,
 Hum Senhor , em lugar de hum Alliado ,
 Lhes preparava , quando a resoluta
 Maõ d'hum furioso aquelles vaõs projectos
 Pareceu suspender por algum tempo.

Vós de Pariz tranquillos habitantes ,
 Que em dias mais felices vos permitte
 O Céo nascer , perdoai se hoje de novo
 Minha naó á lembrança vos presenta
 A historia criminal dos seduzidos
 Vossos antepassados ; naó se estende
 A vós o horror fatal de suas culpas ;
 Pelos Reis vossos vosso amor he tanto , Que

Que basta a restaurar-lhes toda a gloria.

Em todo o tempo a Igreja ha produzido
 Solitarios , que unidos em hum corpo ,
 Debaixo de severos institutos ,
 Bem distintos do resto dos mais homens ,
 A Deos se consagraraõ por seus votos
 Solemnies : D'estes huns permaneceraõ
 Em huma paz profunda , inacessivel
 Sempre aos encantos frivulos do mundo ;
 Zelosos do repouso , que roubar-lhes
 Ninguem pôde , fugiraõ ao Commercio .
 Dos humanos , a quem servir podiaõ :
 Outros porém , fazendo-se preciosos
 Ao Estado , illustraraõ sempre a Igreja ,
 Subiraõ ás cadeiras ; mas que importa ;
 Se allucinados logo por huns genios
 Lisonjeiros , no seculo espalhados ,
 D'elles tem abraçado muitas vezes
 Os costumes ! A surda ambiçaõ sabe
 A's suas pertençoens dispôr os meios ;
 Mais de hum Paiz se há visto das intrigas
 D'elles queixoso ; assim entre os humanos
 O mais perfeito bem , por hum abuso
 Do maior mal se há feito toda a origem.

Os

Os que a vida abraçaraõ de Domingos
 Viraõ por muito tempo a sua gloria
 Firmar-se nas Hespanhas ; dos escuros ,
 Quanto humildes empregos , de repente
 Aos Palacios dos Reis elles passaraõ :
 Naõ com menos poder , nem menos zelo ;
 Florecia na França respeitada
 Esta ordem dos Reis favorecida ,
 Tranquilla , e em fim feliz , se do seu seio
 Naõ sahisse hum traidor como Clemente.

Clemente (^a) no retiro desde a sua
 Menor idade , havia produzido
 Escuros movimentos de huma inerte ;
 E rustica virtude ; elle mui fraco
 Espírito , e assim credulo bastante
 Na sua devoçao , segue a torrente
 Dos rebeldes : foi sobre este mancebo
 Estulto , que a Discordia há derramado
 O veneno infernal da sua boca :
 Aos pés do sancto Altar , todos os dias ,
 Elle prostrado , aos Céos era importuno
 Nos seus criminaes votos. Diz-se , que elle ,

De

(a) Jacques Clemente da Ordem dos Dominicanos era de idade de 24 annos e meio , e pouco antes se havia ordenado de Sacerdote quando commeteu este Regicidio.

De cinza , e pó cuberto , pronunciára
 Huma vez esta supplica tremenda :
 ≡ Deos , que vingas a Igreja , e que castigas
 Os tyrannos , ver-se-há continuamente ,
 Que opprimes a teus filhos ? que proteges
 Os danños de hum Monarcha , que te ultraja ?
 Que as maós impuras lhe armas ? que abençôas
 Os seus perjurios ? Grande Deos , já cessa
 De provar-nos em fim por teus flagellos ;
 Contra os teus inimigos te levanta ,
 Para longe de nós aparta a morte ,
 E a miseria ; de hum Rei , que nos he dado
 Pela colera tua , já nos livra ;
 Vem , dos Céos abrazados essa altura
 Faze humilhar , que diante de ti marche
 O Anjo exterminador ;arma-te , desce ,
 E hum raio ardente prostre a nossos olhos
 O sacrilego exercito , e o destrua ;
 Que os dois Reis espirando , os seus soldados
 E Chefes caião , como caihe a folha
 Pelo vento espalhada , e que em fim salvos
 Por ti os teus Catholicos da Liga ,
 Sobre os ensanguentados corpos possaõ
 Dirigir-te seus canticos perennes. ≡

Atravessando os ares a Discordia

Da-

Ouve atenta os clamores espantosos,
 E aos Infernos os leva ; n'hum instante
 Dos seus Reinos sombrios faz que venha
 O mais cruel Tyraano d'esse Imperio
 Das sombras ; elle chega , o Fanatismo
 Seu nome horrivel he , filho inhumano
 Da Religiao ; armado em defendella ,
 Só cuida em destruilla , e recebido
 No seu seio , elle a abraça , elle a arruina.

Elle foi em Rabá (*b*) quem sobre as praias
 Do Arnon os descendentes conduzia
 Do desgraçado Ammon , e as Mais chorosas ,
 Que a Moloc , o seu Deos , apresentavaõ
 As fumantes entrañas de seus filhos :
 Elle o que fez dictar o juramento .
 De Jepthé inhumano , e temerario ,
 Para no coraçao da tenra filha
 Conduzir-lhe o punhal : Elle o que abrindo
 De Calcas a impia bocca , a cruel morte
 Por sua voz pedira de Ifigenia :
 Há muito tempo , França , que elle assiste
 Nos teus bosques , que o teu sagrado incenso ,
 Ao terrivel Teutates (*c*) elle offerece , Tu

(*b*) Paiz dos Ammonitas , os quaes lançavaõ seus filhos nas chamas ao som de tambores , e de trombetas em honra da Divindade , que adoravaõ com o nome de Moloc.

(*c*) Teutates era hum dos Deozes dos Gaules , a quem se sacrificavaõ homens.

Tu naõ te hás esquecido d'esses sanctos
 Homicidios , que aos vaõs indignos Deozes
 Presentayaõ os teus antigos Druidas :
 Do alto do Capitolio elle bradaya
 Aos idolatras , que os Christaos punisseõ ;
 Que os destruisseõ , e que os atormentasseõ ;
 Porém , quando em fim Roma submettida
 Foi ao filho de Deos , do Capitolio
 Desfeito em cinza , se há passado á Igreja ;
 E entaõ nos coraçoens , que eraõ de Christo ;
 As furias inspirando , sem demora
 De Martyres os fez perseguidores.
 Elle em Londres , formou a turbulenta
 Seita , (d) que sobre hum Rei , de si mui fraco ;
 Com sanguinosa maõ se vio erguida.
 Em Lisboa , e Madrid , (e) elle he o que accende
 As fogueiras solemnes , onde em pompa ,

Por

(d) Os Enthusiaſtas (chamados independentes) forao os que tiverao a maior parte na morte de Carlos I. Rei de Inglaterra.

(e) O estabelecimento da Inquisiçao he filho do zelo , com que o Senhor D. Joao III. quiz se mantivesse a pureza da Religiao nos seus Estados , e naõ obra do Fanatismo como licenciosamente , diz aqui o A. Todos sabem o recto procedimento d'este supremo Tribunal para com os intitulados Judeos , os quaes nunca se castigaraõ por seguir a Moyses ; mas sim pelo seguirem d'pois de ter abraçado o Christianismo , e commetterem huma horrivel profanaçao de todos os Sacramentos : Além de que , os actos da fé , que a Inquisiçao celebrava n'este Reino nem todos se faziaõ solemnemente e por costume todos os annos ; mas só quando a pertinacia dos delinqüentes se ensurdecia ás vozes da razão , e aluz

Por Padres em cada anno , se conduzem
 Os Judeos infelizes , por não terem
 Deixado a fé de seus antepassados.

Elle por disfarçar-se , se vestia .
 Sempre d'esses sagrados ornamentos
 Dos Ministros do Céo ; d'esta vez passa
 A' eterna escuridaõ a tomar n'ella
 Para novos delictos nova fórmâ :
 A audacia , e o artificio , os seus aprestos
 Foraõ ; elle de Guiza toma o talhe ,
 E as feiçoens ; do soberbo Guiza , aquelle ;
 Que tyranno do Estado se descobre ,
 E Rei de seu Senhor ; quem por ser sempre
 Poderoso , inda além da morte a França
 Arrastrava aos combates. A cabeça
 Elle cobre de hum casco formidavel ,
 Na mão se vê a espada , aquella espada
 A' morte sempre prompta ; traz o peito
 Traspassado dos golpes , com que hum dia
 Este Heróe sedicioso assassinado
 Fora em Blois ; os clamores do seu sangue ,

Que

da fé , a que fechavaõ os olhos. Este Tribunal he hoje com
 mais justiça digno de respeito , porque á inspecção dos seus
 Juizes , se unio por lei dos nossos Príncipes a sua augusta
 decisão , para poderem ter execução os seus processos. Os
 estrangeiros fallão n'esta materia com odio e ignorancia cras-
 sa ; o que basta para não serem accreditados. (Nota do Editor)

Que abundante inda corre , parecio
A Valois accuzar , pedir vingança.

N'este terrivel lugubre apparato ,
Por entre as dormideiras , que costumâ
O somno derramar , elle a Clemente
Vem procurar no centro do retiro:
Era a superstição ; era a inquieta
Facçao , o falso zelo , sempre acceso
De huma brilhante colera , que estavaõ
Velando á sua porta ; de repente
Elles abrem , elle entra , (f) e entaõ com huma
Voz magestosa , e fera , assim lhe falla :
— Deos teus votos acceita , e rogativas ;
Mas de ti naõ terá por culto , e incenso ,
Mais que huma eterna queixa , hums fracos votos ?
A Deos , que serve á Liga , saõ precisas
Outras offrendas ; elle de ti exige
Os dons , que tu lhe pedes : Judith (g) forte ,
Se em outro tempo , por salvar seu Povo ,

A

(f) Imprimio-se em Pariz , e sahio ao publico em 1589 huma relaçao do martyrio de Fr. Jacques Clemente , na qual se segurava , que hum Anjo lhe tinha aparecido , e lhe havia mostrado huma espada nua , e ordenado , que matasse o tyranno.

(g) Estando já em S. Cloud Jacques Clemente , algumas pessoas q desconfiavaõ d'elle , o espiavaõ durante a noite , e o acharaõ dormindo profundamente com o Breviario ao pé de si aberto no astrogo Judith.

A Deos não offertasse mais que os gatos ;
 E as lagrimas , se pelos seus temendo ,
 Tambem por si temesse , cahir vira
 Judith por terra os muros de Bethulia ;
 Eis aqui as emprezas , que tu deves ,
 Por sanctas , imitar , he esta a offerta ;
 Que presentar a Deos és obrigado ;
 Mas tu mesmo , já vejo , te envergonhas
 De a haveres d'ifferido , corre , vôa ,
 E a tua maó no sangue consagrado ,
 Libertando os Francezes de hum Monarcha
 Indigno , a Pariz vingue , vingue a Roma ;
 A mim , e o Unjiverso . A minha vida
 Cortou Valois por hum assassinato ;
 Punir co' mesmo golpe te he preciso
 Sua perfidia ; não te embargue o susto
 Do nome de Assassino ; se foi n'elle
 Cruel delicto , em ti será virtude ;
 Tudo he licito a quem a Igreja vinga ,
 A morte he justa entao ; e o Céo não menos
 A auctoriza ; que digo ? Deos o manda ,
 E pela minha yoz elle te instrue ;
 Para a morte de Henrique elle o teu braço
 Há eleito ; feliz tu se pudesses ,
 Consumando a vingança , o de Navarra
 Juntar na mesma acção a hum tal Tyranno ;
 E se d'estes dois Reis , livres de todo Teus



Teus Cidadaõs , pudeſſem mas os tempos
 Naõ ſão inda chegados ; Bourbon deve
 Viver , e Deos , ao qual ſe oppoem ſeu braço ,
 Para outras maõs referva toda a gloria
 Da ſua ruina ; tu que és taõ zeloso
 D'este Deos , enche os ſeus grandes designios ,
 E o mimo acceita , que por mim te envia .

O fantasma entaõ faz a estas palavras
 Hum punhal reluzir , que havia o ódio
 Nas aguas infernaes humedecido ;
 A dadiva fatal na maõ do ircauto
 Clemente deposita , foge , e torna
 Na morada infernal a ſubmergir-fe.

Facilmente enganado o Religioso
 Mancebo , creu , que o Céo ſeus intereffes
 Sómente em suas maõs depositára :
 Ao funesto preſente elle prostrado
 Os osculos duplica ; elle de joelhos
 Do Omnipotente o braço humilde implora ;
 E cheio em fim do monſtro , de quem ſempre
 O furor o dirige , de hum ár sancto
 Ao fatal parricidio já fe aprompia.

Quanto ao erro ſe humilha com preſteza
 O humano coraçao ! Eis já Clemente Gof-

Gostando huma feliz serenidade ;
 Elle estava animado , sim d'aquella
 Audacia , que no coraçaō dos Sanctos
 Firma a innocencia ; no furor tranquillo ;
 Os olhos baixos , marcha ; elle seus votos
 Sacrilegos ao Céo sempre dirige , (b)
 De huma austera virtude em seu semblante
 Reluz a estampa ; e o ferro parricida
 Debaixo do cilicio leva occulto :
 Elle parte ; os parciaes logo instruidos
 Do projecto , os caminhos alcatifaō
 De odoriferas flores a seus passos ;
 E de hum sancto respeito todos cheios ;
 As portas o conduzem ; abençoao
 Seu intento ; este o instrue ; aquelle o anima ;
 O nome de Clemente já numerao
 Entre os nomes sagrados , que em seus fastos
 Roma por immortaes tanto respeita ;
 Em altas vozes vingador da França
 O appellidaō , na maō tendo os incensos
 Se daō pressa a invocallo. No transporte ,
 Ou no ardor , nunca forao tão activos
 Os primeiros Christaos , que de morrerem
 Desejosos , intrepidas columnas

H

Da

(b) Elle Jejou , confessou-se , e commungou , antes de partir a ir assassinhar o Rei.

Da crença de seus País , em outro tempo
 Seus irmãos , ao martyrio acompanhavaõ ;
 As doçuras de morte tão ditosa
 Inveja lhes faziaõ , e os vestigios
 De seus passos com lagrimas beijavaõ ;
 O fanatico cégo muitas vezes
 No carácter se naõ diversifica
 Do sincero Christão ; hum mesmo esforço
 Tem ambos , tem os mesmos sentimentos ,
 Tem seus Martyres o erro , Heróes o erime ;
 Do zelo verdadeiro , e do que he falso
 Vaõs Juizes que somos ! parecidos
 Muitos malvados saõ aos grandes homens.

Mayenne , cujos olhos tudo observaõ ,
 Bem está vendo o golpe preparar-se ,
 Finge porém que o ignora ; o seu prudente
 Artificio de hum crime tão odioso
 Cuida em colher o fructo , sem que n'elle
 Tenha parte ; elle deixa com industria
 Para os mais sediciosos o cuidado
 De esforçar o valor d'este furioso.

Em tanto que huma turba sanguinaria ,
 De rebeldes ás portas conduzia
 De Pariz este infiel , ao mesmo tempo

O

O sacrilego esforço da assemblea
 Dos dezeseis examinava a sorte
 Sobre o sucesso. Antigamente (i) a audácia
 Cuidadosa de Medicis havia
 Penetrado a sciencia detestavel
 D'estes segredos ; ella muito tempo
 Esta arte profundou em si suprema ,
 Váa , chimerica , e sempre criminosa ;
 Seguiu-se o seu exemplo , e o Povo rude
 Servil imitador dos fataes vicios
 Da Corte , amante só de novidades ,
 Captivo de prodigos , a tão impias
 Desordens de tropel se abandonava,

Nas sombras da alta noite ao centro horriu
 De huma abóbeda escura , esta malvada
 Assemblea o silencio há conduzido ;
 Ao pálido claraõ de huma lanterna
 Magica , hum Altar vil sobre hum sepulchro
 Se erigio ; dos dois Reis logo as imagens
 Alli se collocaraõ , sendo o objecto
 Para elles de terror , o saõ agora
 De seus ultrages ; suas mãos impuras

H 2

So-

(i) Catherine de Medicis havia posto a magica muito em moda na França. Achavaõ-se por toda a parte homens astuciosos por se crearem Magicos , e Juizes supersticiosos , que os punião de boa fé , como taca.

Sobre o funesto Altar tem confundido
 Os nomes infernaes com o do Eterno : .
 Dispostas pelas funebres paredes
 Estaõ cem lanças , todas tem as pontas
 Em vazilhas de sangue mergulhadas ,
 Ameaçante apparato , que inventaraõ
 De hum mysterio horroroso : o Sacerdote
 Do escuro Templo hum d'esses Hebreos era ,
 Que sobre a terra vagaõ , que proscriptos ,
 E Cidadaõs do mundo , vaõ levando
 De mar em mar a erratica miseria ,
 E que tem cheio desde muito tempo
 Os Póvos de huma antiga immensidade
 De superstiçoens : ao redor d'elle
 Os da Liga furiosos principiaõ
 A grandes gritos o impio factifício :
 Lavaõ no sangue os braços parricidas ,
 De Valois , sobre o Altar , passaõ o peito;
 Com mais terror ainda , com mais furia
 De Henrique a imagem prostraõ , e debaixo
 A calcaõ de seus pés ; (l) pensaõ que a morte
 Fiel á sua colera vai logo

Trans.

(l) Muitos Sacerdotes da Liga haviaõ mandado fazer pe-
 quenas imagens de cera , que representavão Henrique III. e o
 Rei de Navarra ; punhaõ-as sobre o Altar , e durante a Missa
 as feriaõ ; isto por espaço de 40 dias consecutivos , e no fim
 d'elles as feriaõ no coração.

Transmittir a estes Reis o ferimento
Dos seus golpes ; (*m*) o Hebreo junta entre tanto
As preces ás blasfemias ; elle invoca
O abysmo , os Céos , o mesmo Deos Eterno ,
Todos esses espiritos immundos ,
Que turbaõ o Universo , assim o fogo
Do raio , como as chammaas dos Infernos.

Igual foi em Gelboé o sacrificio ,
 Que Pythoniza aos seus infernaes Deozes
 Offertou , quando fez vir á presençā
 De hum Rei cruel a imagem espantosa
 De Samuel Sacerdote : assim naõ menos
 Do alto de Samaria trovejava
 A impia voz dos Profetas mentirosos
 Contra Judá ; ou tal entre os Romanos
 O cruel Ateyo (*n*) amaldiçoando as armas
 De Crasso pela invocação dos Deoses.

Aos magicos accentos , que lhe sahem

Da

(*m*) De ordinario serviaõ-se dos Judeos para fazerem as operaõens magicas. Esta antiga superstição vem dos segredos da Cabala , dos quaes os Judeos se diziaõ sómente os depositarios.

(*n*) Ateyo Tribuno do Povo naõ podendo impedir a Crasso a partida contra os Parthos , trouxe hum brazeiro ardente para a porta da Cidade por onde Crasso havia de sahir , e lançando-lhe certas hervas , amaldiçoou a expedição de Crasso invocando para isto as Divindades infernaes.

Da boca , os Dezeseis tem a confiança
 De esperar , que do Céo se lhes responda ;
 Obrigallo elles pensão , a que a forte
 Se lhes descubra : o Céo para punillos
 Quiz entaõ escutallos , quiz por elles
 Interromper as leis da natureza :
 Hum lugubre murmureo das cavernas
 Mudas sahe , os relampagos continuos
 Lhes daõ a ver na mais profunda noite ,
 Hum horroroso dia , que renasce ,
 E que foge ; no meio d'estes fogos
 Resplandecendo em gloria elles divizaõ
 A Henrique , sobre hum carro de victoria ;
 Os loiros lhe c'roavaõ toda a frênte
 Nobre , e serena ; em fim brilhava o Sceptro
 Dos Reis nas suas maõs : o ár de improviso
 Aos tiros do trovaõ passa a abrazar-se ;
 Cheio de fogo o Altar , se arruina , e logo
 Se submerge na terra : consternados
 Os Dezeseis , de horror o Hebreo cuberto ,
 Vaõ esconder na noite tanto o crime ,
 Como a perturbação , que os affugenta .

Estes trovoens , e fogos , este ruido
 Espantofo a Valois anunciavaõ
 A perda inevitavel ; os seus dias

Tema

Tem Deos contado do alto do seu Throno,
 Havia longe d'elle retirado
 O seu soccorro ; a morte era impaciente.
 Em aguardar a victima , que he sua ,
 E Deos como que hum crime permittia
 Por perder a Valois. Sem sobre salto
 Ao campo real marchou o impio Clemente ;
 Elle chega , e requer , que ao Rei os guardas
 Lhe permittaõ fallar ; diz que Deos mesmo
 Faz , que áquelles lugares conduzido
 Venha , porque os direitos do diadema
 Por elle se restaurem ; que ao Rei proprio
 Quer revelar segredos importantes ;
 Duvidaõ , por bastante tempo o observaõ ,
 E he perguntado ; teme-se debaixo
 D'aquelle habito algum fatal mysterio ;
 Elle passa por hum severo exame
 Sem já mais se assustar , responde a tudo
 Com bem simplicidade , quem creria ,
 Que a verdade naó via bem patente
 Em seus discursos ? faz em fim o guarda ,
 Com que á vista do Rei elle appareça .

Naó assustou o aspecto Soberano
 Ao traidor ; com hum ár tranquillo , e humilde ,
 Elle dobra os joelhos , elle observa

Q

O lugar, onde bem empregue o golpe;
 E a mentira sagaz, que a sua lingua
 Conduzia, dictou-lhe n'este instante
 Taô perfido discurso; elle assim falla:
 « Grande Rei, permitti, que ao Deos Supremo,
 Que faz reinar os Reis, eu encaminhe
 Minha timida voz, antes de tudo
 Meu coraçao deixai que o louve, e cante,
 Pelos bens, que hoje vai sua Justiça
 Derramar sobre vós; Potier virtuoso, (o)
 E Villeroi prudente a fé intacta
 Vos guardaõ entre os vossos inimigos;
 Harlay, (p) o grande Harlay, de cujo zelo
 Intrepido, assustado se vio sempre
 O infiel Povo; do centro de huma escura
 Prizaõ, os coraçoens vai reunindo
 De todos; junta os vossos fiéis Vassallos;
 E confunde os da Liga: Deos, que, sempre
 Sabios, e poderosos abatendo,
 Pela maõ, que he mais fraca, cumprir soube
 As suas obras, fez, com que á presença

Do

(o) Potier, Presidente do Parlamento, de que affirma se fallou Villeroi que havia sido Secretario d'Estado de Henrique III.

(p) Achilles de Harlay estava entã recluído na Bastilha por Buffy le Clerc. Jacques Clemente apresentou ao Rei huma carta da parte d'este Magistrado, porém ignora-se se era ou não fingida.

Do grande Harlay eu fosse conduzido ;
 Cheio da sua luz , e pela sua
 Mesma boca instruido , diligente
 Ao meu Principe vôo , e vos entrego
 Esta carta , que Harlay acaba há pouco ;
 Como a subdito fiel , de encarregar-me. ≈

Impaciente Valois recebe a carta ,
 E as maôs levanta aos Céos , que lhe permittêa
 Taô suave mudança ; ≈ Oh se eu pudesse
 (Diz elle) este teu zelo , e bom serviço
 Remunerar-te já pelo naeu gosto ,
 E da minha justiça ! ≈ Estas palavras
 Dizendo , elle lhe estende os Reaes braços ;
 No mesmo instante o monstro o punhal tira ,
 E ouzadamente o peito lhe atravessa ;
 O sangue corre , e todos assombrados
 Se avanção dando gritos ; eis já se erguem
 Mil braços a punir este assassino ;
 Mas sem baixar os olhos , com desprezo
 Elle os attende ; a França satisfeita ,
 E do seu parricidio vanglorioso ,
 Em recompensa a dura morte espera
 De joelhos ; em firm , elle de Roma ,
 E da França se crê ser o refugio ;
 Pensa , que os Céos vê já , que estes se lhe abrem ;

E a Deos pedindo a palma do martyrio ;
 Cahe , abençoando os golpes , com que espiras;

Torpe illuzaõ , fantastica cegueira ,
 De horror , de compaixaõ mil vezes digna ;
 E da morte do Rei menos culpavel
 Talvez , do que esses laxos , vaôs Doutores
 Do seu Rei inimigos , que espalhando
 O veneno fatal com suas vozes ,
 O fraco Religioso allucinaraõ.

Estava já Valois tocando aquella
 Triste , e ultima hora , nem seus olhos
 Viaõ de luz apenas mais , que huim recto ;
 Seus Cortezaõs , chorando ao redor d'elle ,
 Por designios diversos divididos
 Em segredo , com huma voz commuado
 Formando as mesmas queixas , expressavaõ
 As dores , ou sinceras , ou fingidas ;
 Os que se esperançavaõ na mudanca ,
 Froxamente se affligem do perigo .
 Do seu Principe ; cheios entao outros
 Do temor , do interesse , naõ choravaõ
 O Rei , mas a fortuna decahida.

Entre o confuso ruido de clamores ,
 E de queixas , sómente vós , Henrique ,

Lagrimas detramastes verdadeiras ;
 Vosso inimigo foi , mas os que nascem
 De coraçoens sensiveis, facilmente
 Se commovem nos horridos momentos ;
 Só da sua amistade entaô se lembra
 Henrique , e o interesse em vaô combate
 Contra a sua piedade ; o Heróe virtuoso
 A si mesmo occultava o pensamento ,
 De que esta morte a C'roa lhe trazia.

Por hum ultimo esforço entaô voltando
 Valois para elle os olhos já pezados ,
 Que a morte hia a fechar , e ao mesmo tempo
 Com suas maôs tocando nas de Henrique ,
 Maôs vencedoras , diz-lhe d'esta sorte :
 As generosas lagrimas detende ,
 O Universo indignado á sua conta
 Toma o compadecer-se : reinar deve
 Bourbon , e combater , por fim vingar-me :
 Eu morro ; e vós no meio das tormentas
 Ficais só ; assentado sobre o escolho
 Cheio dos meus naufragios ; porém ide ,
 Henrique , que o meu Throno vos espera ;
 Pertence-vos , gozai de hum bem , que sempre
 Foi pelo vosso braço defendido ;
 Mas attendei , que o raio em todo o tempo

O rodeia ; temei , subindo ao Throno ;
 O Deos , que vo-lo dá ; oh se pudessemos
 De hum dogma criminal desenganado ,
 Restaurar-lhe o Altar , repor-lhe o culto !
A Deos ; reinai feliz ; mais poderoso
He o genio tutelar , que vos defende
 De crueis assassinos : vós a Liga
 Conheceis , e bem vedes os seus golpes ;
 Elles por mim passaraõ , porque possaõ
 Ir depois para vós : talvez que hum dia
 Huma maõ mais infiel Céos , que sois justos ;
 Favoreci virtude , que he taõ rara ;
 Permití n'este ponto a morte impia
 Sobre a sua cabeça vem render-se ,
 E de todo acabou o seu destino. (q)

A' noticia da morte Pariz toda
 Aos odiosos transportes se sujeita
 De huma iniqua alegria ; de cem gritos
 De victoria o seu Povo encheu os ares ;
 Suspende-se o trabalho , saõ abertos
 Os Templos ; de grinaldas de mil flores
 Ornaõ suas cabeças ; este dia

He

(q) Henrique III. morreu a 3 de Agosto pelas duas horas
 da manhã em S. Cloud ; mas não na mesma casa , onde ti-
 nhão abraçado com seu irmão a resolução do S. Bartholomeu ,
 como aseverão muitos Historiadores.

He dedicado só a immensas festas :
 Infensatos que saó ! Elles naó olhaó
 Os profundos abyssmos , que assim cavaó
 Debaixo de seus pés ; deverão antes ,
 Seus trabalhos prevendo , mudar logo
 Em amargo pranto o vaó triunfo ;
 O vencedor , o Heróe , que elles se atrevem
 A provocar , Henrique do alto Throno
 He quem vai arruinallos ; mais terrivel
 Na sua maó o Sceptre , vaticina
 Aos rebeldes a perda inevitavel ;
 Eis que já diante d'elle os Chefes todos
 Dobraó os joelhos , todos reconhecem
 Por legitimo Rei sómente a Henrique ;
 E como se estivessem já bem certos
 Do destino da guerra , accompanhallo
 Até os dois fins da terra elles prometem .

CAN-



CANTO VI.

ARGUMENTO.

Depois da morte de Henrique III., os Estados da Liga se juntaõ em Pariz para eleger hum Rei. Em quanto elles se occupaõ nas suas deliberaçõens, Henrique IV. dá hum assalto à Cidade. A Assemblea dos Estados se separa; aquelles, que a compunhaõ, vaõ combater sobre os muros. Descreve-se este combate. Apparição de S. Luiz a Henrique IV.

UZo antigo, e sagrado se pratica
Entre nós; quando a morte sobre o Throno
Estende o fatal golpe, e éniaõ do sangue
Dos Reis, céros á Patria, toda a fonte
Nos últimos canaes se há esgotado,
No mesmo instante o Povo aos seus primeiros
Direitos torna; hum Rei eleger pôde,
Pôde mudar as leis: os seus Estados
Juntos, que ficaõ sendo o orgão da França;
Hum supremo nomeaõ; os poderes
Lhe limitaõ: assim se decidira
Pelos nossos avós, que a Carlos Magno

No

No Throno sucedesse os Capetos

Intenta pois a Liga audaz , e forte
 Ordenar dos Estados (4) a assamblea :
 Por hum assassinato ella suppunha
 O direito adquirir , porque pudesse
 Eleger Rei , e dar mudança ao Estado :
 Elles crião , que postos ao abrigo
 De hum Throno imaginario , assim podiaõ
 Expulsar a Bourbon mais facilmente ,
 E melhor enganar a plebe rude :
 Pensavaõ , que hum Monarcha os seus desígnios
 Firmaria , que á sombra d'este nome
 Taó sagrado , seriaõ seus direitos
 Mais honestos ; que eleito injustamente ,
 Bastava para o ser ; em fim que a França
 Pertendia hum Senhor fosse qual fosse.

Correm pois para logo a hum conselho
 Com alvoroço os Chefes obstinados ,
 A quem conduz o orgulho ; eis os Lorenas ;
 Os Nemours , e naõ menos os furiosos
 Sacerdotes , o Embaixador de Roma ,

Jun-

(4) Como n'hum Poema Epico se attende mais á ordem do dezenho , que a Chronologia , li urodizem-se immedios á morte de Henr. que III. os Estados de Pariz , que só se effe-
 cutaraõ quattro annos depois .

Juntamente o de Iberia , que caminhaõ
 Ao Louvre , onde por huma eleiçāo nova ,
 Dos nossos Reis os Maes, mais illustres
 Elles vaõ insultar : o luxo sempre
 Mantendo-se das publicas miserias ,
 Com esplendor prepara estes Estados
 Tyrannicqs : alli naõ apparecem
 Os Senhores , e os Principes , dos nossos
 Antigos Pares nobres Successores ,
 Que junto aos Reis hum tempo se sentavaõ ,
 Que da França eraõ Juizes , que a apparence
 Conservaõ do poder , que já naõ lograõ :
 Naõ vaõ alli dos nossos Parlamentos
 Os Sabios Deputados , que defendão
 As nossas decahidas liberdades.
 Nem dos Lyrios alli já maja se observa
 O apparato ordinario ; sim se admira
 O Louvre pela sua pompa estranha ;
 O Legado de Roma em hum assento
 Honroso alli se mostra ; junto d'elle
 A Mayenne hum docel se há erigido ,
 Que cobre juntamente estas horríveis
 Palavras , que se liaõ = Reis , que a terra
 Julgais , e cujas maõs facinorosas
 Ouzaõ tudo emprehender , perdoar a nada ,
 A reinar vos ensine Valois morto .

Jan-

Juntos elles , já fazem os partidos
 E as facçoens , com que n'este lugar soem
 Suas infernaes vozes ; o vêo do erro
 A todos céga os olhos : hum , que espera
 Escravo ambicioso haver de Roma
 As mercês , ao Legado se dirige ;
 Declara diante d'elle , que he já tempo
 De que à Thiara os Lyrios se sujeitem ;
 De que se erga em Pariz (b) o sanguinario
 Tribunal , (c) esse horrivel monumento
 Do poder Monacal ; que há recebido
 Hespanha , e que ella mesma hoje detesta ,
 Que os Altares vindica , e que os deshonra ,
 Que cercado de chamas , e cuberto
 De sangue opprime os homens , e os degola
 Com hum ferro sagrado ; como se inda
 Vivessemos n'aquelles tristes tempos ,
 Em que a terra adorava os Deozes impios ,
 Esses , que os mentirosos Sacerdotes ,
 Mais cheios de ciueldade , se gloriavaõ
 De aplacar pelo sangue dos humanos.

I

Pe-

(b) A Inquisição , que os Duques de Guíza quizerão estabelecer em França.

(c) Todos os homens , que vivem n'hum paiz , onde se permite a liberdade de consciencia , declamaõ contra à Inquisição , porque os faz conter na unica , e verdadeira Religiao do Christianismo. Veja-se a nota (c) do V. Canto. (Nota do Editor) .

Pelo oiro Ibéro est'outro corrompido ;
 Naó duvida vender a cara Patria
 Ao Hespanhol , que mesmo elle aborrece:
 Mas hum Partido , em si mais poderoso ,
 Já no Throno dos Reis ; de voz communa ,
 Collocava a Mayenne ; inda faltava
 Ao seu vasto poder taô grande cargo ;
 Na esperança orgulhosa , a que atrevidos
 Sentimentos o levaõ , a arriscada
 Honra do grande nome de Rei era
 A chamma devorante , que em segredo
 O avaro coração lhe consumia.

De improviso Potier se ergue , e demanda
 Ser ouvidõ ; a rigida virtude
 Faz a sua eloquencia ; n'estes tempos
 Infelices , de todo corrompidos
 Pelo crimen , Potier (*d*) foi sempre justo ,
 Por tanto respeitado ; muitas vezes
 Elle se havia visto pela sua
 Nobre constancia reprimir a grande
 Licença escandalosa dos rebeldes ,
 E sobre elles a antiga auctoridade

Con-

(d) Potier pedio publicamente ao Duque de Mayenne a
 permissão de se retirar para Henrique IV. Eu vos respeitarei
 toda a minha vida , como meus bemfeitor , lhe disse elle ,
 mas naó posso reconhecer-vos , como meu soberano.

Conservando , mostrarlhes com prudencia ,
 Q ue era de justiça. Elle levanta
 Por fim a voz ; agitaõ-se , murmuraõ ,
 Elles o cercaõ , e ouvem ; o tumulto ,
 E o rumor cessa. Assim como acontece
 Em Náo , que os grossos mares agitaraõ ,
 Onde dos gritos já dos marinheiros
 Nem o ár se altera ; nem já mais se escura ;
 Que da prôa espumante o doce ruido ,
 Quando com feliz curso vai rompendo
 O mar , que lhe he sujeito ; tal se via
 Potier dictando as suas leis mais justas ,
 E á sua voz calava-se o congresso.

— Vós destinais Mayenne (Ihes dia elle)
 Ao supremo lugar ; assás comprehendo
 Toda a vossa intençao , eu vos desculpo :
 Mayenne tem virtudes , que não podem
 Encarecer-se bem ; era o elegera ,
 Se elegello pudesse ; mas nós temos
 Nossas leis , e este mesmo Heróe insigne ;
 Quando o imperio permanende , se accredita
 D'elle entao menos digno. — Ao dizer isto ,
 Mayenne de repente vem entrando
 Com aquelle apparato , que costuma
 Seguir hum Soberano , sem que mude

Potier de aspecto , quando o reconhece :

— Sim , Principe (prosegue de hum tom cheio
De firmeza ,) eu vos amo assás , e estimo

Para emprehender , que a minha falla agora

Contra vós se dirija pell França ,

E por nós: o direito se pertende

De eleger Rei , em vaô o pertendemos ;

A França tem Bourbons ; Deos vos há feito

Nascer junto ao lugar , e emprego augusto ,

Que occupar elles devem , porque o Throno

Lhes defendesses , naô porque o usurpasses :

Lá do seio dos mortos naô tem Guiza ,

Que pertender mais nada ; bastar deve

A sua cinza o sangue Soberano ;

Se elle perdeu a vida injustamente ,

Vingado o tem tambem outra injustiça :

E pois o Céo mudou agora o Estado ,

Mudai-vos vós tambem ; de todo acabem

Com Valois juntamente as vossas iras ;

Derramado naô tem Bourbon o sangue

De vosso irmão ; o Céo , que sempre justo

A vós ambos amou , muito virtuosos

Vos fez para inimigos : mas já sôa

O publico clamor , oiço o susurro ,

E os nomes espantosos de relapso ,

E de herege ; de hum falso zelo eu vejo

Que

Que enfurecidos nossos Sacerdotes ,
 Com o ferro na maõ . . . ah ! desgraçados !
 Detende-vos ; que lei , que exemplo , ou antes
 Que furia sanguinosa roubar pôde
 Ao ungido do Senhor vossa homenagem ?
 O filho dẽ S. Luiz feito perjuro
 Aos juramentos seus ? Elle dos nossos
 Altares vem prostrar os fundamentos ?
 Aos pés d'estes Altares instruir-se
 Elle pertende ; as leis , das quaes o imperio
 Desprezais , elle segue , elle as abraça ;
 As virtudes honrar de qualquer Seita
 Elle sabe ; venera o vosso culto ,
 E ainda o vosso abuso ; a Deos sómente
 (Que he quem vê o que somos) o cuidado
 De condenar os homens elle entrega.
 Como Rei , como Pai a governar-vos
 Elle vem ; mais Christão , do que vós mesmos ,
 Vem dar-vos o perdaõ ; tudo com elle
 He livre , e só o naõ pôde ser Henrique ?
 Quem Juizes vos faz , porque direito ,
 Do vosso Rei ? vós sois infieis Pastores ,
 Indignos Cidadãos. Que mal com esses
 Christãos primeiros tendes similhança ,
 Que desprezando todos esse Deozes
 De gesso , ou de metal , se conduziaõ ,

Sqm

Sem murmurar, debaixo de hum tyranno,
 Ou de hum Principe idolatra; espiravaõ
 Sem nunca se queixarem; antes cheios
 De golpes, sobre infames cadasfatos,
 Os Algozes honravaõ: ah! só eites
 Eraõ Christaos, eu outros não conheço;
 Pelos seus Reis morriaõ, vós os vossos
 Assassinais; e Deos, que querais seja
 Implacavel, zeloso, se procura
 Vingat-se, he só de vós, barbaros homens.

A taõ livre discurso não ouzava
 Outro algum responder, pois pelos toques
 Mais poderosos todos se sentiaõ
 Cheios de confusão; de balde intentaõ
 Affugentar de seus coraçoens fortes
 O temor, que nos máos causa a verdade;
 A raiva, e o medo a hum tempo perturbavaõ
 Seus pensamentos, quando de repente
 Mil vozes até os ares impellidas
 Com hum confuso estrondo a toda a parte
 Ressoar fazem = Cidadãos ás armas,
 Ou nós somos perdidos = as espéfias
 Nuvens, que o pó formava, do Sol claro
 No campo toda a luz tornava escura;
 Das caixas, e clarins o som horrendo
 Era annuncio da perda, que os espera: Tacu

Taes das grutas do Norte desatadas
 Sobre a terra as furiosas tempestades ,
 Precedidas dos ventos , e seguidas.
 Do trovaô , todo o ár escurecendo
 De hum turbilhaô de pó , que a vista assombra ,
 Vaô discorrendo assim pelo Universo.

He o espantoso exercito de Henrique ,
 Que de tanto repouso já cançado ,
 E de sangue faminto forma ao longe
 Os formidaveis grios : elle immenso
 Cobre toda a campanha , e a Pariz marcha :
 Não emprega Bourbon os seus saudaveis
 Momentos em render as ordinarias
 Honras ao Rei defuncto , em distinguir-lhe
 O sepulchro c'os titulos brilhantes ,
 Que recebem os mortos , quando o orgulho
 Dos vivos o progege ; não opprimem
 Suas maós as ribeiras desfoladas
 Com o pezo dos Mauzoléos inuteis ,
 Pelos quaes (a pezar da injuria certa
 Dos tempos , e da sorte) quer dos grandes
 A vaidade triunfar da iniqua Parca ;
 Elle a Valois na habitaçao escura
 Outros feudos pertende enviar mais dignos
 Da sua sombra ; quer punir valente

Sobr

sej

Seus assassinos , vencer quer furioso
 Seus inimigos , té que feliz torne
 Seu Povo , quando o houver já submettido.

Ao improviso estrondo dos assaltos ,
 Que elle dispõe , separa-se o conselho
 Dos Estados , de susto sorprendido ;
 No mesmo instante ao alto das muralhas
 Corre Mayenne ; unida a soldadesca
 Vóa a seus estendartes ; ella insulta
 A desmarcados gritos o Heróe forte ,
 Que se avança ; está prompto para o ataque
 Tudo , e tudo também para a defesa.

Naô era tal Pariz lá n'esses tempos
 Calamitosos , qual em nossos dias.
 Ao Francez mais feliz ella se mostra ;
 Cem fortes , que o furor , e o medo havia
 Levantado , seu circulo encerravaõ
 Em mais pequeno espaço ; seus suburbios ,
 Que hoje taô grandes saõ , e magestosos ,
 E que abertos a maô da paz tem sempre ,
 Para a immensa Cidade elles servindo
 De soberbas entradas , com Palacios
 Magnificos , que até ás nuvens sobem ;
 Eraõ longas Aldéas , que cingia

Huma muralha em roda ; e por huma foflo
 Profundo de Pariz se separavaõ :
 Da parte do Levante sem demora
 Bourbon se avança ; e apenas elle chega ,
 A morte lhe precede ; o ferro , e o fogo
 De toda a parte vóa , das friantes ,
 E do alto das muralhas ; em fim estas ,
 Soberbas até alli com suas torres ,
 E fortificaçõens , já se desfazem ,
 Já cedem ás procellas abrazadas
 De tiros repetidos ; vem-se rotos
 Os grandes batalhoens , e destroçados
 Pelo campo dispersos longe d'elles
 Seus membros ; tudo aonde chega o ferro
 Cahe , e a pó se reduz ; em fim peleja
 Com os raios qualquer dos dois Partidos ,

Com ménos arte , ao meio dos combates
 Se avançavaõ á morte antigamente
 Os miseraveis homens ; á carnagem ,
 Naõ com tanto apparato , elles corriaõ ;
 Nas suas maõs o ferro ás suas iras
 Era bastante ; mas o industrioso
 Esforço dos tyrannos descendentes
 Até dos Céos o fogo tem roubado ;
 Ouviaõ-se zunir as espantosas
 Bombas , filhas que saõ abominaveis . Das

Das turbações de Flandes. (e) N'estes globos
De bronze , o nitro apenas inflamado ,
Vôa com a prizaó , que o tem recluzo ;
Elle a rosme , e entaó fabe furiosa a morte .

Em profundas cavernas com mais arte ,
E mais barbaridade , se há sabido
Encerrar de mil raios subterraneos ,
As chaminas a incender-se sempre promptas :
Debaixo de hum caminho muito facil
De enganar , e por onde vêa á morte
O soldado , que em seu valor confia :
De repente os abyssmos vem-se abertos ,
Do pó sulfureo vaõ negras torrentes
Pelos ares dispersas , por hum novo
Trovaõ , com batathoens , em hum instante ,
Saõ na terra absorbidos , e submersos :
A taes perigos vai offerecerse
Bourbon ; he por aqui que elle deseja
Ao seu Throno subir : os seus guerreiros
Se expõem tambem com elle ás tempestades ;
Tem o Inferno a seus pés , e o raio ardece
Sobre suas cabeças ; mas a gloria

AP-2

(e) Nas guerras de Flandes , reinando Filipe II. de Espanha , he que hum Engenheiro Italiano fez uso das bombas a primeira vez .

CANTO VI

Anda ao lado do Rei ; elles a observaõ ;
E como a attendem só , sem pavormarchaõ .

Mornay , por entre as ondas da torrente
Impetuosa , se avança , com hum passo
Grave sim ; porém sempre destemido ;
Nem capaz de furor , nem de haver susto ;
Ao ruido dos canhoens inalteravel ,
No horror maior tranquillo ; de hum aspecto
Insensivel , e firme e elle na guerra
Naó vê mais , que hum castigo dos horriveis
Crimes da terra ; em fim Mornay só marcha
(Qual Filosofo) aonde a honra o leva ;
Aos combates naó va , segue a seu Amor .

Finalmente elles descem ao caminho
Terrivel , que huma altissima explanada ,
Tincta de sangue , faz inaccessible ;
He alli que o perigo suas forças
Torna a animar ; de mortos , e fachinas
Elles enchem os fossos ; sobre montes
De cadáveres marchaõ , e se avançaõ ;
Com hum precipitado curso á brexa
Se afemeçaõ ; do ferro sanguinoso
Armado Henrique , e do lucente escudo
Cuberto , elle he o primeiro , que na frente
D'eli

D'elles se arroja ; sobe , e já arvorado
 Nas suas mãos triunfantes de seus Lyrios
 Tem as bandeiras : tornaõ-se entaõ cheios
 De pavos da Liga diante d'elle ;
 Seu vencedor , e Rei bem pareciaõ
 Respeitar. Já cediaõ ; mas Mayenne
 Os esforça de novo ; elle lhes mostra
 O exemplo ; ao crime torna a convocallos ;
 Seus esquadroens cerrados opprimiaõ
 Por toda a parte o Rei , dê quem as viftas
 Não se atrevem fuster. A cruel Discordia
 Com elles sobre os muros se revolve
 No sangue ; que por ella se derrama.
 O soldado a seu gosto combatendo
 De mais perto nos muros infelices ,
 Leva com isso a morte mais segura.

Já naõ se ouvem da guerra os impios raios ,
 Com que as bocas do bronze tão funestas
 O Universo affustaraõ ; hum silêncio ,
 Que he filho do furor , he que succede
 Com mais horror aos écos estrondosos ;
 Com braço destemido , em ira accesos
 Os olhos , cada qual entaõ procura
 O passo abrir por entre os inimigos.
 Saõ repellidos ; hum contrario esforço

Faz ,

Faz , com que se restaure a alta muralha
 De sangue tincta , theatro que he da morte;
 Duvidosa a victoria tem ainda
 Nas suas fataes maos , junto dos Lyrios ,
 De Lorena o estendarte. Os sitiantes
 Sorprendidos , por toda a parte se achaõ
 Destroçados ; cem vezes victoriosos ,
 Cem vezes consternados ; similhantes
 Ao mar , que das tormentas impellido ,
 De momento em momento innunda as praias ;
 E ao mesmo tempo d'ellas se retira .

Já mais o Rei , já mais o seu illustre
 Rival forão tão grandes , como n'esta
 Taõ horroroso assalto. Pelo mesio
 Da carnagem , e do sangue , qualquer d'elles ;
 Senhor do seu espirito , e naõ menos
 Do seu valor , dispõe , manda , executa ,
 Vê tudo ao mesmo tempo , e de hum só golpe
 De vista ordena os fortes movimentos.

A formidavel tropa dos Inglezes ,
 Pelo valente Essex ao duro assalto
 Conduzida , marchava a vez primeira
 Debaixo só dos nossos estendartes ,
 Admirados talvez de que servissem
 Aos

Aos nossos Reis sujeitos. Elles vinhaõ
 A honra sustentar da sua Patria ,
 Por combater ardiaõ ; e orgulhosos
 Por dar a vida sobre os mesmos muros ;
 N'esses mesmos lugares , onde o Sena
 Vio reinar seus Avós em outro tempo.
 Essex avança á bresta , onde d'Aumale
 Combatia ; ambos moços , e briosoſ ,
 Cheios de igual ardor ; quaes lá nos muros
 De Troia os Semideuses se pintavaõ .
 De tropel seus amigos logo acodem ;
 Ensanguentados todos junto a elles ;
 Os Francezes , Inglezes , e os Lorenas ;
 A quem unে furor , assim avançaõ ,
 Combatem , ferem , morrem todos juntos .

Anjo , que conduzis d'elles a furia ,
 E o braço , protectoſ d'estes combates ,
 Anjo extermidor , alma da guerra ,
 De qual Heróe em fim tornais a causa ?
 Por quem dos Céos inclina a favoravel
 Sempre eterna balança ? Muito tempo
 Bourbon , Mayenne , Essex , e o seu contrario ,
 Sitianteſ , sitiados fazem huma
 Carnagem igual ; em fin , teve a ventagem
 O Partido mais justo ; Bourbon vence ,

EL.

Elle aos seus abre o passo ; fatigados
 Os da Liga mais tempo não resistem ;
 Elles deixão os muros , elles ficaõ
 Consternados. Assim huma torrente
 Do alto dos Pyríneos se vê , que ameaça
 As Ninfas pelo valle espavóridas ;
 Os diques , que se oppoem ás suas ondas
 Procellosas , sustentão algum tempo
 O seu violento choque , porém logo ,
 Esta barreira fraca destroçada ,
 Conduz ao longe o estrondo , a morte , o espanto ;
 Arranca de passagem os mais soberbos
 Carvalhos , que os invernos insultavaõ ,
 E que aos Céos se erguião ; ella folta
 Os rochedos das faldas das montanhas ,
 E atropella os rebanhos fugitivos ,
 Que vagaõ pelos campos. Tal desfia
 O destro Henrique , a passos apressados ,
 Dos fumegantes muros ; que ganhara ;
 Tal de hum terrivel braço elle cahindo
 Sobre os rebeldes , vence na carreira
 As tropas criminosas. Com espanto
 Os Dezeseis confusos já fugiaõ
 Ao braço vingador ; o medo os deixa
 Turbados , e dispersos. Em fim manda
 Mayenne abrir as portas , e seguido

Des

Dos seus soldados , elle em Pariz entra;
 Os vencedores fortes , e furiosos ,
 Com os fachos na maó , sobre os subúrbios
 Ensanguentados voltaó de repente.
 Da milicia o valor precipitado
 Se torna em raiva ; tudo entrega ao ferro ,
 Tudo á chamma , e á pilhagem. Mas Henrique
 Nada vè , que o seu voo se remonta
 Em seguir o inimigo , que fugia
 A' vista d'elle ; seu valor o eleva ,
 Sua victoria o iflamma ; os arrabaldes
 Elle deixa , elle só se avança á porta ;
 ≡ Companheiros sobre estes altos muros
 Vinde , subí , trazei o ferro , e o fogo. ≡

Quando elle isto dizia , lá do centro
 De huma nuvem se mostra á sua vista
 Hum fantasma brilhante ; era seu corpo
 Cheio de magestade , os elementos
 Dominava , a Bourbon elle descia
 Sobre as azas dos ventos ; as mais vivas
 Luzes da Divindade bem mostravaó
 As immortaes bellezas do seu rosto ;
 Seus olhos pareciaó todos cheios
 De ternura , e de horror ; ≡ Detem-te (grita
 Elle entao) desgraçado victorioso ;

Vas

Vas entregar ás chaminas , e á pilhagem
 De cem Reis teus Avós a eterna herança ?
 Roubar á teu paiz , saquear meus Templos ;
 Destruir teus Thesoiros , teus vassallos
 Degolar , e reinar só sobre os mortos ?
 Detem-te : A esta voz inda mais forte ,
 Que a trevaõ , o soldado se horrorisa ,
 Abraça a terra , e não atende ao saque ;
 Bourbon , cheio do ardor , que inda a peleja
 Em seu peito inflamava , igual ao Oceano ;
 Que murmurava , inda quando já se aplaca ;
 = O' fatal habitante do invisivel
 Mundo (diz) que vens tu nesta morada
 De horrores annunciar-me ? = Elle entao ouvõ
 Estas palavras cheias de doçura .
 = Eu sou o feliz Rei , a quem respeita
 A França , dos Bourbons sou Pai , sou d'elles
 Protector ; sou Luiz , que em outro tempo ,
 Como tu , pelejei ; de quem tu sempre
 A fé em teu coraço hás desprezado ;
 Luiz que te lastima , que te admira ,
 E que te ama : algum dia sobre o Throno
 Deos te há de conduzir , e tu , meu filho ,
 Em Pariz vencedor terás entrada
 Não por preço do teu valor , Henrique ,
 Mas da tua piedade . He Deos sómente

O que d'isto me instrue, e quem me envia.

O Heróe, a estas palavras, de seus olhos
 Lagrimas de alegria foi vertendo;
 A paz se vê de todo haver extinto
 A ira em seu coraçao; elle prostrado
 Clama, suspira, adora; de hum divina
 Horror sua alma se acha penetrada;
 Tres vezes á sagrada sombra estende
 Os braços, e outras tantas se desvia
 Seu Pai, de que elle o abraça: qual ligeira
 Nuvem, que se dissipá, pelos ventos.

Do mais alto do muro formidavel,
 Entre tanto os da Liga, armados todos,
 Todo hum Povo sem numero, Estrangeiros,
 Francezes, Cidadãos, Chefes, Soldados,
 Sobre Bourbon o ferro, e a morte fazem
 Chover; brilha do Altissimo a virtude
 Sobre sua cabeça; ella he que aparta.
 A forte tempestade, em que se via,
 Dos tiros que lhe lançaõ; elle observa,
 Elle entaõ vê, de que perigo horrivel
 Chega o Pai dos Bourbons a libertallo:
 Voltando-se a Pariz com huma vista
 Triste, e tranquilla, diz a Crueis Francezes,
 E tu, fatal Cidade, desgraçados

Ci.

Cidadãos , Povo infiel , gente cobarde ;
 Até quando queréis fazer a guerra
 Ao vosso Rei ? E Então do mesmo modo ;
 Que o astro , auctor da luz , havendo dado
 Fim á ardente carreira , resplandece
 Nas margens do Hersonote com hum fogo
 Mais brando , e parecendo á nossa vista
 Maior , também parece que se auzenta
 Longe de nós ; assim longe dos muros
 De Pariz se retira o bravo Henrique ,
 Cheio seu coraçao do seu Rei sancto ,
 Cheio de Deos , que o illustra. Elle a Vincennes
 Marcha , aonde Luiz em outro tempo ,
 Ao pé de huma azinheira então sentado ,
 Dicton suas leis justas. Que mudança ,
 Morada antigamente deliciosa ,
 He esta , em que te vejo ! Tu , Vincennes ;
 Não és mais , que huma torre abominavel ,
 Huma prizaõ de Estado , hum lugar forte
 De desesperação , em que he frequente
 O cahirem do seu poder mais alto
 Os Ministros , e os Grandes , que trovejaõ
 Sobre nossas cabeças ; que na Corte .
 Superiores saõ sempre ás tempestades ;
 Que vivem de opprimir , e ao mesmo tempo
 Saõ opprimidos ; ferozes , e submissos

Juntamente ; humas vezes saõ do Povo
O odio , e outras o amor. Já do Occidente ;
Em que as sombras se formaõ , vem a noite
Trazer sobre Pariz seu manto escuro ,
E esconder aos mortaes n'esta morada ,
Toda de sangue , os mortos , e os combates
Funestos , que há mostrado a luz do dia.

CAN-

CANTO VII.

ARGUMENTO.

S. Luiz transporta a Henrique IV. em espirito ao Céo , e aos Infernos , e lhe faz ver no Palácio dos Destinos a sua posteridade , e os grandes bomens , que a França deve produzit.

A Clemencia infinita do Deos vivo ,
 Que nos creou , por adoçar os males
 D'esta vida taô curta , em nós há posto
 Duas coisas bem uteis , que saô ambas ,
 Amaveis habitantes para sempre
 Da terra , saô arrimo nos trabalhos ,
 Na indigencia thesoiros : Huma he o somno ;
 Outra a esperança ; quando de opprimido
 Em languores seu corpo sente o homem ,
 Os orgaôs sem vigor , sem resistencia ,
 O primeiro , por huma doce calma ,
 Vem soccorrer a afflicta natureza ,
 E trazer-lhe hum total esquecimento
 Das penas , que supporta : a outra anima
 Os nossos coraçoens ; nossos desejos
 Ella accende ; e inda quando nos engana ,

Pra-

Prazeres verdadeiros nos dá sempre ;
 Mas aos cárlos mortaes , aos seus amados ,
 A quem o Céo a envia , fabuloso,
 Naô he o contentamento , que ella inspira ;
 De Deos he que ella traz tanto a promessa ,
 Como o conforto ; em fim , ella he constante ,
 Perfeita , pura , tal qual elle mesmo.

Luiz , junto a Bourbon , chama por ambas ,
 ≡ Chegai-vos a meu filho (lhes diz elle)
 Vinde fiel parelha ≡ Ouvi-o o somano ;
 Desde o reiro lá das suas gratas ,
 Para estas sombras frescas brandamente
 Vem marchando ; demoraõ-se em silencio .
 A' sua vista os ventos ; eis os sonhos
 Affortunados , filhos da esperança ,
 Para o Principe voltaõ , e sobre elle
 Vaõ espalhando os Loixos , e as Olivas
 Juntamente co' as suas dormideiras.

Luiz , n'este momento , a maõ lançando
 Do seu diadema , o poena sobre a cabeça
 Do Vencedor , e diz-lhe ≡ Reina , e urtinha ;
 E em tudo fê meu filho ; em ti sómente
 Se restaura da minha descendencia
 Toda a esperança : sim ; porém o Throno

Naõ

Não te basta , Bourbon ; dos dons sublimes
 De Luiz , o menor he o seu Imperio ;
 Heróe , Conquistador , e Rei , que importa
 Que tu sejas ? Se o Céo te não illustra ,
 Então nada te há feito ; essas mundanas
 Honras nada mais saõ , que hum bem esteril ;
 Saõ da virtude fragil recompensa ,
 Perigoso relampago , que passa ,
 Hum bem de turbaçoens sempre affistido ,
 Que a morte em fim destrói ; eu quero agora
 Descubrir-te hum Imperio mais duravel ,
 Por te recompensar não tanto , como
 Por te instruir : vem , segue-me , pois deves
 Ir por novos caminhos ; vóa ao seio
 De Deos mesmo , e completa os teus destinos. ≡

Isto dizendo , eis que ambos , em hum carro
 De luzes , atravessaõ a carreira
 Dos Céos em hum momento : taes na noite
 Os raios , e os relampagos se observaõ
 Correr de hum pólo a outro , dividindo
 Os densos ares ; tal aquella nuvem
 Abrazada se eleva , que roubando
 Aos olhos de Elizeo seu grande Mestre ,
 Em hum carro de fogo o arrebara
 Longe das margens d'este nosso globo.

No

No centro refulgente d'esses orbes
 Immensos , que esconder-nos naõ puderaõ.
 Sua marcha , e distancias , resplandece
 O astro do dia accezo por Deos mesmo ,
 O qual , sobre seu eixo luminoso ,
 Gira ao redor de si ; d'elle procedem
 As torrentes de luz interminaveis ;
 Logo que elle se mostra , he o que dá vida
 A' materia ; elle os dias distribue ,
 As estaçoens , e os annos aos diversos
 Mundos ao redor d'elle fluctuantes ;
 Obedecendo á Lei Divina imposta ,
 Os mais astros se attrahem (a) no seu curso ,
 E sem interrupçāo elles se alongaõ ;
 E servindo hum ao outro já de regra ,
 Já de apoio , se emprestaõ essas mesmas
 Luzes brilhantes , que recebem d'elle.
 Da outra parte do giro , que elles fazem ,
 E longe , n'esse espaço , em que he nadante
 A materia , e que Des fômente abraça ,
 Estaõ os Sóes sem numero , estaõ Mundos
 Infinitos ; he n'este abysmo immenso ,

Que

(a) Ou se admitta , ou naõ a attracçāo de Monsieur Newton , sempre he certo , que os globos celestes se approximaõ , e se desviaõ sucessivamente , parecendo , que se attrahem , e se separam.

Que lhe abre hum caminho. Da outra parte
Dos Céos todos , o Deos dos Céos reside.

He ahi , que seguió o Heróe famoso
O conductor celeste , ahi se ordenaô
Todos esses espiritos diversos ,
Que povoao o mundo , e os corpos enchem ;
Ahi depois da morte se profundaô
Livrej já para sempre nossas almas
Da grosseira prizaô , em que habitavaô ;
Ahi junta hum Juiz incorruptivel
A seus pés os espiritos eternos ,
Que o seu sopro há creado. Este infinito
Ente , he a quem se obedece , e que se ignora ;
Com diferentes nomes respeitado
Se vê do mundo inteiro ; do alto Empyreo
Nossos clamores ouve , e se lastima
Da grande multidaô de nossos erros ,
Da ignorancia dos homens , que assim formaô
Com piedade figuras insensatas
Do seu saber immenso , e inacceffivel.

Junto a elle conduz a horrivel morte ;
Filha do tempo , os habitantes todos
D'este triste Universo ; ora os Bracmanes ,
Ora os Bonzos , discípulos profanos

Dº

Do seu grande Confucio ; ella alli leva ;
 Os que aos Persas antigos sucoederaõ ,
 Inda cégos sectarios , (b) bem que occultos ,
 De Zoroastre ; os moradores fracos
 D'essas frias regioens , a quem de gelo
 Cercaõ , e inundaõ mares dilatados ;
 Aquelles , que da America povoao
 Os densos bosques , do invencivel erro
 Innumeraveis subditos ; o Turco
 Admirado , e com huma vista anciosa ;
 A direita de Deos em vaõ procura
 O seu Profeta ; o Bonzo com os olhos
 Penitentes , sombrios , em vaõ chega
 A exagerar seus votos , e tormentos.

N'hum instante illustrados esses mortos ;
 Tremendo esperaõ todos em silencio
 Huma eterna sentença ; Deos , que tudo
 Em hum momento vê , ouve , e conhece ,
 De hum golpe de olho os pune , e tambem d'outro
 Os absolve : Bourbon para o invizivel
 Throno senaõ chegou , de donde mana
 A cada instante o Juizo de horror cheio ,
 Em que Deos pronuncia aos homens todos

Seus

(b) Na Persia os Guebres tem Religiao á parte , e perten-
 dem , que esta seja , a que fundou Zoroastre.

Seus eternos destinos , que em vão muitos
 Orgulhosos a prevenir se atrevem :
 — Qual he (dizia Henrique , perguntando
 A si mesmo) Qual he de Deos (c) sobre estes
 A justiça suprema ? Deos castiga
 Os homens por cerrarem tanto os olhos
 A's luzes , que elle mesmo apartou d'elles ?
 Como injusto senhor pôde julgallos
 Sobre a lei dos Christãos , lei , que elles mesmas
 Conhecer não puderaõ ? Não he crivel ,
 Não , Deos nos há creado , Deos a todos
 Quer salvar , nos instruc em toda a parte :
 Sim , e em todo o lugar elle nos falla ;
 No coraçao de todos há gravado
 A lei da natureza , essa , que he sempre
 A mesma , e sempre pura ; he pois por ella
 Que Deos julga os Gentios certamente ,
 E se o coraçao d'estes justo há sidõ , (d)
 Não se pôde negar , que Christãos forão.

Em

(c) O argumento , que aqui faz o A. na pessoa de Henrique IV. he bem futil. Deos não nos castiga , nem nos julga se , não conforme as luzes , que d'elle temos recebido. Aquelles , que gozaraõ do beneficio da revelação , devem ser julgados pela lei positiva : os que porém d'ella não tiverão conhecimento , e invencivelmente a ignoratoõ (se isto pôde acontecer) por aquella da natureza . (Nota do Editor)

(d) He isto huma hypothesi nunca praticavel : porque a natureza corrupta pelo pecado original não tem forças para a observancia da lei , sem o adjutorio da graça . (Nota do Editor)

Em tanto que do Héróe a perturbada
 Razaõ lançava sobre hum tal mysterio
 Huma vista indiscreta , aos pés do Throno
 Eis que sôa huma voz ; o Céo se abala ,
 Treme todo o Universo ; seus accentos
 Eraõ quaes do trovaõ , aquelles , quando
 Deos do Monte Sinay fallava á terra :
 Dos immortaes o coro por ouvilla
 Se calou , e cada astro no seu curso
 Foi repetilla = A' tua razaõ fraca
 Não te queiras render , Deos te há criado
 Para o amar , não para o comprehenderes ;
 Inda quando invizivel a teus olhos
 Reine em teu coraçao ; elle confunde
 A injustiça , elle o erro sim perdoa ,
 Não o que he voluntario ; os olhos abre ,
 O mortal , quando a sua luz te illustre. =

N'este momento Henrique eis já se sente
 De hum apressado voo arrebarar-se ,
 E por hum turbilhão ser n'esse espaço
 Transportado para huma informe , horrenda ;
 Feroz habitaçao , do antigo Cáos
 Imagem horrorosa , impenetravel
 Aos raios dos seus Sôes resplandecentes ,
 Chefes de obra das maõs do Deos Supremo ;
 E como elle beneficos : sobre esta

Ter-

Terra horrivel, aos Anjos sempre odiosa ;
 Naó lançou Deos a prodiga semente
 Da vida ; a morte , sim , a horrivel morte ;
 E a confusaó parece , que assentaraó
 Seus dominios alli : Oh que clamores !
 Que gritos espantosos ! que torrentes
 De fumo , e fogo ! ≡ N'estes climas (grica
 Bourbon) que monstros voaó ! que voragens
 De chammas a meus pés se vaó abrindo ! ≡
 Saó , filho , essas que vês do abysmo as portas ;
 Que a justiça fundou , e que habitado
 Pelo crime se vê ; segue-me , Henrique ,
 Que abertos estaó sempre seus caminhos ;
 A's portas dos Infernos (e) marchaó logo,

A escura Inveja alli se manifesta ,
 No olhar timida , e vesga ; sobre os loiros
 Sua boca se vê lançar venenos ,
 A luz ferę seus olhos , que scintillaó
 Nas sombras ; triste amante ella dos mortos ;
 Os vivos aborrece ; percebendo
 A Henrique , se desvia , e entaó suspira.
 Logo se vê o Orgulho , que se queixa ,

E

(e) Os Theologos naó tem decidido , como artigo de fé , que o Inferno fosse no centro da terra , alguns o tem perto no Sol ; aqui se poem em hum globo destinado unicamente a este usq.

E se admira. Com pântido semelhante
 A Fraqueza , e os olhos abacidos ,
 Tyranno , que se molda com os crimes ;
 E as virtudes destrói. A sanguinosa
 Ambiçao perturbada , e sem socorro ,
 Cercada está de thronos , de sepulchros ,
 E de escravos. A terna Hypocrisia ,
 Os olhos brandos , cheios de doçura ,
 Tem no semblante o Céo , mas tem o Inferno
 Dentro em seu coraçao. O Zelo falso
 Suas barbaras maximas expondo ;
 E por fim o Interesse então se mostra ,
 Pai de todos os crimes , Pai infame.

Dos corruptos mortaes estes Tyrannos
 Impetuoso , ao verem longe a Henrique ,
 Consternados se mostraõ ; já mais elles
 O haviaõ visto , nem taõ impia tropa
 Se avisinhou já mais a taõ bella alma ,
 Nutrida da virtude. Quem he este
 Mortal (diziaõ elles) conduzido
 Por este Justo , e Sancto , que aqui mesmo
 Nos vem perseguir n'esta noite eterna ?

Por entre estes espíritos immundos
 O Heróe se adiantava a passos lentos

De:

Debaixo das abobadas extensas ;
 He Luiz , quem o guia : ☐ Céos , que vejo !
 De Valois o assassino ! A mim presente
 Este monstro ! Meu Pai , elle tem ainda
 O ferro parricida , que o conselho
 Dos Dezeseis lhe poz na máe infame ;
 Em tanto que em Pariz (f) os Sacerdotes
 Impios ousão manchar c' a seu retrato.
 Os sagrados Altares , e que a Liga
 O invoca , Roma o exalta , aqui o Inferno ;
 Pelos tormentos , vejo que o reprova. ☐

Filho (tornou Luiz) com mais severas
 Leis castigados saõ n'estes lugares
 Os Príncipes , e os Reis ; vede esses impios ;
 E inhumanos , que forao adorados
 Em quanto vivos : sim , quanto elles eraõ
 Mais poderosos , hoje mais se humilhaõ ;
 N'elles castiga Deos naõ só os delitos ,
 Que por suas maõs impias cometteraõ ,
 Mas aquelles tambem , que naõ vingaraõ ;
 E outros , que permitiraõ . Foi a morte ,
 Quem lhes roubou das maõs essas grandezas

Trans-

(f) O Parricida Jacques Clemente foi louvado em Roma , na Cadeira , em que se devera pronunciar a Oraçao fúnebre de Henrique III. Em Pariz se poz a sua imagem nos Altares junto com a Eucaristia.

Transitorias , o falso , os vaôs prazeres ,
 Esses aduladores mercenarios ,
 Cuja mais que industriosa complacencia
 A vista lhes turbava , porque oculta
 A verdade lhes fosse ; hoje a verdade
 Mais terriveis lhes faz os seus supplicios ;
 A seus olhos presente ella lhes mostra
 Todos os crimes ; vêde como tremem
 A sua voz huns taes Conquistadores
 Havidos por Heróes , mas que nos olhos
 De Deos só saõ Tyrannos , pois flagellos
 Forão do mundo inteiro , que abrazado
 Se vio dos seus furores ; esse mesmo
 Raio , que elles vibraraõ , já se volta
 Contra elles , e os destrói ; alli prostrados
 Junto d'elles estaõ os negligentes ,
 Que o Throno envileceraõ , e que forão
 Fantasmas froxos. Junto aos Reis Henrique
 Os seus impios Ministros já divisa ,
 Sobre tudo os injustos Conselheiros ,
 Que avaros corruptores dos costumes ,
 E das leis , tem vendido sempre as honras
 De Themis , e de Marte , e que primeiros
 Puzeraõ sem pudor a indignos lanços
 O preço inestimavel das virtudes
 De nossos Pais : Tambem n'estes lugares

Estaes vós coraçoens fracos , e tenros ;
 Que entregues ás delicias , recostados
 Sobre flores , sem fel , e sem orgulho ;
 Sempre em ocio passastes vosso dias
 Inuteis , e nutridos na moleza !
 E sereis vós aos réprobos unidos ,
 Vós , mortaes bemfeitores , vós , amantes
 Da virtude , que só por hum momento
 De duvida , ou fraqueza , haveis murchado
 Os fructos de trinta annos de prudencia !
 O generoso Henrique entaô não pôde
 As lagrimas conter. Ah ! (g) Se he verdade

L (Diz

(g) Os argumentos , com que Henrique IV. ataca n'este lu-
 gar a Eternidade das penas infernaes , pelos prazeres mo-
 mentâneos da fraqueza , são desfeitos pela resposta de S. Luiz
 nos seguintes versos nos quais quer dizer , que se es-
 ses prazeres são culpas leves , se castigaõ no Purgatorio , co-
 mo adverte a nota seguinte. (h) Para justificar a conduçâo do
 Eterno a respeito dos réprobos , basta lembrarmo-nos do pec-
 cado original , pelo qual nós nascemos filhos da ira por na-
 tureza , e destinados ao fogo eterno , assim como por qual-
 quer peccado grave , que em qualquer momento se pôde
 commetter. Deos não castiga delitos leves com penas gra-
 ves ; como he justo , elle sabe proporcionar os castigos ás
 culpas. Mas se o homem devia abusar da liberdade , porque
 lhe foi esta concedida ? Deos dando ao homem a liberdade
 (e que seria o homem sem ella ?) Constitui-o hum ente per-
 feito , em cujo poder estava , ou merecer pelo seu bom uso ,
 ou sujeitar-se a infinitas desgraças pelo abuso , que d'ella fi-
 zesse na infraçâo dos seus preceitos ; e isto é o principio
 da sua infelicidade. Com tudo elle julgou melhor (diz
 S. Agostinho) tirar dos males algum bem , do que não per-
 mittir mal algum no Universo. = *melius iudicavit de malis*
bona facere , quam mala nulla esse permettere. = E que bem não
 foi para o Universo a Encarnação do Verbo ? (Nota do Editor)

(Diz elle entaõ) que a raça dos humanos
 Se há de em chusma absorver n'esta profund
 Habitaçāo de horrores. Ah ! Se os dias
 De huma taõ triste vida , e transitoria ,
 De hum eterno tormento sem remedio
 Saó seguidos , melhor naõ lhes seria
 Naõ ver já mais a luz ? Oh ! Que ditosos ,
 Se nos ventres das Mais logo espirassem ,
 Ou se este Deos ao menos taõ severo ,
 O grande Deos ao homem muito livre
 Se dignasse roubar o desgraçado
 Poder de assim lhe ser desobediente !

Naõ tenhaes para vós (Luiz lhe torna)
 Que estas victimas tristes se castiguem
 Com excesso aos seus crimes , nem que o Justo
 Deos , Creador dos humanos , se glorie
 De anniquilar das suas maõs a obra ;
 Naõ , filho , elle he infinito , e o he naõ menos
 Nas suas recompensas ; as vinganças
 Prodigio dos seus dons elle limita :
 Embora sobre a terra elle se pinte
 Exemplo de Tyrannos ; Pai amavel
 He , quando os filhos pune ; elle adoçando
 Sempre os raios está da vingadora
 Maõ sua ; elle naõ sabe da fraqueza

Cap-

Castigar os momentos , nem os leves
 Passageiros prazeres , associados
 De desgosto , e de enfado , com tormentos (b)
 Como elle eternos , para sempre horriveis.

Disse , e logo ambos elles n'hum instante
 Se passaõ aos lugares venturosos ,
 Em que habita a innocencia. Dos Infernos
 A escuridaõ terrivel ja naõ viao ,
 Mas sim a luz mais pura , a claridade
 Immortal : logo pois , que Henrique attende
 A bella habitaçao , eis de improviso
 Sente , ao vella , espalhar-se na sua alma
 Huma estranha alegria ; alli os cuidados ,
 As paixõens , naõ se vê que turbar possaõ
 Os coraçoens ; alli tranquillo o gosto
 As doçuras cierrama. N'estes climas
 Sentem todos , Amor , o teu imperio ;
 Naõ porém esse amor , que infasto inspira
 A moleza , mas sim Divina chamma ,
 Fogo sancto , e sagrado , casto filho
 Dos Ceos , que sobre a terrainda se ignora ;
 D'elle só para sempre se enchem todos
 Os coraçoens , que sem cessar dësejaõ ,

L 2

E

(b) He facil , e se deve entender por este lugar , as culpas veniaes , e a Purgatoria.

E gozaõ sem cessar , e que possuem
 Sem pezares o gosto , sem languores
 O repouso : alli vivem , alli reinaõ
 Os bons Reis , que as idades produziraõ ;
 Os perfeitos Heróes , os verdadeiros
 Sábios ; alli se vê n'hum Throno de oiro
 Carlos Magno , e Clovis , velando sempre
 Sobre o Imperio dos Lyrios ; os maiores
 Inimigos , os fortes adversarios
 Reunidos todos como irmãos se portão :
 O fabio Luiz doze (*i*) entre os Monarchas
 Como cedro se eleva , e as leis dispende :
 Quando a nossos Avós o Céo propicio
 Este Rei concedeu , fez que a Justiça
 Sobre o Throno com elle se sentasse ;
 Muitas vezes perdoou , dominou sempre
 Os coraçoens ; dos olhos do seu Povo
 Elle o pranto enxugou. D'Amboise (*I*) he aquelle ,
 Que a feus pés se divisa , fiel Ministro ,
 Quem só amou a França , e quem só d'ella
 Foi summamente amado ; amigo terno
 Do seu Rei , e que na alta dignidade
 Suas mãos não manchara com rapinas ,

Nem

(i) Luiz XII , he o unico Rei , que se appellidou Pai do Povo.

(I) Jorge d'Amboise foi justamente estimado da França ,
 e do Rei ; porque igualmente os amava a ambos.

Nem com sangue. Que bellos dias esses !
 Que costumes ! Que tempo perduravel
 Para a memoria ! O Povo era ditofo ,
 Cheio de gloria o Rei , os doces fructos
 De suas sabias leis goftavaõ todos ;
 Reinando outro Luiz , tornai ó tempos !

Mais distantes estaõ esses guerreiros ,
 Que a vida desprezaraõ inflammados
 Do seu dever , e naõ da sua furia ;
Clisson , (m) Montmorenci , (n) de Foix , (o)
 (Trimouille , (p))
 Guesclin (q) o destruidor , e ao mesmo tempo
 O vingador dos Reis , Bayard (r) virtuoso ,
 E vós brava Amazona , (s) dos Ingleses

(m) Clisson (o Condestavel) no reinado de Carlos V.
 (n) (Montmorenci) São infinitos os serviços , que esta cas-
 fa tem feito ao Estado.

(o) De Foix (Gastaõ) Duque de Nemours , sobrinho de
 Luiz XII. foi morto na celebre batalha de Ravenna , que elle
 tinha ganhado.

(p) Gui de la Trimouille appellidado o valente he , quem
 aqui se teve em vista.

(q) O Condestavel du Guesclin , salvou a França no reina-
 do de Carlos V. , conquistou Hespanha , e collocou Henrique
 de Transiamara sobre o Throno de Pedro cruel , razão por-
 que foi ao mesmo tempo Condestavel de Castella.

(r) Bayard (Pedro du Terrail) chamado o Cavalleiro sem
 medo , e sem nota. Elle armou Franciso I. Cavalleiro na ba-
 talha de Marignan , e foi morto em 1523. na retirada de
 Rebec em Italia.

(s) Joauna de Arco conhecida pelo nome de Donzella
 d'Orlçans.

A vergonha , do throno o apoio firmo:

Os Heróes (diz Luiz) que aqui estás vendado
 Nos Céos , tem , como tu , da terra os olhos
 Apartados ; amavel lhes foi sempre ,
 Como a ti , a virtude ; mas da Igreja
 Elles bons filhos sua Mãe prezaraõ ;
 D'elles o coraçao simples , e docil ,
 Estimava a verdade , em fim seu Culto
 Era o meu , que tu sem razaõ deixaste.

Dizendo enternecido estas palavras ,
 Se apresenta o Palacio dos Destinos
 Diantre d'elle ; elle faz marchar Henrique
 A estes muros sagrados , e cem portas
 De bronze ás suas vistas entaõ se abrem.

Com hum voo insensivel diligente
 O tempo sem cessar já se retira ,
 Já volta a este Palacio portentoso ,
 E dari sobre a terra elle ás maes cheias
 Lança os bens , lança os males , que aos humanos
 Se destinaõ ; sobre hum Altar de ferro
 Hum livro mysterioso do futuro
 Toda a histria contém irrevogavel :
 A maõ do Eterno nelle há signalada

No 3

Nossos desejos , nossas sempre tristes
 Afflicçõens , nossos fracos , vaôs prazeres ;
 A liberdade alli se vê captiva
 Por inviziveis laços prisoneira ;
 Debaixo de hum desconhecido jugo ;
 Que ninguem quebrar pôde , sujeitalla
 Sabe o Supremo , sem que a tyrannize ;
 A's Leis Divinas tanto mais ligada ,
 Quanto a sua cadeia he para sempre
 A seus olhos oçulta ; submettida ,
 He por sua eleiçâo inda assim mesmo
 Quanto ella faz , e muitas vezes pensa
 Dar as leis , e preceitos aos destinos .

Cáro filho , he d'alli (Luiz lhe adverte)
 Que a graça faz sentir aos homens todos
 Seu favor efficaz ; d'estes lugares
 Sagrados algum dia partir deve
 O raiô vencedor ; esse , que abraze
 Teu forte coraçâo ; mas tu não podes
 Differir , apressar ; nem menos , filho ,
 Conhecer os momentos estimaveis ,
 De que he Deos só Senhor . Mas quanto longe
 Inda os tempos estaô ! Esse ditosos
 Tempos , em que serás tu numerado
 Entre os filhos de Deos ! O' quantas deves

Paf.

Passar inda fraquezas vergonhosas !
 Quanto tens de andar inda nos caminhos
 Do engano ! Eterno Deos , os dias d'este
 Grande Rei diminue , po is saõ dias ,
 Quando de ti o apartaõ , desgraçados.

•

Mas que turba se apressa n'ellas vastas
 Estancias ? sem cessar a todo o instante
 Ella entra , e sahe. Vós vedes (Luiz responde)
 Meu filho , n'esta habitaçao sagrada
 Os retractos dos homens , que algum dia
 Devem náscer. Dos seculos futuros
 Estas vivas imagens representaõ
 Os lugares unidos , as idades
 Adiantadas ; dos homens certamente
 Os dias todos , inda que contados
 Antes dos tempos , saõ (ó filho) aos olhos
 De Deos sempre presentes. O destino
 Aqui signala o instante , em que elles devem
 Nascer no mundo ; de huns o abatimento ,
 A grandeza dos outros , as diversas
 Mudanças á fortuna vinculadas ,
 Seus vicios , ou virtudes , suas mortes :

Chegue-mo-nos ; o Céo te há permittido
 O conhecer os Reis , e Heróes , que hum dia

D

De ti haõ de nascer : esse primeiro
 Que apparece, he teu filho augusto , aquelle ;
 Que há de bem sustentar por muito tempo
 Toda a gloria dos Lyrios ; sim , do Belga ,
 E do Ibero o vera triunfante o mundo ,
 Mas nunca igual ao Pai , nem a seu filho.

Descobre Henrique entao por entre as flores
 De Lys dois homens cheios de artogancia
 Junto ao Throno sentados ; tem debaixo
 De seus pés todo hum Povo atado , e prezo ;
 Da Purpura Romana revestidos
 Saõ ambos ; elles guardas , e soldados
 Tem á roda de si. Henrique attende-os
 Como a Reis. Naõ te enganas (Luiz prosegue)
 Elles o saõ sem terem já mais d'isso
 O titulo. Do Principe , e do Estado
 Ambos arbitros saõ , Richelieu esse ,
 Est'outro Mazarin , Ministros ambos
 Immortaes , até o Throno conduzidos
 Da sombra dos Altares ; da fortuna
 Filhos , e da politica ; saõ elles ,
 Os que ao poder dispotico marchando
 Iraõ a grandes passos ; será grande
 Richelieu , e sublime , ao mesmo tempo
 Inimigo implacavel : recto , e brando

Ma-

Mazarin , mas amigo perigoso ;
 Hum com arte fugindo , (z) cede aq forte
 Da tormenta ; ouero ás ondas irritadas
 Oppoem todas as forças ; inimigos
 Declarados dos Príncipes famosos
 Do meu sangue , do Povo aborrecidos ,
 E admirados ; em fim , pela violencia ,
 E pela industria aos Reis seus Amos ateis ,
 Quando á Patria crueis . {O' tu , que és meno
 Poderoso do que elles , menos vasto .
 Nos teus designios ; tu , que no segundo
 Lugar és o primeiro entre os humanos ;
 Colbert , (x) sobre teus passos a ditosa
 Abundancia , dos teus trabalhos filha ,
 Toda a França enriquece ; tu , de hum Povo ,
 Ardente em te ultrajar , bemfeitor sempre ,
 Com fazello feliz he que te vingas ;
 Similhante ao Heróe , ao confidente
 De Deos , o qual a preço das blasfemias ,
 Nutrio sempre os Hebreos ,inda que ingratos .

Que

(z) O Cardeal Mazarin foi obrigado a sahir do Reino em 1651. contra a vontade da Rainha Regente , a quem elle governava : mas o Cardeal Richelieu se conservou sempre , a pezar dos seus inimigos , e do mesmo Rei , que estava d'elle desgostoso .

(x) O Povo , esse monstro feroz , e cégo , detestava o grande Colbert até o ponto de querer desenterrar o seu corpo ; porém a voz das gentes cordatas , que prevê ao longe , tem feito á sua memoria para sempre amável , e cheia de respeito .

Que pomposo montão de escravos vejo
 De joelhos aos pés de hum Rei , (x) que a todos
 Faz tremer ! Que respeitos ! Que honras ! Nunca
 Rei algum costumou já mais na França
 A tão grande obediencia os seus vassalos :
 Eu o vejo animado pela gloria ,
 Como vós , e melhor obedecido ,
 Mais temido , e talvez menos amado :
 Eu o vejo provando mui diversas
 Fortunas , nas emprezas sempre forte ;
 Constante nas desgraças , desprezando
 Tanto esforço violento , com que o investem
 Vinte Povos ligados ; admiravel
 Na sua vida , mas maior na morte :
 Século de Luiz afortunado !
 Século , que promette a natureza
 Encher dos dons melhores sem medida ;
 Es tu , que as boas artes pela França
 Vás levar : tudo vai daqui em diante
 Sobre ti dirigir as suas vistas ;
 As Musas para sempre o seu imperio
 Alli firmão ; entao se anima a teia ,
 E o marmore respira. Oh quantos sabios
 Eu vejo , que alli juntos (y) nos excelsos

Lu-

(x) Luiz XIV.

(y) A Academia das Scienças , cujas memorias são estimadas de toda a Europa.

Lugares o Universo estaõ medindo,
 E lendo pelos Céos ! Na escura noite
 Levaõ a luz , e entaõ da natureza
 Penetraõ todo o fundo ; á vista d'elles
 O erro presumido se desterra ,
 A duvida os conduz para a verdade :
 E tu , filha do Céo , tu , poderosa
 Harmonia , das artes a admiravel ,
 Que a Grecia , e Italia illustras , teu estyle
 Encantador eu oiço em toda a parte ,
 E os teus sons soberanos , que dominaõ
 O coraçaõ , e ouvido. Vós Francezes ,
 Quando venceis , cantaes vossas conquistas ;
 Já mais haverão loiros , que não cubraõ
 Vossas cabeças ; sim , eu n'estes climas
 Vejo hum Povo de Heróes , que vai nascendo ;
 Eu vejo os Bourbons todos , que se apressão
 Aos combates ; por entre horrendos fogos
 Vejo vir a Condé , (z) Condé valente
 Já o terror , já o apoio de seu Amo.
 Turennna de Condé rival augusto ,

Me-

(z) Luiz de Bourbon , chaimado commummente o grande Condé , e Henrique Visconde de Turennna , saõ respeitados como os maiores Capitaens do seu tempo. Ambos ganharaõ grandes victorias , e adquiriraõ gloria ainda mesmo nas suas derrotas. O genio do Principe de Condé parecia , segundo se tem dito , mais proprio para hum dia de batalha , e o de Monsieur de Turennna para toda huma campanha.

Menos brilhante sim , porém mais sabio ;
 E ao menos seu igual. Por huma rara
 União Catinat (*aa*) junta os talentos
 De guerreiro ás virtudes de prudente.
 Este que assim sustenta os nossos muros
 Com seu braço he Vauban ; (*bb*) he das virtudes
 E das artes o amigo. Esse invencivel
 Na guerra , se na Corte desgraçado ,
 He Luxembourg , (*cc*) que faz tremer o Imperio ;
 E a Inglateira dá susto. Em Denain vede
 O attrevido Villars , (*dd*) que assim ás Aguias
 Dos Cezares disputa o trovaó forte ,

A-

(*aa*) O Marechal de Catinat ganhou as batallas de Srafard , e de Marsaille , e obedeceu depois como subalterno ao Marechal de Villeroi , que lhe enviava as ordens sem o consultar. Deixou voluntariamente o commando , naõ se queixou nunca de ninguem , nem pedio nada ao Rei , morrendo como Philosofo em huma pequena casa de campo.

(*bb*) O Marechal de Vauban foi o maior Engenheiro , que tem havido ; fortificou , segundo o seu metodo , 300 Praças antigas ; edificou 33 de novo ; conduzio 53 sitiios ; e achou-se em 140 acçãoens. Era socio da Academia das Scienias , e a honrou mais , que nenhum outro , fazendo servir as Matematicas em a vantagem da sua Patria.

(*cc*) Francisco Henrique de Montmorenci , que tomou o nome de Luxembourg , Marechal de França , Duque , e Par ; ganhou a batalha de Cassel debaixo das ordens de Monsieur irmão de Luiz XIV. , e alcançou como Chefe as famosas vitórias de Mons , de Fleurus , de Steinkerke , e de Nerwinde. Conquistou Províncias ao Rei , e sendo prezado na Bastilha , recebeu mil desgostos dos Ministros.

(*dd*) O Marechal Duque de Villars ganhou a batalha de Fredlingue , e a do primeiro Hochs , depois deu a famosa de Malplaquet , na qual mortreraõ vinte mil inimigos , e só se perdeu depois do Marechal ser ferido. Em 1712 derrotou em Denain ao Príncipe Eugénio.

Arbitro em fim da paz , que segue logo
 A' victoria , de Rei digna columnna ,
 Digno rival de Eugenio. Que mancebo (ee)
 Principe he este , em quem a Magestade
 Sobre seu resto amavel resplandece
 Sem fereza ? De hum olho de indifferença
 Elle respeita o Throno. O' Céos ! Que noite
 Repentina a meus olhos pois o cerca !
 A morte em torno d'elle sem demora
 Voa , e corre ; elle cahe aos pés do Throno
 Já proximo a occupallo. Vós , meu filho ,
 Estaes vendo o mais justo dos Francezes ,
 Que os Céos do vosso sangue magestoso
 Formaraõ. Grande Deos , vós aos humanos
 Só daes a ver a flor taõ passageira ,
 Obra das vossas maõs ! Que não emprehende
 Ah ! esta alma virtuosa ? A França toda
 O' quanto feliz he em seu reinado !
 Elle entretem a paz , nutre a abundância ;
 Seus dias conta pelos beneficios ,
 Ama o seu Poyo em fim. O' dias cheios
 De susto , e de temor ! Que triste pranto
 Os Francezes inunda , quando admiraõ ,
 Debaixo de huma mesma campa juntos ,
 O conforto , e a mulher , a Mái , e o filho !

Hum

(ee) O Duque de Borgonha falecido,

Hum fraco ramo (*ff*) sahe d'entre as ruinas
 D'esta arvore secunda dissipada
 Pelas suas raizes ; ao sepulchro
 Os filhos de Luiz descidos deixao
 A França hum só Monarcha inda no berço ;
 Fragil , doce esperança de hum Estado
 Vacilante . Mas tu , Fleury prudente ,
 Vigiarás a sua tenra infancia ,
 Serve de guia aos seus primeiros passos ;
 Cultiva á tua vista do mais puro
 Do meu sangue o deposito precioso :
 Soberano que elle he , a conhecer-se
 Tu lhe ensina ; que saiba como he homem
 Em se vendo que he Rei , que sendo amado
 De seus subditos , seja aos olhos d'elles
 Taó bem caro ; que aprenda , que he nascido ;
 E que he Rei só para elles ; torna , ó França ;
 Torna á tua primeira Magestade
 Com hum tal Rei ; destróe a triste noite ,
 Que a tua luz cubria ; as artes promptas
 A fugirem te vem coroar de novo
 Com suas uteis maós ; já se pergunta
 Nas profundas cavernas o Oceano ,
 Que he dos teus pavilhoens , que tremolavaõ
 Sobre as ondas ? Do Nilo , sim , do Euxino ,

Da

(*ff*) Este Poema foi composto na menor idade de Luiz XV.

Da India , e dos seus portos o commerçio
 Te chama , e te descobre os seus thesoiros ;
 Mantem a paz , e a ordem , sem que busques
 As victorias ; com tanto que te faças
 Arbitra das Naçoes , he mui bastante ,
 O' França , á tua gloria ; o seres d'ellas
 Terror , e espanto , muito te há custado.]

Junto a este Rei moço já se avança
 Com esplendor o Heróe , (gg) que assim de longe
 A calumnia persegue ; naó he fraco ,
 Facil , ardente sim , cheio de genio ,
 Muito dado aos prazeres , muito amigo
 De novidades , elle revolvendo
 O Universo do seio dos deleites ,
 Por artificios novos , com bem destra
 Política suspensa tem a Europa ,
 Dividida , e tranquilla ; esclarecidas
 As artes saó por sua vigilancia ;
 Nascido para todos os empregos ,
 Tem todos os talentos , os de hum Chefe ,
 De hum soldado , de hum cidadão perfeito ,
 E de hum Rei magestoso ; elle , meu filho ,
 Naó he Rei , mas ensina a fello a todos :

Em

(gg) Verdadeiro retrato de Philippe Duque d'Orleãas, Re-
 gente do Reino.

Em huma tempestade entaõ no meio
 Dos relampagós vê-se ao ár erguido
 O estandarte da França ; diante d'elle
 De Hespanhôes huma tropa bellicosa
 Das Aguias dos Germanos destroçava
 A soberba cabeça. O' Pai ! Que novo
 Espectaculo, he este ? Tudo muda
 (Diz Luiz) tudo tem seu fim na terra ;
 Adoremos do Altíssimo a escondida
 Sciencia : do poderoso Carlos Quinto
 A raça se encurtou ; a Hespanha agora
 Nos vem pedir os Reis : he hum dos nossos
 Sobrinhos , que lhes vai dar leis. Filipe
 A este objecto Henrique fica preso
 Na doce suspençao , e nos transportes
 Da alegria ; modéra (Luiz prosegue)
 O' filho , esse primeiro movimento ,
 Grandes successos deves temer inda ;
 Do seio de Pariz se hoje recebe
 Madrid hum Rei , talvez que perigosa
 Esta honra a ambos seja. O' Reis , que vindes
 Do meu sangue ! O' Filipes ! O' meus filhos !
 França , Hespanha , ó pudesse para sempre
 Ver-vos eu congrassadas ! Até quando (bb)

M

In-

(bb) No tempo , em que isto se escreveu , o ramo de França ,
 e o de Hespanha estavão detinudos.

Infelices politicos os factos
Accendereis das publicas discordias ?

Assim fallou : Henrique de improviso
Naõ vio mais , do que hum vaõ ajuntamento
De mil coisas confuzas ; eis as portas
Do Templo dos Destinos se fecharão ,
E dos Céos as abobedas luzentes
Da sua vista logo se esconderão.

Com a face vermelha a Aurora em tanto
O Palacio do Sol no Oriente abria ;
A noite a outros lugares os escuros
Véos levava ; indo já de volta , os sonhos
Fugiaõ com as sombras. Despertando
O Heróe , entra a sentir dentro em seu peito
Estranha , e nova força , ardor Divino :
Susto , e respeito o seu olhar inspira ;
Deos a seu rosto encherá de huma sancta
Magestade ; bem como lá no Monte
Sinay se vio , que o vingador dos Póvlos
De Israel , tendo o Eterno consultado ,
A seus pés os Hebreos depois por terra
Cahidos , naõ puderaõ de seus olhos
Supportar a brilhante claridade.

CAN-

CANTO VIII.

ARGUMENTO:

O Conde de Egmont vem da parte do Rei de Hespanha soccorrer a Mayenne, e os da Liga. Batalha de Ivry, na qual Mayenne foi desfroçado, e Egmont morto. Valor, e clemencia de Henrique o Grande.

A Confusa Assembléa dos Estados
 Em Pariz tinha já perdido o orgulho,
 De que ella blazonava ; só ao nome
 De Henrique amedrontados os da Liga,
 Parecia esquecerem-se do intento
 De fazerem hum Rei ; ninguem podia
 Deter-lhes o furor,inda que incerto,
 E nunca se atrevendo a dar a Coroa,
 Nem tiralla a Mayenne, por Decretos
 Vergonhosos, e vis, lhe confirmaraó
 Cargo, e poder, que a si elle arrogara.

Este lugar Tenente sem ter Chefe, (a)

M 2

Sem

(a) Elle se fez declarar pelo Bastimento, que lhe era af.

Sem diadema este Rei , tem hum partido ;
 Que o poder lhe confere assás supremo :
 Eis de hum Povo obediente já se acclama
 Defensor , e esse mesmo Povo jura
 Por elle combater , morrer por elle.
 De huma nova esperança lisonjeado
 Chama a Conselho os Chefes orgulhosos ;
 Vingadores , que saõ da sua causa ,
 Os Lorenas , (b) Nemours , (c) Canillac ,

(Châtre , (d))

Briſſac , (e) S. Paulo , (f) e o inconstante

(Joyeuse ; (g))

Elles vem : a fereza , o orgulho , a ira ,
 A desesperaçāo em seus semblantes
 Se deixaraō pintar. Alguns tremendo ,
 Seus passos parecia , que levavaō
 Enfraquecidos pelo muito sangue ,
 No estrago dos combates derramado :

Mas

feiçoados , lugar Tenente General do Estado , e Reino de França.

(b) O Cavalheiro d'Aumale , em que já se fallou , e seu irmão o Duque eraō da casa de Lorena.

(c) Carlos Manoel , Duque de Nemours , irmão uterino do Duque de Mayenne.

(d) Châtre era hum dos Marechaes da Liga.

(e) Briſſac tinha abraçado o Partido da Liga estimulado de Henrique III. haver disto , que elle não era bom , nem para a terra , nem para o mar.

(f) S. Paulo , soldado de fortuna feito Marechal pelo Duque de Mayenne.

(g) Joyeuse he o mesmo , de quem se fallou no Canto IV.

Mas esse mesmo sangue , esses combates ;
 Suas feridas , saõ os que os excitaõ
 A vingarem tambem suas injurias :
 Todos se vem dispôr junto a Mayenne ,
 Com o ferro na maõ todos lhe juraõ
 Vingança . Tal se viu no alto do Olympo ,
 Nos campos da Thessalia a tropa impia
 D'esses filhos da Terra amontoando
 Rochedos , e com loucas esperanças
 Pertender insensata com ameaços
 Subir aos Céos , a destronar os Deoses .

Huma nuvem rompendo de improviso
 A Discordia , tem hum carro luminoso
 Se lhe apresenta : ≡ Animo Francezes
 (Lhes diz ella) o soccorro he já chegado ;
 Cidadãos he agora , que he preciso
 Ou vencer , ou morrer . ≡ Então d'Aumale
 He o primeiro , que a tal noticia se ergue ;
 Elle corre , e diviza ao longe virem
 As lanças Hespanholas ; elle grita
 ≡ Eis-aqui o soccorro há tanto tempo
 Por nós pedido , e sempre demorado .
 Amigos , a Austria em fim há soccorrido
 A França ≡ Assim fallou : eis já Mayenne
 Se avança ás portas ; o soccorro nobre

Ap-

Apparecia entao n'esses lugares
 Respeitosos , que aos tumultos egregios
 Dos nossos Reis à morte há consagrado :
 Das armas scintillantes o conjuncto
 Formidavel , o ferro reluzente ,
 O ouro , a prata , as lanças que brilhavaõ ;
 Os Cascos , os Arnezes , e o pomposo
 Apparato nos campos desfiaõ
 Do Sol os mesmos raios : corre em chusma
 O Povo todo alegre a recebello ;
 Daõ mil vivas ao Chefe portentoso ,
 Que Madrid lhes envia : era este o bravo
 Mancebo Egmont ; (b) guerreiro que foi sempre
 Obstinado , ambicioso , e injusto filho
 De hum desgraçado Pai ; nos altos muros
 De Bruxellas a vida há recebido ;
 Seu Pai , a quem cegou o amor da Patria ,
 Morreu constante sobre o cadafalso ;
 Por querer defender vossos direitos ,
 Infelices Flamengos , opprimidos
 Dos vossos Reis ; o filho vós o vistes
 Hum froxo cortezaõ , hum temerario

Guer-

(b) O Conde de Egmont, filho do Almirante de Egmont, que foi degolado em Bruxellas com o Príncipe de Horn. O filho havendo ficado no Partido de Filipe II., Rei de Espanha, foi caçado em socorro do Duque de Mayenne na testa de 1800 homens.

Guerreiro a maô beijar por muito tempo,
 A maô , que perecer seu Pai fizera ;
 Do seu Paiz aos damnos há servido ,
 Perseguiu a Bruxellas , e em socorro
 Hoje vem de Pariz . Philippe o envia
 Como hum Deos tutelar ; elle , e Mayenne ;
 Crêraõ levar de volta ás tendas regias
 De Henrique o assombro , as iras , e a carnagem.
 O temerario orgulho acompanhava
 Seus passos. Grande Rei , com que alegria
 Naô apressavas tu o doce instante
 De hum combate , onde todos os destinos
 Do triste Estado unidos já se viao !

Junto ás margens do Iton , (1) e das ribeiras
 Do Euro , hum campo há feliz ; que fora sempre
 O amor da natureza : a guerra havia
 Reverenciado há tempos os thesoiros ,
 Com que estas margens bellas adornavaõ
 Os Zefiros , e Flora : alli os Pastores
 Os seus dias passavaõ bem tranquillos ,
 No meio dos horrores das discordias ;
 Pelo Céo protegidos , satisfeitos
 De serem pobres , elles pareciaõ *

Def.

(1) Em huma planice entre o Iton , e o Euro foi , que se deu a batalha de Ivry em 14 de Março de 1590.

Desprezar dos soldados a cobiça ;
 Debaixo das cabanas defendidos
 Dos sustos , naõ ouviaõ dos tambores ;
 Nem das armas o ruido. A estes lugares
 Chegaõ pois os dois Campos inimigos ;
 Marcha a desolaçao diante d'elles
 Por toda a parte : as aguas do Iton , e do Euro
 Se espantaraõ ; nos bosques já se occulta
 Cheia de horror a tropa dos Pastores .
 Juntamente co' as tristes companheiras ,
 Em seus braços os filhos foluçando.

Afflictos habitantes d'estas margens
 Cheias de espanto , ao vosso Rei ao menos
 Eßas , que assim verteis lagrimas tristes
 Naõ queiraes imputar : elle se busca
 Os combates , a paz busca sómente :
 Pôvos , a sua maõ mil beneficios
 Hade em vós derramar ; os vossos males
 Finalizar pertende ; elle vos ama ,
 De vós se compadece , n'este dia
 Espantoso peleja por vós mesmos .

Sabe Henrique prezar quaesquer instantes ;
 A-toda a parte corre sobre hum bruto
 Fogoso , mais ligeiro do que os ventos ,

Que

Que soberbo do pezo , que em si leva ;
 Ferindo com as maôs a terra , e o campo ;
 Desafia os perigos , chama a guerra ;
 Viaó-se junto d'elle os valerosos ;
 Companheiros , que saõ da sua gloria ,
 Cingidos de seus loiros ; d'Aumont (*l*) forte ;
 Que debaixo do mando militado
 Tinha de cinco Reis ; Biron (*m*) Graô Mestre ;
 Cujo nome bastava a dar espanto ;
 Carlos (*n*) seu filho , moço ardente ainda ;
 Impetuoso , que foi depois . . . mas elle
 Tinha entaô mais virtude. Alli se achayaô

Sul-

(*l*) João d'Aumont, Marechal de França , que obrôu maravilhas na batalha de Ivry , era filho de Pedro d'Aumont, Gentil homem da Camara , e de Francisca de Sully, herdeira d'esta antiga Casa. Elle servio os Reis Henrique II Francisco II , Carlos IX , Henrique III , e IV.

(*m*) Henrique de Gontaud de Biron , Marechal de França , Graô Mestre da Artilharia , era hum grande homem de guerra. Comandava em Ivry o corpo da reserva , e concorreu para o vencimento da batalha accometendo com resolução o inimigo. Ele disse a Henrique o Grande, depois da victoria \equiv Senhor , vós fizestes , o que devia fazer Biron , e Biron o que devia fazer o Rei \equiv Morreu de hum tiro de canhão no dia de Epernay em 1592.

(*n*) Carlos Gontaud de Biron , Marechal , Duque , e Par , filho do precedente , conspirou depois contra Henrique IV. e foi degolado na Bastilha em 1602.

Sully (*o*), Nangis (*p*), Grillon (*q*), todos de crimes
 Inimigos , a quem derrota a Liga ,
 Quando mesmo os estima. O valeroso
 Turenna (*r*), que depois do Grao Ducado
 De Bouillon mereceu ter o dominio
 Em Sédan ; infeliz dominio , logo
 Que creado , destruido por Armando.
 Essex com esplendor no meio d'elles
 Se deixa ver , tal como nas florestas
 A undulante Palmeira aos nossos Olhos
 Mais frondosos unindo a sua altura ,
 Mostra em soberbecer-se , só pela áspera
 Estranha , com que se ergue : scintillava
 O seu Casco c'os fogos mais luzentes ,
 Onde o oiro , e os diamantes á porfia
 Se expunhaó , cárlos dons , prendas preciosas ;
 Com que a sua Rainha havia honrado

Seu

(*o*) Rony depois Duque de Sully, Superintendente das Finanças, Grao Mestre da Artilleria , feito Marechal de França , depois da morte de Henrique IV , recebeu sette feridas na batalha de Ivry.

(*p*) Nangis , homem de hum grande merecimento , e de huma verdadeira virtude , aconselhou a Henrique III. de não fazer assassinar o Duque de Guiza , mas de ter o valor de o julgar segundo as leis.

(*q*) Grillon , chaimado o Bravo , ofereceu-se a Henrique III. de combater contra o Duque de Guiza.

(*r*) Henrique , Visconde de Turenna , casou com a Princeza de Sédan , mas seu filho Frederico , Duque de Bouillon , havendo entrado na conjuração contra Luiz XIII. ou melhor contra o Cardenal Richelieu , para haver de salvar a vida , largou a Sédan .

Seu valor , ou talvez sua ternura.

Vós , ambicioso Essex , ao mesmo tempo
Sois da vossa Rainha o amor mais grato ,
E a column dos Reis. Mais longe distaõ
Clermont (f) , Trimouille (g) , e o infeliz de
(Nesse ,)

Feuquieres , e o ditoſo Lefdiguieres (h) ;

D'Ailly , aquelle , a quem foi este dia

Dia funesto. Todos estes fortes

Heróes juntos aguardaõ tão fômente ,

Que o ſignal fe lhes dê ; do Rei ao lado ,

Lem no seu roſto de hum triuſo certo

A esperança , e o preſagio venturoſo.

Mayenne em tanto inquieto , conſternado ,
D'entro em ſeu coraçao , cheio de ſustos ,
Busca em vaõ a virtude ; ſeja que elle
A inuſtiça prevê do ſeu Partido ,
E naõ crê , que propicio o Céo fe moſtre
A's ſuas armas ; ſeja com efeito ,
Que em ſu' alma os preſentimentos tope .

Prc-

(f) Balfac de Clermont morreu na batalha de Ivry.

(g) Claudio, Duque la Trimouille , achou-se na batalha de Ivry. Feuquieres , e de Nesse Capitaens de 50 homens , ali foraõ mortos tambeni.

(h) Nunca homem algum mereceu melhor o titulo de feliz , que Lefdiguieres , poſt começoando por ſimples ſoldado che-
gou a Condeſtavel no reiñado de Luiz XIII.

Precursors dos grandes infortunios :
 Como Heróe quiz porém Senhor fazer-se
 D'esta sua fraqueza ; disfarçava
 A sua turbação debaixo de huma
 Alegria apparente : elle se excita ,
 Elle se apressa , e inspira aos seus guerreiros
 A esperança , de que elle mesmo he faltô.

Junto a elle d'Egmont cheio d'a altaiva
 Confiança , que em hum juvenil peito
 Faz nascer a imprudencia , já impaciente
 De exercitar o seu valor egregio ,
 A demora accusava de Mayenne .
 Irresoluto. Tal o bom Ginet e ,
 Do centro de hum vergel delicioso ,
 Nos campos lá d'a Thrácia apenas ouve
 Soar o clarim forte , que lhe excita
 O valor , quando logo inquieto , indocil ,
 De hum bellicoso fogo todo cheio ,
 Da soberba cabeça erguendo as crinas
 Movediças , saltando sobre a herva ,
 Parte impaciente , e pelo freio vôa ;
 Tal parecia Egmont : hum furor nobre
 Arde em seu peito , e brilha nos seus olhos ;
 Com a gloria , que já suppoem vir perto ,
 Se entretem ; elle crê , que o seu destino

Lhe

Lhe comanda a victoria. Ah ! que elle ignora
 Que o seu fatal orgulho lhe prepara
 Nas planices de Ivry a sepultura.

Para os da Liga em fim o grande Henrique
 Se avança , aos seus dizendo (que inflammados
 Saó da sua presença) = Vós nascestes
 Francezes , vosso Rei eu sou , saó estes
 Os vossos inimigos , marchai , vinde ,
 E segui-me , sem que inda no mais forte
 Da tormenta percaes já mais de vista
 O brilhante penacho , que fluctua Sobre a minha cabeça ; vós , amigos , Pela estrada da honra o vercis sempre = Isto o Rei pronunciando , qual se fosse Já vencedor , de hum novo ardor as tropas Elle vê inflammadas ; e invocando O Senhor dos Exercitos , já marcha.



Sobre os passos ligeiros dos dois Chefes Ao mesmo tempo entaó dos dois Partidos Voaó os combatentes. Assim como Quando dos montes , pelo grande Alcides Separados , os Aquiloens fogosos Sahem de hum vôo rapido , e movidas Subitamente as ondas dos dois mares

Pro-

Profundos , até os ares se levantão
 Com hum choque impetuoso. A terra ao longo
 Entra em gemidas , foge a luz do dia ,
 O Céo troveja , e o Africano em sustos
 Do mundo teme a proxima ruina.

Reunido ad mosquete o sanguinoso
 Estoque , leva a morte já dobrada
 De ambas as partes. Foi antigamente ,
 Que o demônio da guerra há inventado
 Em Bayonna , por despovoar a terra ,
 Est'arma cruel ; ajunta ao mesmo tempo
 Quanto o Inferno em si tem de mais terrível ,
 O fogo , e o ferro , d'elle digno fructo.

Baralhaô-se , combatem ; o artificio ,
 O valor , os clamores , o tumulto ,
 O pejo de ceder , a céga ira ,
 O medo , a ardente fède fó de sangue ,
 A desesperação , em fim a morte
 De fileira em fileira vaô passando.
 No Partido contrario hum o parente
 Persegue : alli o irmão , fugindo , morre ,
 A's maôs do irmão. Tremeu a natureza ,
 E a espantosa ribeira se inundava
 Bem á custa do sangue desgraçado.

Por

Por multidaô de lanças aguçadas ;
 De batalhoens de sangue todos tinctos ;
 De tropas arquinadas rompe Henrique ,
 Se arremeça , se avança , e faz caminho ;
 Segue-o o grande Mornay sempre pacato ,
 Sereno sempre ; junto ao Rei vigia ,
 Qual poderoso Genio , assim nos campos
 De Phrygia se fingiaô n'outro tempo ,
 Os motores perpétuos lá dos Astros ,
 E da Terra , envolvidos nos combates
 Debaixo dos vestidos dos guerreiros ;
 Ou quaes esses Ministros espantosos
 Do verdadeiro Deos , as Potestades
 Dos Céos , os Entes mesmos impassíveis ;
 Cercados dos relampagos , dos raios ,
 E dos ventos , com hum semblante sempre
 Inalteravel , movem o Universo :
 De Henrique elle recebe todas essas
 Rapidas ordens , da alma movimentos
 Intrepidos , que mudaô o combate ,
 E fixaô o destino : de improviso ,
 Aos Chefes das legioens elle as transporta ;
 O Official as recebe . As impacientes
 Tropas , ao som da sua voz , regulaô
 Obedientes as iras ; se dividem ,
 Se reunem , e em diversos corpos marchaô ;
 Hum espirito só prezide a tantas

Ma-

Maquinas , e taõ vastas. Mornay torna
 Ao Principe , elle o escolta , elle o accompanha ;
 Com a voz lhe desvia muitos golpes ,
 Que lhe eraõ dirigidos ; mas ás suas
 Maõs Estoicas já mais permittir pôde ,
 Que se manchem do sangue dos humanos.
 Infelices ; sua alma he ocupada
 Do seu Principe só , por defendello
 Unicamente a espada elle há tirado ,
 E aos combates o seu valor adverso ,
 Sabe affrontar a morte , e naõ quer dalla.

De Turenna o valor insupportavel
 Punha já de Nemours a tropa em fuga ,
 E atterrada. D'Ailly por toda a parte
 Leva a morte , e o temor ; d'Ailly , que conta
 Trinta annos de combates , que de novo ,
 Nos horrores da sanguinosa guerra ,
 Torna , a pezar da idade , a ter esforços .
 A seus golpes fataes hum só guerreiro
 Se oppoem , hum juvenil Heróe valente ,
 Que na flor de seus annos n'esta illustre
 Mortifera jornada , deu principio
 A' carreira fatal de seus combates.

De Himyneo inda terno elle proyava
 Apenas os encantos ; e assistido Dos

Dos amores , sahia dos seus braços :
 Corrido de naó ter tambem mais fama ;
 Que a de suas caricias , desejoso
 De gloria , elle aos perigos já se entrega;
 A sua cára esposa n'este dia ,
 Accusa o Céo , a Liga detestando ,
 E o combate mortal ; ella mesma arma
 O delicado amante , e tristemente
 Com a tremula maó ella lhe prende
 A pezada coiraça ; envolta em pranto ,
 Com hum casco precioso em'fim lhe cobre
 O lindo rosto , amavel a seus olhos.

No seu furor guerreiro a d'Ailly parte
 Por entre os turbilhoens de pó , de fogo ,
 Pelo meio dos corpos já sem vida ,
 De outros feridos inda agonizando :
 Os fogosos ginetes de ambos ficaó
 Logo alli traspassados ; ambos elles
 Sobre a relva abatida , e ensanguentada ,
 Longe dos esquadroens , já se accomettem
 Com impeto seguro ; o sangue os tinge ,
 Cobre-os o ferro , e as lanças na maó tendo ;
 De hum formidavel choque de improviso
 Elles se batem ; reslo-ou a terra ,
 As lanças se quebraraó ; assim como ,

N

Em

Em hum Céo abrazado , duas nuvens
 Funestas , que o trovaõ trazendo , e a morte
 Em seus seios , se encontraõ lá nos ares ,
 E vôaõ sobre os ventos ; da uniaõ fea
 Os relampagos saltaõ , alli formaõ
 Os raios , que aos moriaes tanto estremecem.

Por hum subito esforço intentaõ logo
 Estes dois infelices outra morte ;
 Já brilha em suas maõs o duro alfange :
 A Discordia alli corre em continente ;
 O demonio da guerra , a sanguinosa
 Pallida morte estavaõ a seus lados :
 Suspendei infelices esses vossoſ
 Precipitados golpes ! Hum destino
 Porém fatal ſeus animos inflamna :
 No coraçao hum do outro dar paſſagem
 Aos eſtoques procuraõ , sim , n'aqueile
 Coraçao inimigo , que lhes era
 Desconhecido : o ferro , que os cubria ,
 Fusilando ſe vai fazendo em laſcas ,
 As coiraças , aos golpes eſpantosos ,
 Scintillaõ , ſalta o ſangue , que lhes tingue
 As maõs tyrannas : os escudos fortes ,
 E os caſcos , a violencia moderando ,
 Alguns golpes desviaõ , e repulſao

Hum

Hum pouco a morte ; confundidos ambos
 De tanta resistencia , respeitava .
 Cada hum o seu rival , e a valentia
 Do seu contrario : em fim d'Ailly o velho ,
 De hum golpe desgraçado ; a seus pés lança
 O excellente guerreiro ; este seus olhos
 Fecha á luz para sempre ; junto a elle
 Vai rolando o seu casco sobre a terra ;
 D'Ailly vê o seu rosto ; O' grito ! O' pasmo !
 O' desesperação ! Que terro o abraça !
 Ah que elle era o seu filho ! Elle o conhece,
 O desdito Pai tendo banhados
 Em lagrimas os olhos , dirigia
 Contra seu peito as parricidas armas ;
 Suspende-se porém , oppoem-se ao justo
 Furor seu , e tremendo ; parte , e deixa
 Hum lugar , que de horrores só lhe serve ;
 Detesta para sempre a sua iniqua
 Victoria , renuncia a Corte , os homens ,
 A sua mesma gloria ; e então fugindo
 Ao centro dos desertos , sua pena
 Nos confins do Universo esconder busca.
 Alli , seja que o Sol a luž ao mundo
 Restitua , ou seu curso a acabar chegue
 Lá no seio das ondas , elle aos écos
 Enternecidos repetir fazia

O nome , o triste nome de seu filho
 Desgraçado. Do Heróe , que já não vive ;
 A juvenil esposa , a fiel amante ,
 Pelo terror levada , incerta , e toda
 Tremendo , vem com passos pouco firmes
 Sobre as margens funestas ; ella busca ,
 Vê , reflecte na multidaão de mortos ,
 Encontra o seu esposo , e de improviso
 Desfalecida cai ; o véo da morte
 Em seu rosto se estende. E's tu , ó caro !
 Estas vozes assim interrompidas ;
 Estes gritos então meios formados
 Não são ouvidos ; ella lhe abre os olhos ;
 Com os ultimos osculos lhe aperta
 A boca desmaiada , aquella boca
 Queinda adora ; nos braços toma o corpo
 Pallido , e ensanguentado , olha para elle ,
 Suspira em fim , e abraçando-o , morre.

Pai , esposo infeliz , triste familia ,
 Do furor d'estes tempos lamentavel
 Exemplo ; possa pois d'este sucesso
 A terrivel memoria excitar sempre
 Piedade em nossos ultimos sobrinhos ;
 Arrancar de seus olhos proveitosas
 Lagrimas , e que nunca elles imitem
 De seus Pais os mortiferos delictos.

Po-

Porém quem faz fugir assim dispersos
 Os da Liga ? Que Heróe , ou que Deos forte
 A todos há destruido ? He Biron , esse
 Mancebo , cujo esforço havia feito
 Por entre batalhoens feliz passagem.
 D'Aumale os vê fugir , e ardendo em ira ;
 = Detende-vos , voltai onde assim fracos
 Correis ? E vós , fugis ? Vós companheiros
 De Mayenne , e de Guiza ? Vós , que tendes
 O dever de vingar Pariz , e Roma ,
 De defender a Igreja ? Não , segui-me ,
 Vossa antiga virtude a vós se torne ;
 Se combatéis á sombra de d'Aumale ,
 Vencereis certamente = Soccorrido
 De Beauveau , de Fosseuse sem demora ,
 E do feroz S. Paulo , einda de Joyeuse ,
 Juntaõ de noyo as tropas divididas ,
 Que elle marchando anima , só com verem
 Do seu rosto o esplendor : eis a fortuna
 Torna a chegar com mais ligeiros passos.
 Com hum valor intrepido sustenta
 Em vaõ Biron o curso arrebatado
 Da fogosa torrente ; elle espirando
 Vê junto a si Feuquieres ; Parabére
 Na multidaõ de mortos vê cahindo ,
 Nesse , Clermont , d'Angenne , todos estes

Tem

Tem já mordido a terra ; Biron mesmo,
 Ferido a tantos golpes , está quasi
 Rendendo a vida. Assim , Heróe valente ,
 Devias acabar , porque huma morte
 Gloriosa , huma desgraça , que he taô bella ;
 He da tua virtude o que fazia
 A memoria immortal , teu nome eterno !

O generoso Henrique soube logo
 O risco , em que Biron , por muito ardente ,
 Empenhad o se via ; elle ama-o muito
 Naô como Rei , nem qual senhor sevêro ,
 Que soffre , que se aspire á honra summa
 De lhe agradar , de quem o orgulho forte ,
 E o coraçâo soberbo crê , que o sangue
 De hum vassallo lhe fica mais que pago
 Com huma vista de olhos bem ligeira.
 Henrique da amisade sente os nobres
 Ardores ; amisade , dom sublime
 Do Céo , doce prazer das almas grandes ;
 Amisade , que os Reis , esses illustres
 Ingratos , porque nunca a conheceraõ ,
 São assás desgraçados ! Em fim parte
 Bourbon a soccorello ; o nobre fogo ,
 Que o excita , lhe faz mais forte o braço ;

E mais rapido o vóo ; o bom guerreiro , (x)
Já das sombras da morte entaô cercado ,
Eis que vê o seu Rei , o ultimo esforço
Empenha , á sua voz elle renova
Da vida os restos . De Bourbon aos golpes
Recuaô todos , todos se retiraô .
Biron guapo ! O teu Rei d'esses soldados
Te arranca , cujos golpes repetidos
Amorte te apressavaô ; pois tu vives ,
Em lhe seres fiel te empenha ao menos !

Hum ruido espantoso entaô se escuta .
A Discordia cruel contra as virtudes
Do Heróe reverberando os seus furores ,
Nova colera accende nos da Liga :
A' frené d'elles vóa de improviso ,
E o seu sopro fatal faz , com que ao longe
Sôe a infernal trombeta ; entaô d'Aumale ,
Pelo som , que era d'elle conhecido ,
Se excita , taô ligeiro como a frecha
Aos ares despedida : o Heróe sómente ,
Elle busca , sobre elle só se lança ,
Logo em tumulto acode toda a turba :

Tales

(x) O Duque de Biron ficou ferido em Ivry , mas foi no combate de Fontaine Française , que Henrique o Grande lhe salvou a vida . Refere-se este acontecimento na batalha de Ivry , pois não sendo hum facto principal , admittia o seu trasposto .

Taes no centro dos bosques, na carreira
 Precipitados, esses atrevidos
 Animaes, aos combates só creados,
 Feros escravos do homem, á carnagem
 Nascidos, cheios de huma raiva intensa
 Ao javali se lançaõ, ignorantes
 Do perigo fatal, cégos, violentos,
 Rouca bozina ao longe seus instintos
 Bellicosos excita, com que os montes
 E os concavos rochedos retumbaraõ:
 Assim contra Bourbon mil inimigos
 Se ajuntaõ, elle só se oppoem a todos
 Sem amparo da sorte, consternado
 Pelo numero, á vista já da morte:
 Luiz do alto dos Céos, n'este perigo,
 Ao Heróe, a quem ama, huma invencivel
 Força lhe dá; Bourbon he como a rocha
 Que os ares ameaçando, tempe a furia
 Dos ventos, quebra os impetos dos mares:
 E quem pôde explicar o sangue, a immensa
 Carnagem, de que o Euro vio cubertas
 N'este momento as suas grandes margens?
 Vós, Manes sanguinosos do mais forte,
 E animoso dos Reis, dai luz sublime
 Ao espirito meu, e pela minha
 Voz fallai, Bourbon vê, que já voando

A nobreza fiel vem defendello,
 Ella pelo seu Rei vem dar a vida,
 E peleja tambem seu Rei por ella;
 Diante de si leva o susto; a morte
 Os seus golpes seguiá, quando á sua
 Colera Egmont fogoso se apresenta.

Muito tempo enganado este estrangeiro
 Do seu valor, havi procurado
 O Rei na maior força do conflito;
 Naô fora conduzido á sepultura,
 A naô ser temerario; só a honra
 Do combate excitava o seu orgulho:
 ≡ Vem pois Bourbon, (dizia) a tua gloria
 Vem augmentar; he bem que pelejemos,
 Que o fixar a victoria a nós pertence. ≡
 Dizendo estas palavras, hum brilhante
 Relampago, funesto mensageiro
 Dos destinos, do ár abre as campanhas;
 O arbitrio dos combates, de improviso,
 Faz soar seu trovão, sente o soldado
 Debaixo de seus pés tremer a terra:
 D'Egmont suppoem, que os Céos lhe dão amparo;
 Que vão a defender a sua causa,
 Que combatem por elle; crê, que toda
 A natureza attenta á sua gloria

Pela voz do trovaõ lhe annunciava
 O triunfo ; ao Heróe em fim se chega ,
 Fére-o no peito , e já de haver vertido
 O real sangue , se acclama victorioso.
 O Rei , sem que se turbe , vê o successo ;
 Tanto como o perigo assim se dobra
 Seu esforço ; elle entaõ se felicita
 De no campo da honra haver hum dia .
 Encontrado inimigos assás dignos
 Do seu valor ; em vez de retardallo ,
 O estimula a ferida ; já sobre este
 Féro inimigo o Heróe se precipita ;
 De hum golpe mais seguro he de repente
 D'Egmont lançado em terra ; o scintillante
 Ferro lhe passa o peito : eis os cavallos
 Debaixo de seus pés tinctos de sangue
 O atropelaõ ; da morte as tristes sombras
 Envolverão seus olhos ; a sua alma
 Em colera passou a unir-se aos mortos ,
 Onde do Pai o aspecto justamente
 Lhe exicitou os remorsos. Vós , ufanos
 Hespanhóes até qui tropa soberba ,
 Com a morte d'Egmont vossa virtude
 Guerreira se anniquilla , ao menos hoje
 Não negareis , que o medo conhecestes !

O espanto, o horror, o espirito terrivel
 De turbaçao se ampara n'este instantie
 Das tropas assustadas ; passa logo
 Aos mesmos esquadroens , e em sim se estende
 Ao exercito : os Chefes assombrados ,
 Os soldados perdidos : hum não pôde
 Mandar , ouro tambem não obedece ;
 As bandeiras por terra , huns se confundem ,
 Correm outros , daõ gritos espantosos ,
 Atropellaõ-se , fogem : voluntarios .
 Se rendem huns , os joelhos outros dobraõ
 Ao vencedor , seus ferros já lhe pedem :
 Alguns com passos rápidos , querendo
 Evitar a ruina , as ribanceiras
 Buscaõ do Euro , e na fuga anebatados ,
 No profundo das aguas se despenhaõ ;
 Correm á morte em fim , que elles pertendem
 Evitar ; os cadaveres ás ondas
 O curso impedem ; volta , e retrocede
 O rio ensanguentado á sua origem .

Naõ he capaz Mayenne em tal desordem
 De haver temor ; afflito , mas tranquillo ,
 Senhor indade si , vê resoluto
 Sua cruel fortuna ; de seus golpes
 Elle sim vai debaixo , porém cuida

Em

Em d'ella triunfar : outro he d'Aumale ,
 Que junto a elle , o rosto enfurecido ,
 Accusava os Flamengos , a fortuna ,
 E os Céos ; ≡ Brayo Mayenne (assim dizia .)
 Morramos , já que tudo se há perdido ≡
 ≡ Deixa ! hum furor vaõ (olhe torna o Chefe)
 Vivei para hum partido , de que a honra
 Vós sois , vivei a restaurar a perda ,
 E a desgraça fatal ; n'este momento
 Funesto , vós , e Bois-Delfin procurem
 As reliquias juntar d'esses dispersos
 Soldados ; ambos vós entaõ segui-me
 'Aos muros de Pariz , indo de marcha ,
 Da Liga recolhei isto , que resta ;
 De Coligny vencido , e subjugado ,
 O valor excedamos ≡ Ah ! d'Aumale ,
 Isto escutando , chora ; elle estremece
 De raiva , mas a ordem que detesta ,
 Parte a cumprir. He qual Leão soberbo ,
 Que o Moiro domar soube , pois que docil
 A seu Senhor , a tudo o mais terrivel ,
 Sua horrerosa frete só sujeita
 A' maõ , que elle conhece ; de hum aspecto
 Feroz elle o acompanha ; elle rugindo
 O sabe acariciar ; em fim parece ,
 Que ameaça ,inda quando o lisonjá.

Aos muros de Pariz Mayenne em trato
 Com appressada fuga se retira,
 Por occultar o seu abatimento.
 Henrique , vitorioso , vê os da Liga ;
 Que de todos os lados , sem defeza ,
 Sua clemencia imploraó. N'este instante
 D'esses Céos as abobedas se abriraó ,
 Os Manes dos Bourbons aos ares descem .
 Do alto do Firmamento : Luiz chega
 Entre elles a observar , e como Henrique
 N'este nobre momento uso fazia
 Do triunfo , e por fim como acabava
 De dar merecimento à sua gloria.

Junto d'elle os soldados rendo os olhos
 Inda em furor accesos , reparavaó
 Para os tristes vencidos , que a seus golpes
 Escaparaó ; os timidos captivos ,
 Conduzidos a Henrique , só esperão
 Em profundo silencio , que a sentença
 Se lhes fulmine ; o espanto , a angustia , o pejor
 A desesperação pintado tinhaó
 Em seus rostos as suas desventuras :
 Sobre elles volta entao Bourbon os olhos
 Cheios de graça ; n'elles a ternura ,
 E a intrepidez reinavaó juntamente ;

Fi-

= Ficai livres (Ihes diz) vós desde agora
 Podeis permanecer meus inimigos ,
 Ou viver meus Vassallos ; em Mayenne ,
 Ou em mim , hum Senhor será pois justo ,
 Que vós reconheçaeis : de nós dois vede
 Qual o merece fer ; da Liga escravos
 Gemei debaixo d'ella , ou companheiros
 D'hum Rei , vinde por fim triunfar com elle .
 Escolhei de huma vez = A estas palavras ,
 Que preferia hum Rei cheio de gloria ,
 Em campo de batalha victorioso ,
 Se observaõ a hum momento os prisioneiros
 Contentes por se verem derrotados ,
 Felices porque a sorte os fez vencidos ;
 Seus olhos se iluminaõ , sem mais odio
 Se vém seus coraçoens ; Henrique os vence
 Co' seu valor , depois com a virtude .
 Os sujeita tambem , e honrados todos
 Com o nome , que tem de seus soldados ,
 Por expiar por fim o seu delicto ,
 Marchaõ sobre seus passos ; da carnagem
 O vencedor tranquillo há já cessado ;
 Senhor dos seus guerreiros elle applaca
 D'elles a valentia ; mais naõ era
 O leão , que de sangue só cuberto ,
 De lugar em lugar levava a morte ,

.3

E

E o terror ; era hum Deos todo benigno ,
 Que deixando o trevoão , a tempestade
 Prende , e consola a terra ; em seu semblante
 Ameaçador , feroz , e ensanguentado ,
 Há posto a paz o aspecto mais sereno :
 Aquelles , em quem quasi a luz estava
 A extinguir-se , por elle já revivem ;
 He sobre seus perigos , sobre as suas
 Necessidades , que elle vigilante ,
 Qual Pai attento , estende os seus cuidados .

A prompta mensageira dos successos
 Verdadeiros , ou falsos , augmentando
 Vai já sua carreira ; ella de hum voo
 Rapido , inda mais prompta do que o tempo ;
 Além dos marcs passa , vai de hum pólo .
 A outro , até encher todo o Universo ;
 Este monstro composto de olhos , bocas ,
 E de orelhas , que canta as maravilhas
 Dos grandes , e dos Reis canta a vergonha ,
 Que tem a si sujeitas a esperança ,
 A admiraçāo , a duvida , o desejo
 De saber , e a fatal credulidade ,
 Trombeta , que he da gloria , pela sua
 Brilhante voz , do Heróe da França parte
 A anunciar a vittoria . Desde o Tejo

Ao

Ao Eridano foi participado
 Por ella o estrondo ; entaõ eis o soberbo
 Vaticano se admira ; o Norte ouvindo
 Sua voz , de alegria todo se enche ;
 Madrid bramou de susto , e de vergonha ,
 De horror , e de tristeza : o desgraçado
 Pariz ! O' vós , infieis conspiradores ,
 Cidadãos enganados ! Sediciosos
 Sacerdotes em fum ; e com que gritos
 Dolosos soáraõ vossos Templos !
 No momento infeliz vossas cabeças
 De cinza se cubrirão. Ah ! Mayenne
 Inda vem lisonjear vossos esforços ;
 Vencido , porém cheio de esperanças ,
 E Senhor de Pariz , com ardilosa
 Politica , inda lá no seu retiro ,
 Quer aos da Liga incertos , que a derrota
 Se esconde ; contra hum golpe tão funesto
 Elle os quer segurar , imaginando ,
 Que em occultar talvez sua desgraça ,
 Elle entaõ a repará ; por cem ruidos
 Mentirosos quer ver , se assim reanima
 D'elles o zelo ; mas opposta a tantas
 Cautelas a verdade , desmentindo
 A' sua vista os seus projectos falsos ,
 Vóa de boca em boca , e ao mesmo tempo
 Os coraçoens de todos desalenta. A

A Discordia bramou , e redobrando
 As suas raias = Não verei (diz ella) o dia que
 Destruida por certo a minha obra ;
 Naó tenho n'estes muros infelizes
 Derramado os venenos , incendiado
 Tantos fogos , o meu poder firmado
 Com tanto sangue , a sua de-ver agora
 Levar Bourbon da França o vasto Imperio
 Por terrivel que seja , per tenho in da arte
 De enfraquecello ; se vencer não pude ,
 Poderei abrandallo e mais esforço
 Se naó opponha ao seu valor supremo
 A si mesmo , e naó mais , agora Henrique
 Sim tenha que vencer , e tremor deya , o dia
 Só do seu coração , volt aracallo , a os rostros ,
 E a vencello tambem por elle mesmo
 Fallou : e de improviso , lá das margens
 Do Sena , sobre huma guerra todo tincto
 De sangue , que a destrui spubera o odio ,
 Em huma espessa nuvem , que terrivel
 Torna pallido o dia , ella em fim parte ,
 E em demanda do Amor vóia appressada ,

A.

Digitized by Google



CANTO IX.

ARGUMENTO:

Descreve-se o Templo do Amor. A Discordia implora o seu poder para abrandar o valor de Henrique IV. Este Heróe be retido algum tempo com Madama de Estrée, tão celebre debaixo do nome da Bella Gabriella. Mornay o arranca do seu amor, e o Rei volta ao seu exército.

Nos ditosos confins da antiga Idalia,
Onde a Europa termina, a Ásia começa,
Hum Palacio (^a) se eleva antigo, e sempre
Dos tempos respeitado. A natureza
N'elle poí os primeiros fundamentos;
Depois a arte polindo aquella simples

Ar-

(a) Esta descripção do Templo do Amor, e a pintura d'essa paixão são inteiramente allegóricas. Se há posto em Chypre o lugar da Scena, como em Roma a morada da Política, porque os Povos d'aquelle Ilha passaram em todo o tempo pelos mais dados ao amor, assim como a Corte de Roma há sido reputada pela mais política da Europa. Deve-se pois respeitar aqui o Amor, não como filho de Venus, e como hum Deus da fabula, mas como huma paixão, representada com todos os prazeres, e todas as desordens, que a acompanham.

Architetura , vio-se , que excedia
 Da natureza o empenho ; seus vilinhos
 Campos , de verdes murtas abastados ,
 Nunca a injúria sentiraó dos invernos.
 Madurecer se vém , por toda a parte ,
 Vém-se brotar , em todo o tempo , tanto
 Os fructos de Pomona , como os mimos
 De Flora. A terra inculta não attende ,
 Para crear as suas sementeiras ,
 Aos desejos dos homens , nem á ordem
 Das estaçoens. Em huma paz profunda
 Parece alli gozar o homem tudo ,
 Quanto , do mundo nos primeiros dias ;
 Quiz com maó liberal a natureza
 Conceder aos mortaes ; repouso eterno ,
 Dias serenos , ares sempre puros ,
 Os gostos , e prazeres promettidos
 Da abundancia , os bens todos finalmente
 D'essa idade primeira , excepto a bella
 Innocencia. Por toda a parte se ouve
 O som d'esses concertos admiraveis ,
 Com que amole harmonia assim' inspira
 Doces languores ; ouvem-se os amantes ;
 E o canto singular das suas Damas ,
 Com que celebraó d'elles a vergonha ,
 E a fraqueza lhes louvaó : cada dia

Saó viutas , com as testas adornadas
 De flores , implorar de seus queridos
 Amantes os favores ; e á porfia
 Appressadas marcharem ao seu Templo
 Por instruidas serem na grande arte
 De agradar , e enganar. A lisonjeira
 Esperança , de hum rosto sempre affavel ;
 Pela maõ os conduz ao Altar mesmo
 Do Amor. Perto do Templo estaõ as Graças ;
 Meias nuas , ás suas vozes juntaõ
 Das danças os primores : sobre hum leito
 De branda relva , placido , e contente ,
 Ouve o molle Aperite as suas doces
 Cançoens , tendo dos lados o Segredo
 Sempre mudo , o Sorriso que enfeitiça ;
 Os Cuidados , a terna Complacencia ,
 As amaveis Delicias , os Desejos
 Mais doces inda , mais enganadores ;
 Do que os mesmos Prazeres inconstantes.

D'este Templo famoso he esta a entrada
 Deliciosa ; porém se accaso hum passo
 Mais audaz avançando-se penetra
 Té a abobeda sagrada , e ao Sanctuario
 Se leva , que espetaculo funesto
 Os olhos horroriza ! Dos prazeres

Naõ]

Não he mais essa copia amavel bella ;
 Concertos amorosos já mais se ouvem :
 As Queixas , os Desgostos , a Imprudencia ;
 O Susto , alli transformaõ a morada
 Deleitosa em habitaçao de horrores ;
 O taciturno Zelo com o rosto
 Macilento , e sombrio , vai de hum passo
 Vacillante seguindo huma Suspeita ,
 Que o guia. O Odio , a Raiva , derramando
 O seu veneno , marchaõ diante d'elle ,
 Tendo o punhal na maõ ; eis a Malicia ,
 Que os vê passar , de hum perfido sorriso
 Applaude a sua infame , e indigna tropa :
 Segue-a o Arrependimento , detestando
 Seus furores , e em pranto humedecidos
 Seus olhos , os abaixa , e em fim suspira .

No meio d'esta Corte assim de horrores ;
 Infeliz companhia dos prazeres
 Dos homens , he ahi , que Amor tem feito
 Sua eterna morada : este arriscado
 Infante já cruel , já carinhoso ,
 Traz da terra os destinos inviziveis
 Na sua fraca maõ ; com hum sorriso
 Elle dispensa a paz , ou manda a guerra ,
 E espalhando por toda a parte as suas
 Doçuras enganosas , elle anima

O

O Universo , e consciamente assiste
 No coração de todos ; sobre hum Throno
 Luzeiro , contemplando elle as conquistas
 Do seu braço , a seus pés via sujeitas
 As mais soberbas reis ; entraõ feroz
 Com suas cruidades mais , do queinda
 Com os seus benefícios , dava mostras
 De alegrar-se do mal , que havia feito.

Conduzida a Discordia de improviso
 Pela Raiya , os Prazeres apartando ,
 Abre livre passagem , quando agita
 O facho acceso , que na mão sustenta.
 De sangue riacto o rosto , em ira os alhos .
 Inflammados , lhe diz :— Onde , irmão , se achaõ
 Tuas segnas mortaes ? Para quem guardas
 As frechas invenciveis ? Ah ! se acceſa
 A tocha da Discordia , a teus furores
 Meu venceno fatal sempre juntaste ;
 Se tantas vezes pude a teu respeito
 Turbar a natureza , corre , vóa
 Sobre meus passos ; vem , e a minha injuria
 Sabe vingar ; hum Rei já victorioso
 Despedaçado tem minhas serpentes ;
 Elle por suas mãos a oliva ajunta
 Aos loiros triunfantes ; a clemencia ,

C

Com

Com hum passo tranquillo indo marchando
 Com elle ao sedicioso infasto seio
 De huma guerra civil , favorecida
 Dos regios estendartes , que tremulaõ
 Por toda a parte , intenta reunir todos
 Os coraçoens , sendo estes divididos
 Sómente para mim ; huma victoria
 Inda naõ alcancei , e já por terra
 Vejo o meu Throno em pó ; Henrique leva
 Aos muros de Pariz o raio ardente ,
 A combater já parte o Heróe famoso ,
 A vencer , e perdoar ; de cem cadeias
 Fortes me vai prender seu braço altivo :
 A ti toca impedir esta torrente
 No seu curso ; tu podes de taõ nobres
 Triunfos envenenar a fonte toda :
 Vai pois , Amor , debaixo do teu jugo
 Elle gema abatido ; prostra , vence
 O seu valor no seio da virtude :
 Lembre-te , que és aquelle , cujo braço
 Hercules fez cahir sem suas forças
 Aos pés de Omphale. Naõ se viu Antonio ,
 Nos teus ferros de todo enfraquecido
 Abandonar por ti graves cuidados
 Do Universo ? fugir estando á vista
 De Augusto , e por seguir-te sobre as ondas

Cleo-

Cleopatra preferir a todo o Imperio
 Do mundo ? Pois , Amor , para venceres
 Te resta Henrique só depois de tantos
 Guerreiros. Que nas suas maos soberbas
 Os loiros se lhe murchem , vai , procura ;
 Vai do myrto amorofo a frente altiva
 Cingir-lhe ; entre os teus braços adormeça
 Sua audacia guerreira ; tu de arrimo
 Ao meu Throno abalado serve agora ;
 Teu Reino he o meu , e a minha causa he tua.

D'esta forte fallava aquelle monstro ,
 E a retumbante abobeda os accentos
 De sua voz tremenda repetia ;
 Amor , que recostado sobre ás flores
 O ouvia , de hum sorriso fero , e doce ;
 Responde ás suas furias ; entretanto
 Elle se arma das suas frechas de oiro ;
 Elle dos vastos Céos as azuladas
 Esferas rompe já , e precedido
 Das danças , dos prazeres , e das graças ;
 Dos Zefiros nas azas vóa aos campos
 Francezes , em demanda só de Henrique.

Na carreira se alegra de ver logo
 A Simois fraco , e o campo , onde foi Troia ;

E

Elle ferri ao ver n'esses lugares
 Affamados as cinzasinda quentes.
 Dos Palacios , por suas maos extintos ;
 Elle divisa ao longe aquelles muros
 Erguidos sobre as aguas , seus soberbos
 Edificios , do mundo esse prodigo ,
 Veneza em fim , de quem Neptuno admira
 O destino ; que impéra sobre as ondas ,
 Represadas pela arte no seu seio.

Elle desce , e demora-se nos campos
 Da Sicilia , onde a Theocrito , e Virgilio ;
 Elle mesmo inspirará ; e onde se conta ,
 Que do amorofo Alfeo em outro tempo
 Elle as aguas por novos subterraneos
 Caminhos conduzira ; sem demora
 Da amavel Arethusa elle deixando
 As praias , vóa aos campos de Provença ;
 Onde Vauclusa (*b*) está , mimoso afylo ,
 Lugares , em que o graõ Petrarcha soube
 Nos seus bons dias suspirar seus versos ,
 E seus amores ; elle entaõ divisa
 As muralhas de Anet (*c*) edificadas

Nas

(*b*) Vauclusa junto a Gordes em Provença , celebre pela morada , que fez Petrarcha nas suas vizinhanças.

(*c*) Anet foi edificado por Henrique II. para Diana de Po-

Nas margens do Euro , cuja altaiva , e nobre
 Estructura elle mesmo dispuzera ;
 Por suas destras maos alli , com arte
 Estampadas as cifras de Diana ,
 Distinctas se conservaõ ; de passagem
 As graças , e os prazeres derramaraõ
 Sobre o tumulo d'ella as tenras flores ,
 Que dos vestigios seus hiaõ nascendo.

Aos campos d'Ivry chega finalmente
 O Amor. Posto que o Rei se achava prompto
 A partir , com designios superiores ,
 Da guerra a imagem fea confundindo
 Com os prazeres , quiz por hum momento ,
 Que ao seu trovaõ se desse algum repouso ;
 Mil guerreiros mancebos , caminhando
 Por meio dos alqueives , perseguaõ
 juntamente com elle os habitantes
 Dos bosques. Sente Amor , ao avistallo ;
 Inhumana alegria ; logo as frechas
 Elle aguça , as cadeas já prepara ,
 Agita os ares , que elle mesmo havia
 Serenado ; elle falla , de improviso
 Se arinaõ os Elementos , e de hum pólo

A

tiers , cujas cifras estaõ dispostas em todos os ornatos d'este
 Castello , o qual não he longe das planices de Ivry.

A outro vaõ chamando as tempestades ;
A sua voz se vê , que manda aos ventos
Juntar as nuvens , derramar na terra
As torrentes nos ares suspendidas ,
E que , com os relampagos ; e raios ,
A noite façô vir ; ás suas ordens
Fieis os Aquiloens tem já soltado
Suas azas , nos Céos escurecidos
A mais horrenda noite entaõ succede
Ao dia mais brilhante , a natureza
Geme por fim , e o Amor já reconhece :

Nos sulcos enlodados da campanha
Alagada , sem guia , sem escolta ,
Incerto marcha o Rei ; n'este momento
Amor accende a luz , faz com que brilhe
Esse prodigo novo diante d'elle ;
Apartado dos seus , por esses bosques
Escuros , segue Henrique este inimigo
Astro , que inda nas sombras resplandece ;
Bem como algumas vezes os viajantes
Turbados vaõ seguindo esses ardentes
Fogos , que a terra exhala ; sim , os fogos ,
Cujo vapor maligno , e passageiro
N'esse instante , em que a luz lhes communica ,
N'esse mesmo os conduz ao precipicio.

Pou

Pouco antes a fortuna a estes climas
 Miseraveis havia conduzido
 De huma illustre mortal os tenros passos ;
 No fundo de hum Castello solitaria ,
 E tranquilla, apartada dos tumultos
 Da guerra , alli seu Pai ella aguardava ,
 Que fiel a seus Reis , envelhecido
 Nos perigos , do grande Henrique havia
 Seguido os estendartes ; o seu nome
 Era d'Estrée ; (d) a maó da natureza
 A havia enriquecido dos sublimes
 Dons sem medida. Tanto naô brilhava ,
 Lá nas margens do Eurotas delicioso ,
 A que se viu culpada formosura
 Traidora a Meneláo. Menos tocante ,
 E menos bella em Tharso (e) deixou ver-se
 A que soube domar , e render soube
 O Senhor dos Romanos , quando attentos
 Das ribeiras do Cidno os habitantes ,

Nas

(d) Gabriella d'Estrée de huma antiga casa de Picardia, filha , e neta de hum Graõ Mestre de Artilharia, casada com o Senhor de Liancourt , e depois Duqueza de Beaufort &c. Henrique IV. se namorou d'ella durante as guerras civis : elle se desfarçava algumas vezes por ir fallar com ella. Huma dia se desfarçou em traje de paizano , e passou por entre as guardas inimigas , naô sem risco de ficar prisioneiro.

(e) Cleopatra indo a Tharso , onde Marco Antonio a havia chamado , fez esta viagem em huma Náo brilhante , ornada de ouro , e das mais bellas pinturas : as vélas eraõ de purpura ; as cordas de oiro , e seda. Cleopatra estava vestida , co-

Nas maõs tendo o thuribulo , a tiverão
 Por Venus. Ella entrava em huma idade
 Muito para temer-se ; essa que rende
 O jugo das paixõens inevitavel ;
 Seu coraçao se achava sim nascido
 Para amar , mas altivo , e generoso ;
 Os votos até alli de algum amante
 Não tinha recebido. Era não menos ,
 Que a fresca rosa em sua primavera ,
 Quando encerra ao nascer a formosura ;
 De que he dotada ; aos ventos namorados
 Os thesfoiros encobre de seu seio ,
 E se abre rão sômente aos doees raios
 De hum dia magestofo , e esclarecido.

Amor , que entaõ se aprompta a sorprendella ;
 Com hum nome supposto vai render-se
 Junto a ella ; sem facho elle se mostra ,
 Sem frechas , sem aljava : elle de hum simples
 Menino toma a voz , toma a figura :
 Se há visto (entaõ lhe diz) sobre a visinha
 Ribanceira avançar-se a estes lugares ,

Quem

mo entaõ se representava a Deoza Venus ; suas Damas figuraõ as Ninfas , e as Graças ; a pôpa , e próa estavaõ cheias de bellos Infântes desfarçados em Amores. Ella marchava com toda esta equipagem sobre o rio Cidno ao som de mil instrumentos de musica. Todo o Povo de Tharsos a reputou por Deoza , e Antropio desceu do seu Tribunal para lhe sair ao encontro.

Quem veneceu a Mayenne :— Assim fallando,
 Elle no coração lhe insinuava
 Hum desejo, ou paixão desconhecida
 De agradar a este Heróe ; de nova graça
 Seu rosto se animou ; e o Amor mesmo,
 Já de vella tão bella se gloriava ;
 De tantos attractivos soccorrido,
 Que se não prometria ! Elle a encontrar-se
 Com o Monarca os passos lhe dirige.
 O simples artificio, com que o adorno
 Ella em si há formado, parecia
 Aos olhos, que se enganaõ, hum effeito
 Da natureza ; o oiro de seus loiros
 Cabellos, que se espalhaõ, ondeando
 A vontade dos ventos, humas vezes
 À garganta lhe cobre, e os dois thesouros
 Nascentes ; outras vezes patenteaõ
 O indizivel encanto. Mais amavel
 Sua grave modestiainda a fazia,
 Não aquella sombria austerdade,
 Que affugenta os Amores, einda a mesma
 Formosura ; hum pudor sim doce, e brando,
 Inocente, pueril, que torna o rosto
 Colorido com hum rubor divino,
 Que motiva o respeito, que os desejos
 Inflamma, que inda mais augmenta o gosto
 D'aquelle, que feliz pôde vencella. In

Inda faz mais o Amor , mas que milagre
 Lhe será impossivel ! Elle encanta
 Com hum forte attractivo estes lugares ;
 As murtas enlaçadas , que obediente
 A terra de improviso vai brotando
 De seu prodigo seio , estendem logo
 Em torno d'esta estancia as suas folhas :
 Quem passa á sombra d'ellas , por occulto
 Laços sente prender-se ; entre o deleite ,
 E a turbaçao já mais pôde apartar-se ;
 Debaixo d'esta sombra , fugitiva
 Corre huma fonte , assás encantadora ;
 Os ditosos amantes docemente
 Engolfados , alli a longos trágos
 Bebem do seu dever o esquecimento ;
 Por toda a parte Amor faz , que se sinta
 O seu poder ; alli tudo apparece
 Mudado , os coraçõens não tem socego ;
 Todos envenenados saõ do encanto ,
 Que respirão ; em fim tudo alli falla
 De Amor . No prado os passaros redobraõ
 Os beijos , as caricias , e os seus cantos ;
 O ardente cegador , que antes da aurora
 Se encaminha a cortar essas , que o Estio
 Creou , loiras espigas , se perturba ,
 Suspira , e se detem ; impaciente

Seu

Seu coração com seus novos desejos ;
 Fica encantado n'estes deliciosos
Retiros ; suspirando em fim não pôde
 Proseguir na colheita. Junto d'elle
A Pastora esquecida dos rebanhos ,
 Da tremula maó sente já cahir-lhe
 O fuso : como a hum' poder tão forte
 Se pode oppor d'Estrée ? Per hum' encanto
 Invencivel se vê toda attrahida ;
 N'este dia funesto , ah ! que inimigos
 Vai combater ! a sua mocidade ,
O Herói, o **Amor**, e o seu coração tenho !

O valor immortal de Henrique he certo ,
 Que o chamava em segredo algumas vezes
 Para as suas bandeiras vencedoras ;
 Huma invizivel maó he , quem o obriga ,
 E faz , que se demore ; na virtude
 Em vaõ procura o apoio , ella o abandona ,
 Céga sua alma , em fim , não vê , não ouve ,
 Mais , que d'Estrées , não ama , não conhece .

Longe d'elle entre tanto os Chefes todos
 Cheios de admiraçao já se perguntao ,
 Onde o Príncipe está ; pelos seus dias
Ellas tremem , e ficão consternados :
Quem

Quem o pudera crer ! N'este momento
 Muito houve que temer-se pela gloria
 De Henrique , em vaõ se busca , seus soldados ;
 Postoq sem elle em marcha , o valor perdem ,
 Sem o seu Rei parecem já vencidos.

Mas o Genio feliz , que assim preside
 A' França , naõ soffreu por muito tempo
 Taô agriscada ausencia ; dos Céos desce
 A' voz de Luiz , e a dar socorro ao filho
 Vem de hum rapido vóo ; entaô chegado
 A este triste hemispherio , olhou em roda
 Por toda a terra , a ver , se n'ella hum sabio
 Poderia encontrar ; naõ o procura
 N'esses lugares sempre respeitaveis ,
 Em que habita a abstinencia , que ao silencio ,
 E ao estudo se consagraó ; a Ivry parte :
 Alli , onde a licença , onde a arrogancia
 Do vencedor guerreiro se enfurece ,
 Seu vóo terminou o sempre fausto
 Anjo da França ; sim , no centro mesmo
 Das bandeiras dos filhos de Calvino
 Dirigio-se a Mornay ; (f) n'isto quiz elle

P En-

(f) He erróneo o pensamento do A. , quando affirma , que a razão só , e o discurso bastaõ a dirigir as nossas accções . Pode sim o homem obrar sem a influencia da graça , algumas accções na ordem natural , mas nunca elles seraõ dignas de

Ensinar-nos , que muitas vezes basta ;
 Para nos conduzirmos , o discurso ;
 Como no Gentilismo a razão fora ,
 A que a Platão guiara , e a Marco Aurelio ;
 Vergonha que serão dos Christãos sempre.

Mornay soube , não só prudente amigo ;
 Mas austero Philósofo ; a grande arte
 De arguir , e de agradar ao mesmo tempo ;
 Melhor que os seus discursos ; instruia
 Seu exemplo ; as mais solidas virtudes
 Forão os seus , e os únicos amores ;
 Ancioso de trabalhos , insensível
 Às delícias , com passo firme andava ,
 Junto dos precipícios ; o ar da Corte ;

E

humas superior recomponfa. A prova que elle produz ha igualmente futil : nunca se viraõ no gentilismo virtudes solidas , e dignas do Christianismo. O mesmo Platão , e Marco Aurelio mancharão suas maximas Philosoficas com mil erros praticos. He por isso que d'estes sábios diz o Apóstolo , que Deus os entregou a seus reprovados sentimentos por não terem reconhecido a liberal mão do Céo , que sobre elles desramou as suas luces. Além de que , ha muito verosímil , que estes Philosofos tivessem conhecimento da revelação , donde podiaõ tirar essas bellas maximas , que nos deixaraõ , e de que não se souberão aproveitar. Platão , além de outros sábios Gregos , peregrinou por diversos paizes , e penetrou até o Egypto , como estreve Diogenes Laercio na sua vida : alli , elle podia ter perfeito conhecimento da Lei Moysáica : os Romanos , e como não Marco Aurelio este grande Imperador ; fôraõ mil vezes atterrados pela fatal voz dos pregadores Evans gelicos , que combaterão na mesma Roma os seus erros .

{Nota do Editor }

E o seu sopro empestado não puderaõ
 Inficionar já mais a sempre austera
 Innocencia do seu coração casto.
 Assim, bella Arethuza, as tuas aguas
 Afortunadas correm para o seio
 Furioso de Amphitrite, hum crystal puro,
 As ondas sempre claras, a quem nunca
 Os amargosos mares corromperão.

O excellente Mornay, fendo-lhe guia
 A Prudencia, transporta-se aos lugares,
 Onde em braços a tépida moleza
 O vencedor retinha dos humanos,
 E n'elle subjugava juntamente
 Os destinos da França; a cada instante
 O Amor, suas victorias augmentando,
 Mais feliz o fazia, porque a gloria
 O inflammasse melhor; quando os prazeres
 Tem quasi sempre termos tão succintos,
 Seus momentos alli se repartiaõ,
 E preenchiaõ seus dias deliciosos.

No meio d'elles, eis que ardendo em ira;
 Amor descobre de Mornay ao lado
 A severa Prudencia; elle pertende
 Lanças sobre hum guerreiro tão illustre

Hum tiro vingador ; imaginava
 Encantar seus sentidos , procurando
 Ferir seu coração ; mas seus encantos ;
 Suas iras Mornay sabio despreza ;
 He sobre suas armas , que se embotaõ
 De Amor as setas fracas ; elle aguarda
 Que o Rei , sem companhia , se offereça
 A seus olhos ; talvez quando contemple
 Por desafogo aquelles bons lugares.

No fundo dos jardins , onde huma fonte
 Mais crystalina corre , álli debaixo
 De hum' amerofo myrto , doce asylo
 Do segredo , d'Estrée ao Regio amante
 Prodigia dispensava os seus agrados ;
 Elle desfalecia junto d'ella ;
 Elle ardia em feus braços ; já mais nada
 Alterava os encantos das suaves
 Doces conversaõens ; feus olhos cheios
 De venturofas lagrimas estavaõ ,
 D'ellas lagrimas fim , que dos amantes
 Fazem toda a delicia . Elles sentiaõ
 O lethargo , os desmaios , os transportes ;
 Os furores , que hum tenro amor inspira ,
 Que elle só faz gostrar , que elle só pode
 Descrever ; os Prazeres brincadores ,

Os

Os Amores pueriz o Heróe desarmao ;
 Hum lhe toma a coiraca,inda cuberta
 De sangue , ouro lhe tira fóra a espada
 Formidavel; assim se divertiao ,
 Tendo nas fracas maos aquelle ferro
 Do Throno apoyo , assombro dos viventes.

A Discordia de longe entao insulta
 A fraqueza do Heróe ; por hum susurro
 Seu barbaro prazer ella declara ;
 A fera actividade se aproveita
 Dos seus instantes ; corre em fim da Liga
 A irritar as serpentes ; ah ! que em quanto
 Bourbon repousa , e dorme , se desperta
 Dos inimigos seus a raixa toda.

N'esses jardins , em fim , onde desmaia
 Sua virtude , vê , que lhe apparece
 Mornay , e ao vello , cobre-se de pejo ;
 Hum do outro só por só , teme a presença ;
 Chega-se o fabio a elle , e hum pensativo
 Silencio guarda ; mas hum tal silencio ,
 E suas vistas baixas bem se fazem
 Do Principe entender , e assas se explicão :
 Sobre o sombrio rosto , em que reinaya
 A austerdade , Henrique facilmente
 Sua

Sua vergonha lè , sua fraqueza
 Raras vezes se estimaõ dos defeitos
 As testemunhas , sim , é a qualquer outro ;
 Que naõ fosse Mornay , levára Henrique
 Muito a mal o cuidado : — Cár o amigo
 (O Rei diz) minha colera naõ temas ;
 Quem meu dever me ensina , está seguro
 De me agradar ; o coração se busca
 Do teu Príncipe , vem , porque elle he digno
 Inda de ti ; o ver-te só me basta ;
 Porque a mim mesmo tu me restituas ;
 Eu já torrio a cobrar toda essa gloria ,
 Que me há roubado o Amor ; d'este lehargo
 Vergonho fujamos á ignominia ,
 Fujamos em fim d'hum lugar funesto ;
 Onde meu coração sobresaltado
 Inda ama essas cadeias , que arrastara ;
 O meu maior triunfo , de hoje em diante ,
 Seja o vencer-me , vamos ; sim , nos braços
 Da gloria fique Amor escamecido ,
 E o terror em Pariz logo espathando ,
 Com o sangue Hespanhol o erro apaguemos .

Mornay , a estas palavras generosas ;
 Conheceu o seu Rei : — Sois vós (diz este)
 Que apparecéis de novo , como augusto

Apoiá

Apoio , e defensor da França inteira ;
 Vencedor de vós mesmo , vós Rei foste
 Do vosso coração ; á vossa gloria
 Hum novo resplendor o Amar aumenta ;
 Se quem o não conhece he venturoso ,
 Illustre , e esclarecido , he quem o vence .

Affim fallou , e o Rei d'estes lugares ,
 Já se apressa a partir ; Oh Céos ! Que pena !
 Enternecem as suas despedidas !
 Cheio do amado objecto , a quem adora ,
 E a quem foge , se vai a condemnar-lhe
 As lagrimas , que verte ; ah ! que elle mesmo
 As derrama tambem ; vê-se obrigado
 Por Mornay , por Amon vê-se attrahido ;
 Retira-se , mas toma , em fia já parte
 Desesperado . Oh dor ! n'este momento
 D'Estrée desfalecida , sem sentidos
 Fica , sem cor , sem vida ; de huma noite
 Repentina seus olhos bellos se ornaõ ;
 Amor , que o percebeu lançou nos ares
 Hum espantoso grito ; o Heróe se assusta ,
 Elle recea , que huma noite eterna
 Leve Ninfá tão bella ao seu dominio ,
 E que apague os encantes para sempre
 D'aquelles olhos , que excitar deviaõ

Na

L. 3

Na França tanto ardor ; elle em seus braços
 A recebe , eis que logo aquella amante
 A' doce voz do amado vai abrindo
 As palpebras defuntas , e o nomeia
 Por seu querido bem ; torna a chamallo ;
 Mas em vão ; com os olhosinda o busca ,
 E de repente os fecha : o Amor banhado
 Das lagrimas , que o Heróe alli vertera ,
 A' luz , que lhe fugia , brandamente
 A torna a revocar ; de huma esperança
 Enganadora mostra-lhe a docura ,
 Do mal , de que era andou , elle a confola .

Mornay sempre inflexivel , e severo ;
 Entre tanto ao seu Rei penalizado
 Incitava a virtude em fim , e a força
 O caminho lhes mostraõ ; quem os guia ,
 Com os loiros naõ maõs , ha a bella gloria ;
 Raivoso o Amor de ver-se assim vencido
 Do dever , a occultar logo se apressa ,
 Longe d'Amet , as iras , e a vergonha .

CANTO X.

ARGUMENTO.

Volta o Rei ao seu exercito. Elle torna a dar principio ao sitio. Combate singular do Visconde de *Mayenne*, e do Cavalheiro d'Avrato. Fome horrivel, que assola a Cidade; O Rei alimenta os mesmos habitantes, a quem põe sitio. O Céo recompensa em fim as suas virtudes. A verdade vem ilustrarlos. Parizolhei sobre as suas portas, e se finaliza a guerra.

P Erdidos na moleza os arriscados
Momentos , causa forte de que os vencidos
Já da sua fraqueza se esquecessem ;
Para novas acçoens se vai dispondo
Mayenne ; huma esperança , que rehasce ;
O Povo alenta , e ao mesmo tempo o engana ;
Impaciente Bourbon , pois nada o impede ,
Parte logo a acabar sua conquista ;
Admirado Pariz torna de novo
A ver seus estendartes vencedores ,
O Heróe junto a seus muros torna a ver-se ,
N'aquelles mesmos muros , nos quaes inda .

440

Fus.

Fumando está seu raio , e que elle nunca
 A reduzir a cinzas se há disposto ,
 Por ter baixado a elle o Anjo da França
 A socegaf-lhe as iras , e a impedir-lhe
 O braço vencedor propinquó ao estrago .

Já no campo do Rei se ouvem os gritos
 De alegria ; impacientes o despojo
 Anhelaõ todos ; justo assombro occupa
 Os da Liga , entre tanto que turbados
 Com Mayenne se juntaõ a Conselho :
 Contrario allí d' Aumale a todo o voto ,
 Que fosse timorato , fortemente
 Esta failha lhes fez bem resolutio :
 — Nós inda naõ sabemos esconder-nos ;
 Vem aí nós o inimigo , he pois preciso ,
 Que para elle marchemos , que para elle
 Hum furor venturoso se diffija :
 A ardencia impetuosa dos Francozes
 Eu bem conheço ; a sombra dos seus muros
 Lhes sopita a virtude ; se se araca
 O Francez , elle está meio vencido ;
 A desesperação , ah ! quantas vezes
 Tem ganhado as batalhas ! Eu espero .. A
 Tudo de nós , dos nossos muros nadar
 Heróes , que me escouraes , rocião os campas

A
De

De Marte ; os vossos Chefes são (O' Povos
Que nos quereis seguir) os vossos mauros.

Calou-se a estas palavras : os da Liga.

Em silencio parece que lhe accusaõ
A audacia de imprudente ; de vergonha
A d'Aumale se assoma o sangue ao rosto,
E nos olhos de todos perturbados
Elle leu impaciente o temor d'elles,
E a repulsa ; ■ Esta bem , pois se a seguir-me
(Elle torna) valor em vós não acho,
A esta affronta , Francezes , eu não quero
Sobreviver ; se acaso hei que os perigos
Vós temeis , eu só vou , vai só d'Aumale
Offerecer-se a elles , e confiar-vos
Ao menos a morrer , quando não vença.

As portas de Pariz em hum instante
Elle abrir faz ; do Povo , que o rodeia,
Elle despede a escolta , e se adianta :
Hum Rei de armas , Ministro dos combates ;
Que até as tendas do Rei lhe há precedido ,
Entraõ grita em voz alta ■ Qualquer , que ama
A bella gloria , venha ; sim , dispute
N'este lugar a honra da victoria ;
Inimigos , d'Aumale vos espera.

A' voz do desafio , os Chefes todos
 De zelo arrebatados , já queriaó
 Provar o seu valor contra d'Aumale ;
 Perante o Rei alli se disputayaó
 Sobre a illustre ventagem ; todos tinhaó
 O preço do valor bem merecido ,
 Mas Turenna sómente foi quem pôde
 Obter honra taó grande ; o Rei há posto
 Nas suas maõs da França toda a gloria ;
 Vai (lhe diz) d'hum soberbo essa arrogancia .
 Reprime , pelo teu Paiz combate ,
 Pelo Principe teu , e por ti mesmo ;
 Ao partir do teu Rei recebe as armas :
 Isto dízendo Henrique , lhe confere
 A sua espada . O grande Rei (Turenna)
 Lhe responde , abraçando-o pelos joelhos .
 Vossa esperança naó será frustrada ,
 Juro-o por este ferro , e por vós juro .
 Fallou : o Rei o abraça , e já se lança
 Turenna para a parte , donde d'Anmale
 Impaciente esperaya , que a feus olhos
 Hum guerreiro valente apparecesse ;
 De Pariz todo o Povo correu logo
 A's muralhas ; os Chefes , e os soldados
 De Henrique , junto d'elle se puzeraó ;
 Sobre os dois combatentes se figuraó

A

As vistas todas ; cada qual procura
 Ver o seu defensor em hum d'aquelles ;
 E então não só com gestos , mas com vozes ;
 Imagina excitá-lhe o valor forte.

Sobre Pariz no em tanto se elevava
 Huma nuvem fatal , que parecia
 O trovoa conduzir , e a tempestade ;
 Seus lados denegridos , e abraçados ,
 Abertos de improviso já vomitaõ
 N'este lugar os monstros dos Infernos ;
 O horrivel Fanatismo , a sempre infâusca
 Discordia , a melancólica , fevrea
 Politica , de hum coraçao fâlfario ,
 De hum olhar ao revez ; mesmo o Demônio
 Dos combates , furores respirando ;
 Deoses embriagados só de sangue ,
 Deoses dignos da Liga ! Elles aos mutos
 Da Cidade se lançaõ , palli chegaõ
 Em favor de d'Aumale ; depois logo
 Ao combate se apressão . Eis que do alto
 Dos Céos abertos , n'esse mesmo instante ,
 Sobre o Throno dos ares , desce hum Anjo
 De luz cercado , envolto em resplandores ,
 Que com asas de fogo vai abrindo
 Sua carreira , atraç de si deixando .

O Occidente ilustrado com os fulcos
 Luminosos; de que elle está cingido;
 A oliveira sagrada elle sustinha
 Em huma mão , annuncio prodigioso
 De huma paz desejada ; em outra o ferro
 Do Senhor das vinganças retuzia ,
 A espada , que vibrara em outro tempo
 O Anjo exterminador , quando se achara
 Condenados á morte devorante
 Pelo Eterno os primeiros ; que nasciaõ
 De huma raça insolente. Logo á vista
 D'esta espada suspensos , desarmados
 Os monstros infernaes , desfalecidos
 Se mostraõ , o terror logo os sorprende ,
 Hum poder invencivel lança em terra
 As armas vis d'aquelle infame tropa.
 Assim do seu Altar , tinçõ de sangue
 Dos humanos , cahio o Dagon fero ,
 O Deos dos Philisteos , apenas a Arca
 Do Deos dos Deozes fora alli trazida ,
 E áquelle cégo Povo apresentada.

Pariz , o Rei , o exercito , os Infernos ;
 E os Céos fictado tinhaõ suas vistas
 Sobre o illustre combate ; os dbris guerreiros
 Na carreira entraõ logo ; soube Henrique

De

De huma acção de honra abrir-lhes o caminho ;
 C' o pezo de hum escudo elles seus braços
 Naó opprimem , tambem se naó occultão
 Debaixo d'esses bustos de aço , ou bronze ,
 Que forão n'outro tempo ornato honroso
 De antigos Cavalleiros , para a vista
 Brilhantes , para o ferro impenetraveis ;
 Quizeraõ rejeitar hum apparato ,
 Que demora o combate , e que o perigo
 Faz que seja menor ; as suas armas
 Saó só a espada ; abjecta outra defeza ;
 Expostos corpo a corpo já se avançaõ :
 ≡ O' Deos (Turennna exclama) que és agora
 Arbitro do meu Rei , d'esse; Céos desce ,
 E julga a sua causa ; por mim hoje
 Peleja , que o valor , sem ter a tua
 Maó protectora , he em vaó quanto trabalho ;
 Eu de mim nada espero , e se confio ,
 He na tua justiça. ≡ Entao d'Aumale
 Respondeu ≡ Do meu braço tudo espero ;
 De nós he , que depende esse destino
 Dos combates ; em vaó hum timorato
 Implora o Deos Supremo ; bem tranquillo
 Nos Céos elle a nós mesmos nos entrega ;
 O partido mais justo he do que vence ,
 E o valor he sómente o Deos da guerra. ≡

Fal

Fallou: e de hum aspecto todo cheio
De soberba , elle vê a segurança
Modesta , com que o seu rival se porta.

Mas a trombeta soa ; ambos avanção,
O combate fatal em fim começa ;
Tudo , quanto já mais ém si puderaõ
O valor , a destreza , a agilidade ,
A constaneia , a paixaõ , o ardor , a força .
Se vio de ambas as partes n'este choque
Admiravel ; cem golpes eraõ dados ,
E reparados logo ao mesmo tempo ;
Com furor humas vezes hum sobre outro
Se lança , mas com passo mui ligeiro
Se desvia o contrario ; mais unidos
Outras vezes parece , que se apertaõ ;
Espantoso prazer he vellos ambos
No perigo maior ; da gosto vellos
Como se observaõ , como entaõ se medem ,
Se temem , se demoraõ , se arremecão ;
O ferro scintillante desviado
Com arte , nos fingidos movimentos
Engana a vista absorta , e confundida :
Tal se há visto do Sol a luz brilhante
Quebrar seus raios na agua transparente ,
E por outros caminhos já rompendo

Do

Do crystal puro repassar aos ares :
 O expectador atento , sorprendido ,
 Naó o podendo crêr , a todo o instante
 Via dos combatentes logo a queda ,
 Para logo a vícotria ; mais ardente
 He d'Aumale , más forte , e más furioso ;
 He mais destro Turenna , porém menos
 Impetuoso ; senhor dos seus sentidos
 Sem colera animado , pouco a pouco
 Faz cançar o seu rígido' contrário :
 D'Aumale em vaós esforços exaurido
 Tem logo o seu vigor , e assim seu braço
 Já fatigado ao seu valor não serve ;
 Turenna , percebendo-lhe a fraqueza
 Reanima-se entaõ , e vai sobre elle ;
 De tal sorte o carrega , que de hum golpe
 Por fim mortal o peito lhe traspassa :
 Envolvidq nas ondas do seu sangue
 D'Aumale cahe : do Inferno os monstros todos
 Tremeraõ , e estes lugubres accentos
 Lá nos ares se ouviraõ : Já da Liga
 Se há destruido o Throno para sempre ,
 Tu o levas , Bourbon , o novo Reino
 Acabou : Todo o Povo corresponde
 Com gritos lamentaveis. Já d'Aumale ,
 Sem vigor estendido sobre a areia ,

Ameaçando a Turenna , em vão o ameaça ;
 Sua espada terrivel já se observa
 Da mão cahir-lhe ; sim , fallar pertende ;
 Mas na boca languente a voz lhe espira ;
 O horror de ser vencido he quem o aspecto
 Lhe faz ser mais feroz ; ergue-se , e torna
 A cahir ; abre hum olho agonizante ,
 Vê a Pariz , e morre suspirando :
 Mayenne desgraçado assim o viste ;
 Tu tremes , tuq proxima ruina
 Ah ! que n'este tão horrido momento
 Se está offerecendo a teus sentidos.

Os soldados no em tanto conduziaõ
 Aos muros de Pariz , a passos leitos ,
 O corpo miseravel de d'Aumale ; (a)
 Por entre hum Povo cheio de tristeza
 (Que horror !) este espetáculo funesto ,
 Esta pompa fatal foi caminhando ;
 Vê cada qual tremendo aquelle corpo
 Desfigurado , o rosto denegrido ,
 Tincto de sangue ; a boca hum pouco aberta ;
 Inclinada a cabeça ensanguentada ,

E

(a) O Cavalleiro d'Aumale foi morto n'este tempo em S. Diz-
 niz , e a sua morte debilitou muito o partido da Liga . O seu duel-
 lo com o Visconde de Turenna não hé mais , que huma ac-
 ção , mas estes combates particulares usavaõ-se entaõ .

E cubertas de pó os olhos , donde
 A morte em seus horrores mais se empenha ;
 Já se não ouvem gritos , não se observão
 Lagrimas ; a vergonha , o abatimento ,
 A piedade , o temor contém as queixas ,
 Os suspiros suffocaõ ; tudo treme ,
 Cala-se tudo ; hum ruido entraõ terrivel
 O horror d'este silencio augmenta logo ;
 Os gritos dos sitiantes se levantaõ
 Até os Céos ; os soldados , e seus Chefes
 Ao Rei supplicão , instado pelo assalto :
 Bourbon n'este momento lhes modéra
 A colera , e valor ; sentio , que ainda
 Dentro em si elle amava á ingrata Patria ,
 Elle salvalla quiz da propria furia ;
 Prompto em favorecer os seus Vassallos ,
 Quando era d'elles mais aborrecido ;
 A tempo que perderem-se procurão ,
 Elle os quer só ganhar ; feliz se julga ,
 Se com sua bondade stifeitando
 A féra audacia d'estes infelizes ,
 Os pudesse forçar , a que rogassem
 D'elle o perdaõ ; podendo d'estruiilos ,
 Faz , com que lhe resistaõ ; aos furores
 Lhes deixa em fim Bourbon entregue o tempo
 De afflito se arrependerem : há previsto ,

202

Q.

Que

Que sem assaltos pôde , sem combates ;
 Opprimilos ; que a fome , que a penuria ;
 Mais fortes do que ás armas , sem trabalho
 Lhe entregaraõ hum Povo sem alentos ,
 Nutrido na abundancia , costumado
 Ao luxo , que vencido de seus males
 Pela indigencia , humilde chegaria
 A implorar a seus pés toda a clemencia ;
 Porém o falso zelo (ah ! Quem tão duro
 Deixara de ceder !) o sofrimento
 Lhes ensina , e que a tudo elles se atrisquem

Os sediciosos pois , a quem pouava
 Huma maõ vingadora ,inda se atrevem
 A tomar por fraqueza , o que he virtude
 N'hum poderoso Rei ; do valor d'elle
 Esquecidos , soberbos abusando
 De tantas graças , já de novo insultao
 O seu senhor , affrontao , a quem mesmo
 Soube vencellos , chegaõ finalmente
 A infamar-lhe a vingança por otiosa.

Mas quando , em fini , do Sena , posto em sitio ,
 As aguas conduzir ja não puderaõ
 Para a grande Cidade o costumado
 Tributo das copiosas sementeiras

Dos seus contornos , quando a fome infesta ,
 E pallida , em Pariz apparecia ,
 Mostrando a triste morte , que apoz d'ella
 Marchava , entao se ouviraõ espantosos
 Alaridos ; Pariz de desgraçados
 (O soberbo Pariz) se viu encher-se ,
 Dos que com voz languente , a mao tremendo ,
 Para a vida o sustento em vaõ pediaõ ;
 O mesmo rico , vendo seus esforços
 Baldados , para logo sente a fome ,
 No meio dos thesoiros . Naõ haviaõ
 Nem mais divertimentos , nem mais jogos ,
 Ou festas , onde todos adornayaõ
 De rosas , e de murtas as cabeças ;
 Onde em grandes prazeres (que saõ sempre
 De pouca duração) os mais selectos
 Vinhos , e os mais magnificos manjares ,
 Debaixo das abobedas doiradas ,
 Em que habita a moleza , desafaviaõ
 Do inerte paladar o gosto enfermo .

Com horror , todos esses voluptuosos
 Entao se viu , que , pallidos , no aspecto
 Desfigurados , tendo a morte á vista ,
 No centro da opulência perecendo
 De miseria , detestaõ por inutil
 De seus bens a abundancia ; aquelle velho ,

Cuja fome termina já seus dias ;
 Vê que espira no borgo sem socorro
 O cárdo filho ; alli desfalecendo
 Huma familia inteira perde a vida ;
 Mais adiante , lançados sobre a terra
 Mil outros infelizes , disputando
 Estão inda nos ultimos instantes
 Sobre sordidos restos , vãs reliquias
 De hums alimentos vis . Estes espetros
 Famintos , ultrajando a natureza ,
 Vaõ demandar ao seio dos sepulchros
 O sustento dos mortos , e già podres
 Ossos , como se fosse hum puro trigo ,
 Dispoeim (que horror !) o pão : que naõ obrigaõ
 A tentar as misérias mais extremas !
 Das cinzas de seus Pais elles se nutrem ,
 Porém esta iguaria detestável
 Mais lhes apressa a morte , (b) este alimento
 Em fim lhes serve de ultima comida .

Com tudo os Sacerdotes , (c) esses impios
 Fanaticos Doutores , que bem longe

(b) O Embaixador de Hespanha foi , o que aconselhou , a que
 dos ossos dos mortos fizesssem pão ; mas isto servio de abbreviar
 mais os dias a muitos milhares de homens .

(c) Se he certo o que se affirma d'estes Ecclesiasticos , he

De terem tambem parte nas misericordias
 Publicas , dirigindo seus patemos
 Cuidados tão somente para as proprias
 Necessidades , todos na abundancia
 Viviaõ sempre , á sombra dos Altares ;^(d)
 Attestando a paciencia do Deos , que elles
 Tanto ultrajavaõ , promptos acudiaõ
 Por toda a parte a dar esforço ao Povo
 Para a constancia : a hums , a quem a morte
 Hia a cerrar os olhos , patenteavaõ
 Suas maos liberaes dos Céos as portas ;
 Ao mesmo tempo a outros , d'hum austero
 Golpe de olho profetico , mostravaõ
 O raio abrazador todo eminente
 Sobre hum Principe herege ; os numerosos
 Soccorros , sem demora alli chegados ,
 A pôr salvo a Pariz , em fim té prompto
 Do Céo o Manná , cahindo já sobre elles ;
 Ah ! Que estes contos vaõs , estas promessas .
 Estereis , mais , e mais inda encantavaõ

A

esse facto hum argumento da sua avareza , e inhuma-
 nidade ; mas os costumes (como já n'outra parte se adver-
 tio) em nada podem detrahir á doutrina sancta do Evange-
 lho , que tão claramente recomenda a compaixaõ para com
 os nossos similhantes , a quem manda amar como a nos me-
 mesmos , e por consequentia soccorrellos na sua miseria , e in-
 dignidades (Nota do Editor).

(d) Fez-se revista (diz Mezeray) nas casas dos Ecclesiasti-
 chos , e nos Conventos , e se acharão todos com provimento ,
 inda os mesmos Capuchinos , para mais de hum anno.

A tantas desgraçadas, muito faccias
De se enganarem; elles seduzidos
Pelos Padres, também amedronados
Dos Dezeseis, submissos, e contentes,
Aos pés d'elles morrião; na verdade,
Porque a vida abandonão, sao felices,

D'hum montão de Estrangeiros a Cidade
Repleta estava; tigres, que em seus seios
Nosso Avôs nutriraõ; mais terriveis,
Que a mesma morte, a guerra, e do que a fome:
Huns que vierão das Belgicas campanhas,
Outros lá dos penhascos, e dos montes
Da Helvécia, (e) todos barbaros, que ostentão
A guerra por offício, e as suas vidas
Naô duvidaõ vender, a quem lhas pague;
D'estes novos tyrannos as famintas
Tropas põem cerco ás cidades, e furiosas
Rompem as portas; dentre os assustados
Hospedes, vaõ ferir com mortais golpes
Naô por lhes arrancar os seus inuteis
Thesoiros; naô porque roubar pertendaõ
Com huma maõ adultera huma filha.

Cho-

(e) Os Suíços, que estavaõ em Pariz a soldo do Duque de Mayenne, nabi cometteram terríveis excessos; heffenq pl-
Jea suíço, que cõte o nome de barbaros, e matõ sobre, a
sua Nação, por ser esta huma das mais respeitaveis do mundo.

Chorosa á pobre Māi, que treme em súltos;
 Sim, a necessidade, de huma fome
 Taô cruel, que os devora, moltra n'elles
 Suffocar qualquer outro sentimento,
 Só porque se alimentem por hum pouco
 De tempo; este era o fim de huma esfausta
 Diligencia; indo apoz d'esta fortuna,
 Crueldade nã houve, nem supplicio,
 Que d'elles o furor nã inventasse.

Huma mulher (f) (O Deus!) he necessario
 Conservar na lembrança a narrativa
 Horrenda d'huma história tão funesta!
 Huma mulher se achou destituída
 D'hum resto de alimento, por huns d'elles
 Corações inhumanos; d'os bens, que ella
 Vio, que a cruel fortuna lhe roubara,
 Hum filho lhe restava, já propitíquo
 A espirar, como a Māi, ella furiosa
 Com hum punhal na mão chega-se ao filho
 Innocente, que os braços lhe estendia;
 A infancia, sua voz, seus attractivos,
 Sua miseria á Māi enfurecida

Mil

(f) Esta historia he contada em todas as memorias do tempo. Similhares horrores acontecerão também no sul do Brasil de Sacerdos.

Mil lagrimas lhe arrancô ; ella volta
 Sobre elle entao seu rosto perturbado ,
 Cheio de amar , de raiva , de piedade ,
 E de pezar ; o ferro por tres vezes
 Se lhe escapa da maô desanimada ;
 Arrebatou-se em fim dos seus furores ,
 E com tremula voz amaldiçoando
 O hymeneo , e o ter fido ella secunda ,
 = Cáro filho (lhe diz) tuy que sahiste
 D'estas minhas entranhas desgraçado ,
 De balde recebeste a crista vida ;
 Os tyrannos , e a fome beth depressa
 Ta troubaçao ; mas filho , porque he justo
 Que vivas ? Para errante , e sem ventura
 Andares em Pariz chorando sempre
 Sobre as suas ruinas ? Não g morre ; antes
 De sentir meu mal , e as tuas penas ; e não te
 Torna-me a vida , e o sangue , que te há dado
 Tua Mãe ; este meu infeliz peito
 Te sirva de sepulchro ; hum novo crime . A
 Veja ao menos Pariz em seus trabalhos .
 Dizendo estas palavras delirante ,
 E furiosa , no peito de seu filho
 A maô tyranna enterra , estremecendo
 O ferro parricida ; para junto

Do fogo ella o corpinho ensanguentado
Conduz , e com o braço , pela sua
Cruel fome impellido , enraão prepara
Sofregamente a barbara comida.

Attrahidos da fome os impetuosos
Soldados , a guiar tornão seus passos
Para esta habitaçāo toda de horrores ,
He d'elles o transporte simithante
A' alegria cruel , que occupa os Ursos ,
E os Leões , quando cahem sobre a prezal ;
Huns , e outros á porfia vem furiosos
E mettem dentro as portas ; mas que espanto !
Que terror ! Junto à hum corpo ensanguentado
Se mostra á vista d'elles perturbada
Huma mother , de sangue toda imunda ;
— Sim , he meu proprio filho , crucis monstros ;
Sois vós , que no seu sangue haveis tingido
Minhas maós ; de sustento pois vos sirvão ;
A Mai , e o filho , acaso estaes receando ;
Mais do que eu , ultrajar a natureza ?
Que horror eu vejo em vós , que assim parece
Vos gela a todos ? Tigres , taes regalos .
Para vós se dispõem : Este discurso
Insensato , que a colera lhe inspira ,
D'um punhal he seguido , que em seu peito

E.

Ella crava : agitados , e confusos
 Do horror d'este espectaculo , já fogem ;
 Estes monstros crueis espavoridos :
 Não ouzaõ mais olhar para esta casa .
 Terrivel ; pensaõ ver cahir sobre elles
 Fogo celeste , e o Povo já cançado
 De ver o horror fatal do seu destino ,
 Ergua as maõs ao Céo , pedia a morte .

Até as tendas do Rei foraõ as queixas ;
 Seu coraçao moveu-se , compungiraõ-se
 Suas entranhas ; sobre o infel Povo
 Elle se vê chorar : O' Deus (diz elle)
 Deus , que nos corações sempre estás lendo
 Que vês tudo , o que eu posso , que conheces ,
 Quanto emprehendo ; tu és o Juiz da causa
 Entre Henrique , e os da Liga ; a ti , bem sabes ,
 Que eu as miaõs innocentes erguer posso :
 Eu estendia os braços aos rebeldes ;
 Não cáiaõ sobre mim suas desgraças ,
 E seus crimes . Mayenne por seu gosto
 Estas victimas há sacrificado ,
 Elle impõe , se quer , tantos desastres
 A' obrigaçao precisa ; he esta a escusa
 Dos tyrannos ; as penas , as misérias ,
 Elle faça augmentar de meus Vassallos .

Por elle seduzidos ; inimigo
 Elle he d'elles ; ser Pai a mim me toca ;
 Alimentar meus filhos me pertence,
 E arrancallos dos lobos devorantes :
 O meu Povo deu aos meus favores
 O armaz-se contra mim ; eu por salvado
 Arriscarei perder o meu diadema ;
 Elle viva , eu o quero ; não importa
 A que preço ;inda mesmo a pezar d'elle ;
 Salvemo-lo com tudo dos que forão ,
 E saõ seus verdadeiros inimigos :
 E se muita piedade em fim me custa
 O meu Império , ao menos me contento ;
 Que em meu tumulo possa ler-se hum dia
 = Henrique hum inimigo generoso
 De seus Vassallos , que antes hâ querido
 Velloz salvos , do que reinar sobre elles. ■

Fallou : e ordena logo (g) se avisinhe
 Sem estrondo o exército às muralhas
 Da Cidade faminta ; que se levem
 Aos Cidadãos da paz bellos anuncios ,
 E que , em vez de vingança , só se trate

De

(g) Henrique IV, foi tão bom , que permitia aos seus Oficiaes (como diz Mezeray) que mandassem refrescos ás Damas , e aos seus amigos antigos : a exemplo dos Oficiaes os soldados o faziaõ tambem .

De benefícios. Promptas obedeçem
 Ao supremo preceito as suas tropas :
 Os muros se guarnecem & hum instante
 De imenso Povo ; então se vêm sobre elles
 Chegar á passos lentos esses corpos
 Inanimados ; pallidos ; trementes ;
 Taes , como se fingia , em outro tempo ,
 Que dos Reinos efeitos esses Magos
 Ao seu mando faziaõ vir as sombras ,
 Quando com sua voz elles detinhão
 Do Cocytus as correntes , e chamavaõ
 Os infernos , e as almas vagabundas.

De que excessivo assombro não se occupaõ
 Estes agonizantes , quando admirao ,
 Que se aprompta a nutrillõe elle mesmo ,
 O inimigo cruel ? Atormentados ,
 Destruídos pelos seus bons defensores ,
 Achaõ nos que os perseguem a piedade ;
 Todos estes successos elles tinham
 Por incríveis ; os piques fôrtildaveis
 Vaõ diante de si ; viaõ os bronzes ,
 Instrumentos que saõ das tyrannias
 Da sorte ; as lanças , sempre conductoras
 Do estrago , agora viaõ , que , auxiliando
 De Bourbon a vontade genetosa ,

ano

Nas

Nas pontas de hum ensanguentado fero
 A vida lhes trazão ; Pois saó estes
 (Elles dizem) aquelles crueis monstros !
 Este o Tyranno aos homens taó terivel ?
 O inimigo de Deos , que assim nos pintão
 De colera taó cheio ? Ah ! que he esta
 A mais brilhante imagem do Deos vivorje.
 He hum Rei bemfeitor , sacro modelo
 Dos mais Principes ; nós viver debaixo
 Das suas leis já mais lhç merecemos ;
 Elle triunfa ; e perdoa ; a quem o offende
 Elle ama ; possa todo o nosso sangue
 Firmar o seu poder. Nós muito dignos
 Da morte , de que Henrique nos izentra ;
 Consagremos-lhe o resto d'esses dias ,
 Que elle nos há piedoso conservado.

D'aquelles coraçoens enternecidos
 Esta foi a linguagem : mas quem pôde
 D'hum inconstante Povo assegurar-se ,
 Cuja fraca amisade em vaõs discursos
 Se dissipá ; que algumas vezes se ergue ;
 Mas que sempre a cahir torna de novo !
 Os Sacerdotes , esses que mil vezes ,
 Por meio da eloquencia , mais funesta
 Accenderão os fogos , que violentos .

Com-

Consumiraõ a França , a este Povo
 Humilhado se vaõ mostrar em pompa
 ≡ Combatentes sem animo (lhes dizem)
 E Christaos sem virtude , de que indigno
 Encanto vos deixaes enganar todos ?
 As palmas do martyrio já vós fracos
 Desconheçeiſ ? Soldados do Deos vivo ,
 Quereis antes viver para ultrajallo ,
 Do que morrer por elle ? Desde o Empyreo
 Vós está Deos mostrando as suas c'roas ;
 Christaos , naõ esperemos , que hum Tyranno
 Nos haja de perdoar ; á sua Seita
 Criminosa reunir-nos só pertende ;
 Com effes , pois seus próprios benefícios
 Tractemos de o punir ; os Templos Sanctos
 D'esse seu culto heretico salvemos . ≡
 Assim he que prégavaõ : suas vozes
 Fanaticas , senhoras do vil Povo ,
 E terríveis aos Reis , calar faziaõ
 A voz dos benefícios recebidos ;
 Tornando alguns entaõ á antiga furia ,
 Promptamente em segredo se accusavaõ
 De deverem a vida ao grande Henrique .

Por entre estes clamores , e por entre
 Estes gritos odiosos , a virtude

D'es-

D'este Rei até os Céos há penetrado ;
 Luiz , que velou sempre , nas alturas
 Da abobeda divina , sobre a raça
 Dos Bourbons , de quem elle era principio ;
 Conhece em fim , que os tempos caminhavaõ
 A serem já cumpridos , e que o excelfo
 Rei dos Reis o seu filho adoptaria :
 Fóra do coraçao lhe lançou logo
 Os encantos ; a fé enxugar veio
 Os seus olhos de lagrimas banhados ;
 Veio a doce esperança juntamente
 Com o amor paternal , que conduziraõ
 Seus passos junto aos pés do Deos Eterno;

He no meio das luzes d'hum perenne ,
 E puro fogo , que (antes lá dos tempos)
 O seu Throno immutavel Deos há posto :
 Debaixo de seus pés o Céo se forma ;
 De diferentes astros sempre o curso
 Regulado o annuncia ao Universo ;
 Hum Poder , hum Amor , á Intelligencia
 Associados naõ só , mas divididos ,
 Compõem a sua essencia ; na doçura
 De huma paz immortal , de huma torrente
 De gostos os seus Santos engolfados ,
 Penetrados naõ só da sua gloria ,

R

Mas

Mas d'elle mesmo cheios , á porfia
 Adoraô sua immensa Magestade :
 Em frente d'ele estaô os abrazados
 Seraphins , a quem elle há commettido
 Do Universo os destinos ; elle fallâ ,
 E vaô elles mudar da terra a face ;
 Das potencias do seculo saõ elles
 Que a raça dimiruem , entre tanto
 Que os humanos , infame jogo do erro ,
 Dos eternos conselhos sempre accusaô
 O sublime ; por elles se vio Roma
 Castigada , e sujeita ; aos bravos filhos
 Do Norte foi entregue toda a Italia ,
 Hespanha aos Africanos , e a Cidade
 Sancta , aos que de Mafoma o rito seguem ;
 Todo o Imperio há cahido , todo o Povo
 Há tido seus Tyrannos ; porém esta
 Impenetravel , justa Providencia
 Não deixa prosperar sempre a arrogancia ;
 Sua bondade algumas vezes pende
 A inclinar-se aos humanos , e entaô paffa
 Dos Reis o Sceptro ás maôs mais innocentes.

Eis o Pai dos Bourbons já se apresenta
 A seus olhos , e em meio dos suspiros
 Com voz enternecedida assim lhe falla :

Pai

≈ Pai do Universo , eu sei , que algumas vezes
Honras de huma só vista os Reis , e os Póvos ;
Olha o Povo Francez , como rebelde
Ao seu Principe he ; se elle quebranta
As tuas leis , por fiel he que assim obra ;
Cégo pelo seu zelo naõ attende ,
Que te desobedece ; em só vingar-te
Pensa , quando traidor a ti se mostra :
Vê esse Rei triunfante , que he da guerra
Raio , exemplo , e terror , gloria do mundo ;
Com tal virtude pois hás tu formado
Seu coraçao , e agora assim o entregas
Aos laços do erro ? He ponto mui preciso ,
Que obra das tuas maós a mais perfeita
Offereça ao seu Deos , ao Deos , que adora ;
Huma impura , e culpavel homenagem ?
Ah ! se ignorar teu culto o grande Henrique ;
Por quem o Rei dos Reis quer , ou pertende
Ser adorado ? Ah ! digna-te dar luzes
A hum nobre coraçao , que foi criado
Para te conhecer ; hum filho á Igreja
Benemerito dá , e hum Rei á França :
Dos da Liga obstinados desordena
Os projectos ; dá o Principe aos Vassallos ;
E os Vassallos ao Principe ; tu podes
Fazer , que os coraçoens todos unidos

R. 2

Tua

Tua justiça adorem , e te offereçao
Hum mesmo sacrificio em Pariz todos.

De seus rogos o Eterno já se deixa
Penetrar ; por palavra , que se digna
Dar-lhe da sua boca , elle o assegura :
A' sua voz Divina os mesmos astros
Se abaláraõ , tremeu com ella a terra ,
Os Ligados tremeraõ ; de improviso
Henrique , que nos Céos havia posto
Toda a sua firmeza , bem prezume ,
Que o Altissimo por elle se interessa.

De repente a verdade , essa que há muito
Se espera , dos humanos sempre amada ,
Muitas vezes porém desconhecida ,
Para as tendas do Rei desce da altura
Lá dos Céos ; logo hum véo espesso a impede
De ser vista de algum ; de instante a instante
As sombras , que a escurecem , vaõ cedendo
A' clara luz dos fogos , que as dissipam
Pouco a pouco ; ella em fim se manifesta
A seus olhos , de a verem já contentes ,
Naõ com falso brilhante , sim com hum claro
Esplendor , que já mais naõ alucina.

Hen-

Henrique , cujo peito sempre illustre
 Para ella era formado , vê , conhece ,
 Adora em fim a sua luz eterna ;
 Com fé confessá já , que he muito affirma
 Do homem a Religiao , que ella confunde ,
 Ella assusta a razaô ; já reconhece
 A Igreja , cá na terra combatida ,
 A Igreja huma só sempre , dilatada
 Por toda a parte ; livre ; mas debaixo
 D'hum Chete ; em fim a Igreja , que respeita ,
 Que adora , nos milagres dos seus Sanctos ,
 Do seu immenso Deos toda a grandeza.

Christo por nossas culpas renascida
 Victima , distribuido em hum vivente
 Sustento aos seus amados , e escolhidos ,
 Desce sobre os Altares : consternados
 De Henrique os olhos , elle entaô descobre
 Debaixo alli do paô , que não existe ,
 Hum Deos Eterno ; rende-se obediente
 Seu coraçao , entrega-se aos mysterios
 Sanctos , a seu juizo incomprehensiveis.

Luiz n'este momento , em que completa
 Seus desejos , Luiz , na mão trazendo
 A oliveira da paz lá dos Céos desce

Em

Em demanda do Heróe , que tanto estima ;
 Aos muros de Pariz vai elle mesmo
 A conduzillo ; os muros abalados
 A' sua voz se abriraõ : elle em nome
 Do Deos, que faz, que os Reis a reinar cheguem,
 Entra entaõ ; (b) os da Liga confundidos ,
 As armas humilhando aos pés de Henrique ,
 Com lagrimas os banhaõ ; ficaõ mudos
 Os Sacerdotes ; paliidos , e cheios
 De fusto os Dezeseis , em vaõ procuraõ
 Para occultar-se as grutas mais distantes ;
 Todo o Povo , mudado n'este dia ,
 O seu Rei verdadeiro reconhece ,
 Seu vencedor , seu Pai o acclamaõ todos .

Desde entaõ se admirou feliz , glorioso
 Hum reinado , que tendo seu principio
 Taõ tarde , taõ depressa teve o termo :
 O Hespanhol assustou-se ; Justamente
 Roma já mitigada , naõ duvida
 Adoptar a Bourbon ; Roma se há visto

D'el-

(b) Este bloqueio , e esta fome de Pariz tem por Epoca o anno de 1590 , e Henrique IV. naõ entrou em Pariz se naõ no mez de Março de 1594. Elle se havia feito Catholico em Julho de 1593 , mas foi preciso trazer para aqui estes tres grandes acontecimentos , porque se escrevia huiu Poema , e naõ huma historia.

D'elle amar-se. A Discordia tornou logo
A entrar na noite eterna ; em fim Mayenne
A hum Rei reconhecer foi reduzido ;
E já mudado em tudo , submettendo
Seu coraçao fiel , suas Provincias ,
Do mais justo dos Principes foi elle
O Vassallo melhor , que a França vira.

F I M.

Erratas:

Pag.	linh.	Erros	Emendas.
28	Nota (f)	4 Quintins	Quintino
29		11 o fogo	o jogo
—		13 Montesquieu	Montesquiou

835513

£10

(63)

Falkner Greirson

9.7.1984

[ZAH]

